

Tratado decimo do que se achamos

dilatadas, em cistradas como estão no fim da quarta lomanas, como tambe são as do pecado dos anjos; da cahida do primeiro homem, & semelhantes. Em as que tratão do premio dos bõs, das penas dos maos; de Deos, & amor que a elle se deve; dos beneficios divinos. Sempre se lanção fundametos de fé, & quasi sò nullo escribão. Se algũa coisa se acrescenta, ou nollo padre o tira de sua experiencia, ou da doutrina dos santos padres, cõ cautela, onde he necessaria, como faz na quatorze Ahozão das proemias, onde auisando, que não chegue o fervor dos exercitantes a fahir com votos, logo se acautela, dizendo. Ainda, que obras feitas por voto são de mór merecimeto que sem voto, com tudo sempre se ha de ter conta com os perigos, & inconuenientes que do voto se podem seguir. Firme neste fundamento nos deixou nollo padre os seguintes documentos em materias da Fé, nas vitimas regras de seus exercicios.

20 Primeiro, pondo de parte juizo proprio, sempre nossa alma ha de estar prompta pera obedecer verdadeiramente a Espoza de Christo, que he a Igreja Catholica.

Segundo, importa louuar, & respeitar o sacramento da Confissão, q se faz aos Sacerdotes; & a frequencia do santissimo Sacramento da Eucharistia, ao menos cada anno; sendo assi, que he mais louuavel cada oito dias, ou cada mes, concorrendo as circunstancias necessarias.

Terceiro, he bẽ encomendar aos fieis, que com deução frequentem Missa, & os cantos da Igreja de Psalmos, & que aproveem os tempos determinados pera as horas Canonicas, ou se rezem nos templos, ou fora delles.

Quarto, aproveuse o estado de religião; anteponha se o estado de pureza ao de matrimonio. Da mesma maneira se aproveem os votos dos religiosos, de pobreza, castidade, obediencia perpetua, com as mais obrigações de regras.

Quinto, louue se a veneração das reliquias, invocação dos santos, peregrinações pijs, indulgencias, jubileus, vjo de lumes & candelas, que ardem nos templos, & semelhantes deuções.

Sexto, aproveuse Jesus de quaresma, quatro temporas, festas, & sabados, & penitencias voluntarias, não sò interiores, mas exteriores.

Setimo, confirmem se preceitos da Igreja; & contra rezões

de perseguidores se defendão. Louuemse edificios de templos consagrados a Deos, ornamentos, imagens, a que se deue veneração pello que representam.

Oitauo, estime-se muito a doutrina da sagrada Theologia, assi moral, como especulatiua. Aduirtase, que he falta fazer comparação dos que viuem com os santos do paraíso; como he dizer. Este he mais douto que Agostinho; este he outro S. Francisco; he hum S. Paulo na santidade, &c.

Nono, ainda que he certo, que sô predestinados se saluão, cõ tudo se ha de falar nesta materia com muita cautela, pera que não diminuamos as forças do liure aluedrio, & boas obras, engrandecendo demasiadamente a predestinação; nem pareça attribuirmos pouco à predestinação, fazendo demasiado caso da força da graça, & liure aluedrio. Assi da predestinação se trate pouco, & em occasião de tal maneira se tépere a pratica, que não tome o pavor occasião de erro, dizendo; se ja está assentado na diuina predestinação. o q̃ ha de ser de mim, ou viua bem, ou mal, ja será o que ha de ser, de que ignorantes tomão occasião de deixar o exercicio das boas obras.

Decimo, aduirtase, que de se louuar muito a Fê sem mais de clarificação, toma o pouo muitas vezes motiuo, de se descuridar nas boas obras, q̃ acompanhão a Fê viua, com a charidade. Ainda q̃ he louuavel seruir a Deos puramente por seu amor, com tudo se ha de encomendar muito o temor de Deos, não somente filial mas ainda seruil, q̃ he sumamête proveitoso, & muitas vezes necessario pera sahir do pecado mortal, do qual se estiuermos liures, facilmente chegaremos ao filial, que conserua a vnião com Deos.

C A P I T U L O II

*Solução de algũas duuidas em materias de Fê,
que se achão nos exercicios.*

NA primeira meditação da primeira semana, diz santo Inacio no colloquio, q̃ cõsideremos, como o criador infinito se quis fazer criatura por nós; & decenda vida eterna à morte temporal por nossos pecado; que parece claramente contra o
que

Tratado decimo do que se acha nos

que ensina a Fé; porque o filho de Deos, ainda que se fez homẽ, com tudo propriamente não se pode dizer que se fez criatura. Porque aquelle homem Christo não he criatura, antes repugna a sua diuindade. Podemos responder, que santo Inacio deixando questões Theologicas, que não erão de seu intento, se acomodou no modo de falar nesta materia aos santos, entendendo por criatura homem; & chamando criatura tudo o que he composto de natureza criada, & nacido em tempo. O qual modo de falar então principalmente he licito, quando por outra via se entende a intenção do que fala; como se deixa bem ver na mesma meditação, & na primeira da segunda sômana, mas a verdadeira reposta he, que no original de mão de santo Inacio, não está a palavra criatura, mas homem.

Na meditação do nascimento diz assi santo Inacio. Confidere-se a Virgem sahindo da cidade de Nazareth em hũa asinhã, & são Ioseph acompanhandoa com hũa escravazinha, & hũ boy. Nas quais palauras se contem tres cousas, que o Evangelista não conta. Primeira, que a Senhora não caminhou a pẽ, mas em jumento, & por essa causa acrecenta nosso S. padre, que se pode isto piamente meditar; & he sentença de Nicolao de Lyra, a quem seguem o Cardeal Toledo, Carthusiano, Ioannẽs Mayor, & nosso Salmeirão, o qual diz, que não he de crer, que hũa donzela tenha; vizinha ao parto, caminhasse a pẽ; salvo se quiseremos multiplicar milagres. Não faltão com tudo varões doutos, que tem pera sy que caminhou a Virgem a pẽ, por dizer isto mais com sua pobreza, nem auer inconueniente da parte do estado em que hia; porque como diz Soares no Tomo de *vita Christi*, o bendito filho, que em suas entranhas leuaua, nenhum peso, molestia, ou cansaço causaua a saoratisima mãy. Assi o sentem são Fulgencio, são Bernardo, Nicephoro, & outros. Aos quais todos concedemos, que tão facilmente podia a Virgem caminhar a pẽ com seu filho nas entranhas, como antes da encarnação, com tudo se ha de crer, & meditar o que diz nosso padre santo Inacio. Porque primeiramente caminhar a Virgem em asinhã, não somente não diminue o estado de pobreza, antes o acrecenta; pois era acodir a necessidade, com o menos que podia ser, que era hum jumento, animal, & subsidio proprio de pobres. E ainda que a Virgem não tinha necessidade

ſidade deſte ſocorro, por via do filho, que em ſuas entranhas leuaua, tinha com tudo por cauſa da idade, & compreição natural, & aſi era mais decēte, & a ſão Joſeph, a cuja conta eſtaua a Virgem, ficaua obrigação de aſi o ordenar; ainda por euitar eſcandalos dos q̃o podião arguir, & calumniar, ou de deſcuidado, ou de auſtero, por leuar hũa tão delitada, & bela eſpoſa a pé em o coraçã do inuerno, caminão tão alpero, & comprido.

Segunda opiniaõ, que he leuarem boy, he de ſão Boauentura no liuro das meditações da vida de Chriſto; de Nicolao de Lyra, & os mais q̃ a ſima allegamos. O q̃ ainda cõfirma a commun tradição dos ſantos, que dizem, que o menino I E S V eſtaua em o preſepio entre dous bruto animaes, boy, & aſninha, porque ainda que podião ſer alheos, mais conformē he com tudo a rezão, q̃ naquelle pobre cãto onde ſe recolherão eſtes diuinos peregrinos, não ouueſſe couſa que não pertenceſſe ao pobre enxoval de ſão Joſeph.

Quanto à eſerauazinha, ou criada, ainda que he materia que ſe não acha em outro autor, he com tudo muito prouauel; que Joſeph a tinha, por ſer aſi neceſſario ao ſeruiço de caſa, principalmente por cauſa da decencia, clauſura, & guarda da Virgem MARIA noſſa Senhora, cuja vida mais ordinaria, era retirar men o à contemplação das couſas diuinas; & ſe das portas pera dentro tinham eſte ſeruiço, porque o não teriaõ fora de caſa, pois não excedia o eſtado, & pobreza que profeſſauaõ. Sem duuida o amor, & reſpeito que ſão Joſeph tinha à Virgem, podia eſte genero de cuidado, & prouidencia, em eſpecial por que ſabia m y bem, que o parto da Virgem auia de ſer naquella jornada; & como prouauelmente não ſabia o modo como auia de ſucceder, com ſanta prouidencia ordenou a acompanhalle a eſtraua a ſua ſenhora, pera della com mais decencia ſe ajudar naquelle acto, & o caſaõ. De qualquer maneira que ſeja, não ha inconueniente neſta pia meditação, pois nem repugna ao

Euangelho, nem à commun tradição, & tem congruencias acomodadas como

Capitulum
Nesta herança de rectidão
dilectos. (1111)
como nos honra P. Nabal
O que no nome O que no nome
CAPITULO

CAPITULO III.

Prosegue-se a mesma materia da Fé;
dos exercicios.

O Que santo Inacio dá a entender na segunda meditação da terceira semana, que Iudas comungou com os mais Apóstolos na última ceia; não he de Fé; mas he opinião de S. Agostinho no tratado sexto *in Ioan.* S. Hieronymo lib. 2. contra Ioviniano. Chrysostomo, Bernardo, Cypriano, Carthusiano, & outros; o que também se pode colligir de S. Lucas, quando diz, no mesmo prato come comigo o traidor; & de são Matheus, & Marcos, quando depois de assentados á mesa todos os discípulos com Christo, a todos, sem exceituar algum, fazem participantes do santíssimo Sacramento. E a Igreja quando na sequentia da Missa do dia, diz: *Cibum turba duodenaria se dat suis manibus.* Aos doze com suas mãos se dá o Senhor em manjar, não obstante q o contrario seguem são Clemente, Hilario, Ruperto, & modernos.

Do valle de Iosaphat, pello qual santo Inacio na segunda meditação da mesma terceira semana, diz que passou o Senhor, decendo do monte de Sião, não fazem meção os Evangelistas; mas he nome usado dos Hebreos, & derivado a toda a Igreja Catholica, que também celebra o sepulchro da Virgem levantado no mesmo lugar, & chamado comumente santa MARIA de Iosaphat.

Pera intelligencia de outra duvida da mesma meditação, se adverte, que todo aquelle lugar, a que o Senhor acabada a Ceia sahio com seus Discipulos, sera hua herdade com casa, a q chamamos comumente quinta, & dos moradores se chamava Gethsemani.

Nesta herdade estaua hua horta, ou pomar de recreação, como notou nosso P. Nadal em suas meditações. Ficaua este lugar ao pé do monte Oliuete; assi, ou todo, ou quasi todo cahia no valle de Iosaphat.

Suposta esta verdade, primeiramente he certo, que Christo, nosso Senhor, com todos os Discipulos entrou nesta herdade, o que claramente se colhe de São Matheus no cap. 26, & leuando consigo mais adiante os tres S. Pedro, S. João, & Santiago, deixou os oito na entrada da mesma herdade, que tocava, ou mór parte ficava no valle de Iosaphat. Antes Brocardo na primeira parte cap. 7. da descripção da terra santa, diz que o lugar chamado Getsemani, fica no lado do mesmo Olivete, continuando com hum rochedo concavo que pendendo monte, debaixo do qual se recolherão os Discipulos, a quem o Senhor disse, *sedete hic, donec vadam illuc, & orem;* ficai aqui em quanto vou orar á outra parte. Sendo isto así, fica correndo a doutrina de Santo Inacio, que diz, que o Senhor deixou os oito Discipulos em hũa parte do valle de Iosaphat, & os tres em hũa parte do horto. Así he prouavel, q os oito não entrarão no lugar de Getsemani, que propriamente se chamaua horto. E se São João parece diz o contrario no capítulo 18. *Egressus est Iesus cum discipulis sua trans torrentem Cedron, ubi erat hortus, in quem introiuit ipse, & Discipuli eius;* que entrou no horto com seus Discipulos, passado o Cedron; respondemos, que tomando a parte por todo, por horto entendeo toda a herdade de Getsemani; nem pretendendo dizer mais, que o que os outros Euangelistas disserão; ou que ficarem os oito no valle, foy ficarem no principio do horto, ou ao pé d'elle; & desta maneira distingue este lugar do mais interior do horto, onde o Senhor se recolheo. O que melhor se declara na recopilação da Paixão de Christo Senhor nosso onde nesta mesma meditação diz Santo Inacio, que deixou os oito em Getsemani.

C A P I T U L O IIII.

*Do que se acha nos exercicios de Santo Inacio,
da virtude da esperança.*

Ainda que o merecimento da oração depende da charidade; com tudo a impetração, cõ que pretendemos alcançar
princi-

principalmente estriba na virtude da esperança, ou confiança em Deos. Com esta quer santo Inacio na quinta anotação das primeiras, que entremos a fazer os exercicios spirituaes; & nas regras, que della poem no fim de seu liuro, pera se conhecerem varios spiritos, dá a seguinte doutrina.

Consolação primeiramente he gozo, & alegria que moue a alma a desejar sua salvação; & ter paz, & tranquilidade com Deos. Desconsolação spirituação contrario, he qualquer perturbacão, & desenguietacão, que traz desesperacão, & falta de confiança em Deos, cõ a qual a alma se sente esfriar, & entibiar de maneira q̃ chega, quasi a desesperar da clemência, & misericordia de seu criador.

Neste caso o remedio, he nunca fazer mudança, mas estar firme, & constante nos propósitos, & determinacão em que estaua o dia que precedeo a tal desconsolação, ou na determinacão em que estaua na primeira consolação, porque como na consolação nos guia, & aconselha o bom spirito, assi o mau na desconsolação. Por onde o que padece desconsolação, trabalhe por leuante tudo com paciencia; & armado da esperança, se persuada que em breue será consolado.

Mas se santo Inacio desta virtude deu breues preceitos, deixou na vida largos exemplos, & nos mores apertos, de prisões, perseguições, perigos, então se armou cõ mores afeitos, & mostras de confiança em Deos como se pode ver em seu lugar.

CAPITULO V.

Da virtude da Charidade do liuro dos

exercicios

NA segunda contemplação da quarta semana dos exercicios trata santo Inacio do amor diuino, ou da virtude da charidade pera com Deos; & della dá hum preceito, & quatro motiuos. Preceito, que o amor mais pende de obras, que de palavras; & consiste em communicacão de hũa, & outra parte; que he dar, & comunicar o amante ao amado o seu bem do modo q̃ pode; & da mesma maneira o amado ao amante; de modo que se

se hum tem sciencia, a comunique ao outro; o mesmo nas riquezas, & hōras, & mais bēs.

O primeiro motiuo sãõ beneficios recebidos de criação, redempção, & dōes particulares. Segundo, o ser que nos communicou Deos, cifrando em nōs, o viuer das plantas, sentir dos animaes, entender dos Anjōs. Terceiro, a industria com que sempre estã obrando nas criaturas pera nōs; como em Ceos, elementos, plantas, frutos, animaes. Quarto, as virtudes, & graças, que nos comunica, talhadas, & medidas pelas suas, donde todas dependem, & nace[m], como luz do sol; rios das fontes; mas desta meditação diremos mais largamente ao diante.

Entre tanto pede este lugar, que resolvamos algũas duuidas dos exercicios em materia de charidade, ou graça diuina combinada com o liure aluedrio, & forças da rezão naturaes. Porque hũas vezes parece, que attribue tudo santo Inacio a forças naturaes, outras tudo, ou quasi tudo a graça diuina.

Das forças naturaes diz na meditação de tres sortes de homēs da segunda somana no terceiro ponto, que ha algũs aparelhados pera abraçar o que for mōr seruiço de Deos, conforme ao que o Senhor inspirar, ou a ellēs melhor parecer. E na mesma somana tratando de tres tempos pera fazer boa eleição da vida, o terceiro, remata, com estas palauras. Chamo tempo quieto, quando a alma nãõ he combatida de varios sp̃ritos, mas liure, & quietamente ṽsa de suas potencias naturaes. E no fim dos exercicios, entre as regras de discernir varios sp̃ritos, diz na setima, que nos deixa muitas vezes Deos em pro-ua, pera ver como resistimos com nossas forças ao inimigo, que com desconsoiação nos combate.

Da graça diuina diz no principio do primeiro tempo das eleições allegado; que assi moue Deos nosso Senhor algũas vezes a alma, que sem duuidar, nem poder duuidar, segue o que o mesmo Senhor mostra, & ensina.

Mas qual seja a intenção de santo Inacio nestes lugares, bem se deixa entender de outros, em que o santo de tal maneira combina a liberdade da vontade com a efficacia da graça, que nada discrepa do sentir comum da Igreja, nem dos fundamentos

Tratado decimo do que se acha nos

damentos verdadeiros da sagrada Theologia. O primeiro lugar seja da regra quatorze, das que no fim dos exercícos poemo pera sentirmos bem com a Igreja Catholica, onde diz; *etiam si plane compertum, definitumque sit nemini contingere salutem nisi predestinato, circumspecte tamen super hoc loquendum est, ne forte gratiam, seu predestinationem Dei nimis extendentes, liberi arbitrii vires, & operum bonorum merita, excludere velle videamur; vel à comenso, ne plus a quo hisce tribuentes, illis interim devogemus.* Quer dizer; dado que seja verdade, que nenhum se pode salvar sem ser predestinado, com tudo se deue falar nesta materia com grande cautela, porque não aconteça, que aleuando demasiadamente a força da graça, ou predestinação, pareça que queremos excluir a força do liure aluidrio, & lançar os merecimentos das boas obras; ou ao contrario, dar tudo ao liure aluidrio, & excluir a graça.

O segundo lugar, será da regra dezafete, onde mais claramente trata esta materia por estas palavras. Não deuemos falar tão largo, instando tanto na graça, que se gere veneno pera tirar a liberdade. De modo que da Fé, & da graça se pode tratar quanto for possivel mediante o auxilio diuino, pera mayor louvor de sua diuina Magestade; mas não de modo, principalmente em tempos tão perigosos, que se tire o vso do liure aluidrio, & efficacia das boas obras; & nas regras que dá pera se conhecerem as moções de varios spiritos; dá a seguinte doutrina.

De Deos he só dar consolação á alma, sem preceder causa; porque he proprio do criador entrar, sair, causar monimentos nella, trazendoa toda a seu amor. Quando não precede causa de consolação, posto que por ser de Deos nosso Senhor não traz consigo engano; deue com tudo combinar o tempo da tal consolação actual como seguinte, em que fica ainda quente, & favorecida com o fervor, & reliquias da consolação passada; porque nelle pode misturar de sy mesma algũa intenção munda da propria vontade, ou mau espirito. Importa tambem muito, quando hum sente consolação, humilhar-se quanto puder, conhecendo de sy quam fraco se achará, sendo combatido de tristeza, & desconolação, se Deos não der socorro, & de

& de nouo acodir, com seu auxilio, & graça diuina, com a qual se persuada que poderá fahir vitorioso de seus imigos, pondo suas esperanças todas em Deos. Porque em fim não está em nossa mão, irir, ou conseruar feuor de deuação, & abundancia de amor, & lagrimas, ou qualquer outra consolação interior, pois tudo he beneficio da mão de Deos, que se attribuímos a nós como proprio, cahiremos em vicio de soberba, com perigo de nossa saluação.

Vindo pois aos lugares, que parece encontração esta doutrina, o certo he, que nem o que se diz da graça exclue o liure aluidrio; nem o que se diz do aluidrio exclue a graça; & assi na regra alegada só exclue nosso padre santo Inacio consolações, & auxilios extraordinarios; os quaes Deos tira pera ver como obramos com os sufficientes juntos com as forças naturaes, & liberdade do aluidrio. Em conformidade disto logo acrescenta: Podemos sem duuida vencer tendo por nós continuo o auxilio diuino, ainda que delle não demos Fé, por tirar Deos o feuor da charidade que dantes sentiamos, deixando com tudo a graça sufficiente pera bem obrar, & alcançar a saluação. Donde se segue, que por forças naturaes, assi neste lugar, como em outros, se entendem potencias da alma, não obrando só por sy, mas cooperando com a graça que dissemos. Porque costume he de Deos, depois que hũa vez moueo a alma sufficientemente, por Fé, & graça diuina, deixar a mesma alma abraçar com estas dadinas, & graças sem nouo auxilio, concorrendo com tudo o sufficiente que dissemos.

Quanto ao lugar da meditação, de tres sortes de almas, & das eleições, não somente não attribue nosso santo padre Inacio tudo ás potencias naturaes; antes da a entender tres modos com que os Thebologos dizem costuma o espirito Santo mouer as almas. Primeiro he por algum dom do mesmo espirito Santo, que santo Inacio doutamente chama instinto diuino, com que a alma mais he mouida, do que se moue por sy mesma. Segundo, por força das virtudes com que a alma obra por discursos, & ditames da razão, ajudada do lume, & auxilios sobrenaturaes, como succede quando de principios de

Fé, & doutrina de santos, discorre com os ditames da prudencia infusa, acerca do que ha de fazer. Ambos estes modos dá a entender nosso santo padre, quando apondo os me-yos pera fazer boa eleição, diz; o terceiro me-yo a boa eleição, he pedir ao clementissimo Deos, que queira alumi-
 ar meu entendimento, mover minha vontade, pera tomar, & escolher o que mais me conuem: concorrendo com tudo da minha parte discurso fiel, & pio de meu entendimento, com o qual conhecendo, & aceitando a vontade diuina, faça boa eleição. Onde por discurso pio, & fiel, se entende discurs-
 so sobrenatural: & discorrer, & eleger desta maneira, he exercitar forças naturaes liurementes, & por ditames da re-
 zão conhecer a vontade diuina; nunca com tudo excluindo a graça sobrenatural, & luz diuina. Não se ha com tudo de negar, que ajuda algúas vezes muito o ditame da rezam
 natural, pera fazer eleição boa, & virtuosa, não de bês sobre-
 naturaes, de que nosso santo parece, nos lugares alegados falla; mas de bês moraes, & honestos; o que de proposito tra-
 tão Theologos nas materias de graça, que a este lugar não pertencem.

O que em fim nosso santo padre Inacio diz da efficacia do diuino impulso, que he muitas vezes tal, que deixa a alma sem algúia duuida, parece que pertence ao primeiro modo das diuinas inspirações, & moções por meyo dos doés do spirito Santo. Pode ás vezes ser tão efficaz seu impulso, que de certo modo constrange, & necessita ao menos o entendimento pera julgar do modo de obrar pello dom de conselho, ou por via de algúia reuelação tão efficaz, que da parte do entendi-
 mento não deixe rezão de duuida, & ainda que a alma neste caso julgue, que se ha de seguir a inspiração, & moção diuina; pode com tudo na vontade ficar liberdade pera escolher; porque esta não se perde com as moções de Deos, posto que elle se quizer, a pode tirar; nem as moções tirão o fruito, & merecimē-
 to de nossas obras, o que se proua có exemplo de Christo nosso Senhor, o qual necessariamente julgaua do modo có q as cousas se auião de fazer bem, & com tudo liurementes fazia eleição dellas. N. m este modo de mover a alma he necessário; mas
 algúas

algũas vezes o concede Deos liberalmente, por graça particular, como fez a sãõ. Matheus, & a sãõ Paulo, de cujos exemplos nosso santo padre se ajuda.

CAPITULO VI.

Da charidade do proximo; do liuro dos exercicios.

NO vltimo preceito antes da quinta semana da sãõ. Inacio hum singular conselho acomodado á charidade do proximo, por estas palauras. Todo o Christão pio, & deuoto deue ser mais prompto pera lançar a boa parte, qualquer sentença, ou proposição duuidosa do proximo, que pera a condemnar; & se for calo, que a não possa defender, interprete ao menos a in-enção; & quando a não puder bem defender, reprehenda com brandura, & benignidade: se isto não baltar, tente por todas as vias se pode reduzir o entendimento á vontade, & defender a tal alma do erro em que está.

Nace com tudo duuida deste conselho em materias de Fé, nas quaes não basta reprehender, & auisar o proximo, mas he necessario denunciar, principalmente, quando no erro ha pertinacia. A esta duuida respondemos, que ainda que neste conselho não trate santo Inacio da denunciação, nem por isso a exclue; antes quando diz, que se tentem todas as vias, sem duuida tambem esta se ha de entender entre as mais. E como sãõ materias que não dependem só do direito natural, mas de preceitos ecclesiasticos, não pertencia a santo Inacio tratar dellas.

A esta mesma charidade do proximo pertence a saude, & vida propria. De modo, que com o temos preceito de charidade de aco-lir por vida, & saude do proximo, assi somos obligados a conseruar, & defender a nossa, por meys decentes, & honestos; porque em fim saude, & vida propria sãõ bẽs naturaes,

18 *Tratado decimo do que se acha nos*

turais, e quando os mesmos se podem aperecer, em quanto são
conformes a pureza, & imitação sua perfeição, assi sem res-
peito a outro fim se podem, & deuem desear, & buscar. Mas
sendo isto assi como pode ser verdadeira a doutrina de santo
Inacio, que conclue a meditação do fundamento, que não de-
uemos buscar mais saúde que a do coração; bem fazer mais caso
de largos annos de vida que de breues? Respondemos, que o
intento de santo Inacio nesta meditação, he armar a alma a
grao de maior perfeição, a qual sem duvida pede que não ame-
mos estes bês de que se trata, senão como instrumentos da vir-
tude.

Porque ainda que de sy sejam amáveis, muitas vezes acontece
tomarem os homens delles occasião de pecar, ou de não apro-
ueitar na virtude, por onde he bom conselho, não querer del-
les mais que o que serve pera a virtude. Acrecentale que ha
occasões, em que a virtude, ou perfeição pede desprezo, &
perda destes mesmos bês por amor de Deos. Pera que depois
estejamos prontos pera tam santo exercicio, a seus tempos im-
porta enfiar na oração, & resolver em a indiferença que
ensina santo Inacio. O que em geral se ha de entender de to-
dos os bês, que ainda que sejam de sy amáveis, com tudo po-
demos usar delles pera bem, & mal, o que não corre nas virtu-
des, de que de nenhum modo podemos usar mal. E isto basta
da virtude da charidade.

CAPITULO VII.

*Da virtude da Prudencia que resplandece nos
exercícios, primeiramente pera
com Deos.*

Esta o liuro dos exercicios tão cheo de documentos da
prudencia, que não se não ha que notar, mas muito que
admirar do altissimo conhecimento, que o Senhor a santo
Inacio comunicou nesta parte. O que primeiramente
se

se deixa bem ver nos conselhos, & avisos que dá pera saber-
mos tratar com Deos na oração com actos de entendimen-
to, & vontade, em que por sua profundidade, & delicadeza
pode auer mais perigo, que em outras. Aqui pertencem as
regras pera se conhecerem varios spiritos, & discernirem
com discernição, & mouimentos da alma, que se contem no
fim do livro, & recopilação da vida de Christo, onde larga-
mente se podem ver. Aqui as regras que ensinão como auer-
mos de concordar com o que a Igreja Catholica ensina
no mesmo lugar, de que a fima dissemos no tratado da
Fé.

Citrando com tudo pera mór perfeição desta obra, hús,
& outros documentos, que colhe a seguinte doutrina. De
os que entrão a fazer exercicios spirituaes, andam mal ha-
bitados, & são acostumados a pecar, ordinariamente são ten-
tados da sensualidade, os que vinem bem padecem tenta-
ções d'escrupulos, & molestias, tristezas, imaginações, &
perturbações interiores. A tudo se podem os Amos-bos com
temores do consciencia contra peccados, com lagrimas,
consolações, trizes do entendimento, paz da vontade con-
tra temores. Seja pois regra infalivel, que no tempo da
desconsolação, nada mudemos dos propósitos em que assentá-
mo quando estauamos consolados, pois então obraua o bom
spiritos, & depois o mau, antes será prudencia acrgentat ora-
ções, & penitencias, e sibi q m o d o sup r o s o m o s o g e l l o t

Pera melhor execução, importa saberem-se as causas donde
nace a desconsolação, que sã tres. A primeira nossa, Accidia,
& tibieza no exercicio das coulas spirituaes. Segunda, proua
da parte de Deos, que quer ver quaes somos, & se sem
arrimo de consolação, estamos prestes a seu serviço. Ter-
ceira, exercicio de humidade, pera que conhecendo nossa
fraqueza, entendamos que inspiraões, lagrimas, conso-
lações são puro beneficio, & merce de Deos. Por onde
importa no tempo da consolação apereber com bõs pro-
pósitos pera o tempo contrario de desconsolação, na qual a
alma se deue esforçar, e assentando conffigo, que com a gra-
ça diuina pode tudo, e vencer de de seus inimigos, que
contra punhamos do fortes, contra fortes punhamos, &
nada

nada mais tem em, que descobriu a alma a seu padré spiritual, suas cilindradas, & em acoo com as quares principalmente a come- te a parte mais fraca, como ar diloso capitão, a parte da cidade cercada onde vê menos força.

He próprio de Deos, & Anjo bom, infundir na alma alegria verdadeira, tirada toda a tristeza, que causa o mau spirito, que com rezões apparentes pretende destruir a mesma alegria. E só de Deos he consolar a alma sem preceder causa de consolação, que moua sentidos, entendimento, & vontade, pois he Senhor, & criador de tudo. E do fim quando he mau se pode ver, que a causa da consolação, he o mau spirito, que muitas vezes se transforma em anjo de luz, que começa por bem, & acaba em mal. He argumento claro de obrar em nós o bom spirito, quando o principio, meyo, & fim de nossas obras, vam dirigidas a bem. Se com tudo achamos com exame de consciencia, que algũa cousa vay mal ordenada, ou nos apparra do bem, ou moue a menor bem, ou tira a alma dos bós propósitos, & em lugar da paz, quietação, & sossego a perturba, & desinquieta, he euidente argumento de mau spirito, & estes efeitos se deuem com muita prudencia, & diligencia examinar, pera se euitarem os enganos do inimigo. Pera melhor se conhecere nestes spiritos, se aduirta que em almas, que pretendem perfeição, obrão estes spiritos de diuerso modo. O bom com brandura, & suauidade, ao modo da agoa que cahe em lam, ou esponja. O mau com desafossego, como agoa que cahe em pedra dura.

Pera melhor exercicio, importa saber mais as causas donde nasce a desobediencia, & a inquietude.

CAPITULO VIII.

Resoluemse algũas duuidas sobre a doutrina precedente.

Porque doutores speculatiuos menos sabios, & outros que presumem de sabios, & na verdade são pouco experimentados, & mal instruidos em materias spirituaes, podem embicar em algũs termos do liuro dos exercicios; como na palavra illuminações, illustrações diuinas; & no que diz santo Inacio em

diuerſos lugares; que de varios ſpiritos de conſolação, & deſcô-
ſolação podemos muitas vezes ſaber ſe he autor Deos, ou bom,
ou mau ſpirito, & de certo conhecer pelo que experimentamos
interiormente, ſe contentamos a Deos; importa fazer algũa
maior declaração, com que fique eſta materia ſem rezão de du-
vida.

Primaciramente conſta que ha em noſſa alma moçoês interio-
res, aſſi do entendimento, como da vontade nacidas da effi-
cacia, & impulſo da graça ſpecial diuina, que Theologos cha-
mão preueniente, ou excitante, porquẽ ella he a primeira, quẽ a
nõs deſcudados neſta parte exorta, & moue. Eſtas moçoês cha-
mão os ſantos iluminagoês, illuſtraçoês, inſpiraçoês, & moui-
mentos diuinos. E tem fundamento no Concilio Tridentino em
toda a ſeſſ. 6. & no modo de falar da ſagrada eſcritura, como
conſta do Pſalmo 118. que todo he hum firmamento de luzes,
ou illuſtraçoês diuinas, & de outros lugares ſemelhantes.

Eſtas inſpiraçoês obra hũas vezes Deos. immediatamente por
ſy meſmo, como principal autor da graça; outras por meyo dos
bõs Anjos da guarda, como primeiro officio ſeu. E como o de-
monio em tudo pretende ſer ſimia de Deos, & dos Anjos, niſto
mais particularmente, que he excitar a alma com moçoês tro-
cadas ao contrario, pera o que lança veos de cegueira, & ignorã-
cia ao entendimento diſfarçando quanto pode com reſplandor
ſingido obiectos torpes, & por eſte meyo inclinando, & incitã-
do a vontade, & appetite a movimentos ſeos, & brutaes; & iſto já
às claras, já com apparencia de bem, & pretexto de boa obra, ou
neceſſidade. Paul. 2. Corint. 12. *Angelus ſatane tranſfigurat ſe
in Angelum lucis.* Toma figura de bom, ſendo mau; & de ſera-
phim ſendo ſatanas.

Ha pois eſta differença entre Deos, & Anjos; que Deos ime-
diatamente por ſy pode mouer com inſpiraçoês interiores en-
tendimento, & vontade conforme a ſua capacidade, pois elle ſò
tem efficacia, & poder infinito pera o fazer, & he autor das po-
tencias, que como dependem delle imediatamente no ſer, aſſi
no obrar. Anjos, & ſpiritos criados ſò podẽ obrar iſto por meyo
de imagẽs, & ſantaſmas, & obiectos imaginarios, & corporaes
repreſentados à potencia que chamamos imaginatiua, da qual
ſe excita o appetite ſenſitiuo, & d'amos aſſi monidos, & inclina-

des se e스포rão o entendimento, & vontade. E assi o que spiritos eniados fazem immediatamente, só he movimento local de imagens corporaes em potencias corporaes, com o qual movimento como se não obre, algũa cousa immediatamente no entendimento, & vontade, só a conta de Deos ficão suas immediatas operações, & illustrações. Da qui nace os termos de que os santos vsão quando falam nesta materia, especialmente S. Thom. 3.º p.º q.º 8.º ad 1.º & 6.º art.º 5.º que só Deos pode influir interiormente na alma racional, só Deos se pode meter na alma.

Mas o intento de nosso S. P. Inacio em seus documetos, não he dar methodo de conhecer, se as inspirações se obrão immediatamente por Deos, se por Anjos bõs; nem nesta vida ha sinal por onde o possamos naturalmente discernir, nem importa sabelo pera intento do fuito da alma, com tanto que conte, q' a inspiração he boa & santa, & alhea de engano, & ilusão; pera o que he necessario saber discernir entre os spiritos bõs, & maos, como diz S. Ioão 1.º canon, cap. 4.º *Probato spiritus si ex Deo sint*; & a não se fazer este exame com grande cuidado, & luz, he euidente perigo de errar no caminho spiritual; pois fannas (como disse-mos) se costuma disfarçar com insignias de santidade, sendo auctor de toda maldade.

1.º Ioão 4.º

Faz este officio hum dom, ou graça gratis data, que S. Paulo 1.º Corint. 12.º chama *discernitio spirituum*, que o Spiritus Santo infunde sobrenaturalmente na alma, com que por modo extraordinario se conhecem, & differencião os maos spiritos dos bõs. Mas este modo de conhecermento he particular, & raramente o infunde Deos, por onde ordinario he com discurso do entendimento, prudencia, & experiencia ajudado de principios, & fundamentos sobrenaturaes com que Deos concorre.

1.º Cor. 12.º

Esta he a razão porque nosso S. P. Inacio dá regras, & documetos pera discernir, & differenciar em todos os estados inspirações, & moções interiores; & podemos segundo sua doutrina, primeiramente discernir, & conhecer pela oblição, & matéria a que inclinão a alma; que se he manifestamente má, & podamos nosa, nace do demonio; & não do bom spirito, ainda que se encubra com capa, & apparencia de bem; & assi por este principio erra o ilusão de mau spirito veluido de bõ, q' deixa o exame de consciencia ao tempo ordenado, ou qualquer obra de abo-

diſcência, por vacar a oração, & gozar da côſolação que ſente. E o q' trana amizade por aſſecção cõ o ſcãdalo de ſua alma, & dos outros, cõ capa de aproveitamento ſpiritual, q' ſem duvida achará, mas não quer achar em outros, aquê a não ſente. E os q' deixão a oração, cõ zelo aparente de aproveitar os próximos; & os q' fundando ſe na obrigação natural de conſervar a vida, deixão a penitência exterior de ſeus corpos, & outros ſemelhantes. Pelo contrário pode a materia a que o ſpirito inclina ſer honeſta, & ſanta, mas leuada, & dirigida a mau fim, q' quando encuberto, & paleado, tem neceſſidade de exame rigoroso pera ſe conhecer; mas pelos effeitos ſe conhecerá, como arvore pelo fruto. Donde ſe colhe, q' he inſpirado de mau ſpirito, o q' ſe acha mais prompto pera orar em publico, que em ſecreto, & pode com muita rezaõ temer, que o faz por vaidade. Como tambem o que tomando a peito fazer penitência, eſcolhe mais as que ſevê, como diſciplina, & não cilicio; jeju na comunidade, q' rigor na cama, & ſono.

O ſegũdo modo do diſcernir eſtes ſpiritos, he pela qualidade, & modos com que exeitão, & mouem a alma. Se o exercitante he deuoto, & diligente na oração, & tem ſolicitud; & cuidado nas couſas que pertencem a ſua perfeição; & ſe ſente mouer cõ brandura, quietação, paz, & ſoſſego, & ſuauidade, he ſinal de bom ſpirito; ſe com violencia, & força, de mau, ainda que moua bem; & com bom fim; & o effeito ſem duvida por remate o moſtrará; ſe o meſmo eſta em má conſciência, ou ao menos tem deſcudos, & faltas no caminho da perfeição, do bom ſpirito he moſaldo, & excitado cõ rigor, & força, do mau com brandura, & ſuauidade. Porque como o bõ, pretende encontrar, & deſtruir os maos habitos, que no caſtelo da alma ſe fazem fortes, neceſſariamente ha de vzar de armas de reprehensão, eſtimulos, temores, que não pode fazer ſem violencia, & força, como encontro de inimigos. O que ſe não acha no mau ſpirito, que pretende conſervar a alma no eſtado de tedio, & imperfeição; & aſſi lhe da quietação fingida, & moue com brandura, & ſuauidade, a perſeuerar na froxidão, & frieza, de tal maneira que com maior difficuldade ſe mudará, & mouerá ao eſtado de perfeição, que o mundano, & grande peccador ao da graça, como diz S. Bernardo.

Ainda que diſſemos a ſima que não ha nella vida ſinal por onde poſſamos naturalmente diſcernir, ſe a inſpiração he imedia-
tamente

Tratado decimo do que se acha

tamente de Deos, nem importa fabelo, com rudo diz nosso P. S. Inacio na segunda regra das que aponta no segundo lugar *ad pleniorē spirituum discretionē*, desta maneira. *Solius est Dei consolari animam nulla precedente consolationis causa, cum sit hoc proprium Creatoris suū ingredi creaturam; & illam in amorem sui totam conuerti, trahere, & mutare. Causam verò precedere nullam, tunc dicimus, quando nec sensibus, neque intellectui, neque voluntati nostre, quidquam obiectum est, quod huiusmodi consolationem causare possit.* Sô Deos pode consolar a alma sem preceder causa porque he proprio do Criador entrar na sua criatura, mudala, arrebatála, & conuertela toda em seu amor. Então dizemos que não precedeo causa de consolação, quando se não offereceo causa aos sentidos, entendimento, ou vontade, que pudesse causar a tal consolação. A experiencia nos ensina, que as inspiraçoēs de nossa alma, ou seja de temor, ou contrição, ou alegria, gozo, & amor, se causão muitas vezes de obiectos exteriores que se offerecem aos sentidos; da morte repentina; do milagre extraordinario; do sacramento bem recebido; do santo deuoto; da pregação efficaz; da musica suave, da fragrancia dos altares, & templos, &c. Quer pois nosso Padre S. Inacio que a consolação solitaria sem causa precedente, seja a que não teue algum destes motiuos, mas subitamente moue a alma, ou seja a penitência, ou a amor de Deos, ou compayxão de Christo crucificado, ou outro obiecto semelhante, nem sô concorre esta presteza da parte de Deos, mas tem tal efficacia, & força, que de certa maneira constrange a alma em materias de amor; & parece-lhe não deixa liberdade pera deixar de cuidar, & amar o bē que se lhe representa. O mesmo efeito causa em materias de odio, & temor, que parece não está em sua mão deixar de cuidar, temer, & fugir.

Quando pois sentimos em nossas almas estes efeitos extraordinarios, & subitos sem saber donde, & experimentamo na efficacia da suauidade interior, que não está em nossa mão deixar de gozar, amar, querer, ou temer obiectos spirituaes, & superiores a todo o criado, he final que o Spirito Santo he o artifice, que immediatamente toca o instrumento de nossa alma, & faz esta harmonia celestial, a que não chega força de criatura. Não tal-tão regras, & documētos que nosso Padre S. Inacio nos deixou,

ainda

ainda que fundadas em principios da verdadeira Theologia, & grande experiencia que tem, senão que he necessario, conforme aos tempos, & circumstancias, terem os homẽs spirituaes grande cautela, & aduertencia, & andarem destros, & bem instruidos nesta conquista spiritual, de modo q̃ nem se siem temerariamẽte de qualquer apparencia de spiriros, conforme a S. Ioaõ Canon. 1. cap. 4. *Nolite omni spiritui credere.* Não se arreceem logo de toda a inspiração, & reuelação como perigosa, & sospeitosa, conforme o auiso de S. Paulo. *Spiritum nolite extinguere, prophetias nolite spernere, omnia probate, quod bonum est, tenete.* Que poderoso he Deos, pera obrar grandezas em instrumentos fracos, & o demonio tambem acomete, & derriba gigantes. 1. Ioaõ. 4.º
1. ad Thess. 5.º

CAPITULO IX.

Da prudencia dos exercicios de cada hum pera consigo; principalmente em materia de scrupulos.

Ainda que S. Inacio deixou varios auisos prudenciaes, que seruem a cada hum pera se gouernar a sy mesmo, como nas penitencias, & afflicções corporaes, em materias de temperança, &c. Com tudo reseruando estas pera quando tratarmos das mesmas virtudes nos capitulos seguintes; sòmente diremos agora dos preceitos que deu pera vencer scrupulos, como proprios deste lugar, que em soma são os seguintes tirados do tratado penultimo do seu liuro.

Scrupulo chamamos juizo proprio, com que liuremente formamos ser peccado o que não he peccado, como succede depois de hum pisar a caso hũa cruz de palha, forma juizo que foi peccado, o que sem duuida he juizo erroneo propriamente, & não escrúpulo; porque scrupulo propriamente he o pensamento que vem de fora com que já nos parece que pecamos, já que não pecamos. E entre estas diuidas sentimos perturbação, que serue de purgar, & alimpar a alma de qualquer apparencia de peccado; & assi se ha de estimar; porque segundo S. Gregorio, *Bonarum mentium est, ibi culpam agnoscere, ubi culpa non est.* He de boa consciencia temer peccado, onde não ha peccado. D. Gregor.

Aduirta-

Admirta-se com tudo que o inimigo costuma espreitar, se a alma he delgada, & delicada, ou grosseira; se delicada, que nem consente em peccado mortal, nem venial, nem em cousa que pareça peccado; desesperado de a poder fazer cahir, procura que forme conceito de peccado, onde não ha peccado, como em hũa palavra, em hum pensamento. Se a alma he grosseira procura de a enganar mais; se dantes não fazia caso de peccados veniaes, que não faça de mortaes, ou menos do que dantes fazia. Por onde a alma que deseja aproneitar na vida spiritual sempre deve proceder em contrario do inimigo, adelgaçando-se quando elle engrossa; solidando-se, & firmando-se quando elle extenua, pera de todos os modos se aquietar.

Assi em caso, onde hum quer dizer, ou fazer cousa que em realidade nem encontra-se, nem bõs costumes, antes redundada em gloria de Deos, se o inimigo persuade o contrario, com medo de vãm gloria, ou de outra rezão aparente; neste caso encomendese a Deos, & se vir que o que ha de fazer, ou dizer redundada em gloria de Deos, ou ao menos não repugna a elle, vá adiante não faça caso do scrupulo, diga, ou faça o que se offerece, dizendo com S. Bernardo. *Nec propter te capi, nec propter te desinam.* Nem por amor de ti comecei; nem por amor de ti desistirei.

Esta he a doutrina de S. Inacio, que pera ficar mais clara a illustraremos com o que doctores Theologos della tratão na materia de consciencia. Scrupulo tomou o nome da areia grossa, que pisada lastima com ser de pequena quantidade; consiste em hũa sospeita, ou juizo nacido de leues fundamentos, com que nos persuadimos ser peccado o que o não he; & tememos obrar, ou não obrar o que representa peccado, quando he de materias presentes, ou futuras; porque tambem ha scrupulos de materias passadas, com que duvidamos se estão confessadas, ou contritas, & perdoadas. Podem nacer de comprehensão natural; como de humor maleconico, ou de payxão, & vehemencia de imaginação, de agudeza de engenho, de ignorancia, concorrem apparencia de probabilidade de hũa, & outra parte, temor seruil mais differente do filial, nacido do amor proprio; costume que ja tomou a natureza, que se pode chamar mania, exemplo de outros toçados do mesmo mal de scrupulos; permissão divina pera humilda-

humildade do proprio. Tentação do demonio, ou pera que caya o tentado com consciencia erronea, fazendo com má consciencia o que podera fazer com boa, ou pera que viva hũa vida perpetuamente cativa, & tome cargas com que não pode; & em fim ganhando por esta via fastio ás cousas spirituaes, & embaraçado com mil laços, & imaginações venha quasi a desesperação, & grande dano ainda da propria saude, & vida corporal.

Podese este mal facilmente conhecer, se o scrupuloso se entra em duvidas grandes por leues fundamentos; se duvida de qual quer cousa, & logo fica suspenso, & embaraçado; se teme facilmente; se examina frequentemente a materia em que duvida; se faz aduertencia, & reflexão sobre cousas que a outros não vem ao pensamento; se se não aquieta com os conselhos, & avisos de seu padre spiritual.

He pois cousa certa que o scrupuloso não só pode, mas deve em muitos casos obrar contra o que se representa pecado, pera assi ir vencendo os scrupulos, & ficar liure pera continuar as obras santas, & pias, como oração, que por esta via se deixa. De modo que ainda que a materia se represente como pecaminosa, & magoe a alma, não se ha de fazer della caso, por que como não tem fundamento racionauel, não pode tirar a certeza pratica da obra que se faz, antes com ella pode estar assi no entendimento, como na vontade.

Remedios contra scrupulos são principalmente os sobre naturaes; como confiança em Deos, desconfiança de si, humildade, oração, proposito firme de não pecar. Os naturaes são medicinas, quando scrupulos nascem de melancolia, recreação, occupaões alegres, moderação na abstinencia; desprezo de semelhantes imaginações, qual tem o que passeando pella rua, não cura dos latidos dos animaes domesticos, & importunos. Ajudará também considerat com madureza rezões moraes, que sem duvida conuencem o emendimento; entregar o governo da alma a algum varão douto, & santo, & governar tudo por sua obediencia, & preceitos, pois nenhum em sua causa he bom juiz, principalmente se he idio-
ta.

O varão douto scrupuloso, pode escolher a opinião menos
proua-

prauauei, & por ella gouernar seus scrupulos; mas se ate então
foi de vida larga, frequente o sacramento da confissão, & o con-
fessor o trate com brandura; se for de vida exemplar, & aperta-
da; proceda com boa fé, & faça diligencia moral, & fazendo cõ-
tra seus scrupulos, entenda que não desagrada a Deos, né Deos
quer que elle faça mais, nem que tenha total certeza de suas
obras, pois a crença; & se fo no que se manda se ha de ter, por
certeza. Assim quando hum duuida se rezou, se se confessou, de tal
pecado na confissão geral, que fez com moral diligencia, crea
que rezou, & se confessou; & desta maneira satisfaz. Pode tam-
bem estar seguro de consentimento no peccado, o que tem firme
propósito de não pecar mortalmente em juizos temerarios, em
materias de pureza, em duuidas de Fé, & semelhantes, saluo quan-
do o consentimento fosse tão claro que se atreuisse jurar, que
consentio. Mas o verdadeiro remedio, & conselho em scrupulos
de peccados passados, he fazer confissão geral de toda a vida
conforme ao que se puder lembrar, Feita ella, faça por se esque-
cer de tudo, nem examine mais em particular, só em geral se
lembre que offendeu a Deos pera mais se mouer a lagrimas, &
contrição.

Remateemos esta doutrina com o conselho de Gersão no Al-
phabeto 72. lit. K. Quando combatem scrupulos da confissão
passada, se foi bem feita, ha se de socorrer hum a Deos com hu-
mildade, & contrição, & trazer a memoria a vontade que teve
de se confessar bem; & em effeito fez o que pode, & satisfaz ao
confessor por cujo conselho se resolveo a não se lembrar mais
dos peccados passados; pera assi mais desaliuado poder seruir a
Deos; & com estas armas perseuere na oração, & bõs desejos, &
despreze tudo o mais que ocorrer.

CAPITVLO X.

*Da prudencia dos exercicios pera com os outros
em materias spirituaes.*

EM varias partes de seu liuro, & particularmente nas primei-
ras annotações da Siluacio documentos singulares de pru-
dencia

dência ao padre, ou prefeito spiritual, que instrue exercitantes em meditações, & exercícios spirituaes, que recopilados, & em parte declarados são os seguintes.

O que instrue exercitantes, explique breuemente a historia da meditação, tocando sômente os pontos principaes com declaração breue, pera que ao exercitante fique campo mais liure pera discorrer, & achar com mais gofio cousas nouas, & sáhir com mais fruto, que não está no muito discorrer do entendimento, mas no muito sentir da vontade; & se entre tanto achar que o exercitante não sente mouimentos interiores, como são consolações, contrição, & semelhantes, examine se tem oração em tempos determinados, & guarda as regras, & modos de oração, que delle tem ouuido; & achando falta, o emende. Afsi mesmo achando, que o exercitante padece tentações, & descon-solações, de nephum modo se mostre aspero, mas suaue, & brando, animandoo com esperanças certas de auer de ser logo con-solado de Deos. E nôte pera melhor o gouernar, que o inimigo mais combate com capa de bem aos que vão aproueitando no spirito, & andão na via illuminatiua, que responde à segunda semana dos exercícios, que aos que começam, & andão ainda na via purgatiua, que responde à primeira semana. Onde se ha de aduirtir que não diz tanto Inacio que são mais combatidos os proficientes, que os incipientes; mas que são mais combati-dos com capa de bem; o que sem duuida passa na verdade. Por-que como os incipientes estão ainda cheos de payxoões, & reli-quias dos pecados passados, sem capa de bem, os combate o de-monio com lembrança da honra, & gloria humana, & faudade das sensualidades passadas. Mas depois que vão caminhando no exercicio das virtudes, & se achão a ellas mais inclinados, pello habito que forão aquirindo, não acha nelles o demonio tanto fiio pera os enganar com mostras do mal, & por essa causa os combate com especie de bem.

Não deixamos com tudo de confessar, que falando absoluta-mente, menos tentações sentem em materias de pecado, & de mal, os que começam, & são ainda noviços na vida spiritual, que os mais antigos, & aproueitados, o que pode nacer de varias causas; primeira, porque quando Deos quer efficazmente con-uerter, & trazer hum a sy, o costuma mouer com môr efficacia,

D. Gregor.

& com mimos, & consolações facilitar mais o caminho da virtude. Assim com sua divina providencia aparta impedimentos contrarios; permite menos, & mais brandas tentações do demônio, mudo, & carne, que se ao diante são maiores, he pera maior proua, & firmeza da virtude, & perfeição. Donde S. Gregorio no liuro 24 de seus moraes, *relinquentibus seculum quedam prius tranquillitas ostenditur, ne in ipsa sua teneritudine, atque inchoatione turbati, redeant ad id quod euaserunt; prius ergo suauitatem sentiunt securi, prius pacis quiete nutriuntur; post cognitam verò dulcedinem tanto tolerabilius temptationum certamina sustinere possunt, quanto altius in Deo cognouerunt, quod amant.* Os de nouo conuertidos do mundo à religião, sentem paz, que Deos dá, por não tornarem ao que deixarão, como novos, & mal experimentados. Depois de experiencia entrão em nouas batalhas, que podem vencer como fundados no conhecimento do bem que possuem.

Segunda causa de sentirem menos tentações pode ser; porq' nouiços, & principiantes na virtude escandalizados com a memoria de pecados, & remorsos passados; & edificados com a noticia presente da quietação da consciencia, que alcançaram por meyo da confissão geral, & da fermosura da virtude, & religião a que Deos os trouxe, de agradecidos se dão por obrigados a corresponder a Deos com pontualidade de seruiços, à pontualidade de seus beneficios. Assim fazem por sustentar a pureza da consciencia, com delicadeza de confissão, & conta, tem por saerilegio deixar hum ponto da oração, & deuacões, em que os crião, as praticas todas são de Deos, aquem se sentem tão obrigados, & como taes o pay celestial os mete em seu seyo; & ainda que hõtem filhos prodigos, oje filhos obedientes os recebe com braços abertos, & os poem à mesa de suas delicias, recrea com musica, & festa. Por onde se ao diante se vem priuados destes mimos, he porque elles primeiro se priuarão dos meyo por onde os lograuião; já a consciencia anda mais grossa, já a oração, & deuacão diminuidas, já as praticas são mais profanas; já o primeiro feruor, & primor diminuido. Por onde tene rezão de dizer o Abba de Agathão perguntado como seria hum bom religioso, *Vide qualis fueris primo die quando existi de seculo, & receptus fuisti in claustro, & talis permane semper.* Vê como come-

caste quando viesse do mundo, & entraste em religião; & assi continúa. Mas estes, de que falamos, em effeito não se podem contar no numero de proficientes, salvo se for em numero de annos, & antiguidade de religião, que não montão pera a perfeição, de q̃ tratamos. Dos que pretendem continuar com a pontualidade, com que começará dizemos, que são verdadeiros proficientes; & ordinariamente quam liberaes se mostrão com Deos em servir, tanto o experimentão liberal consigo mesmos, em os premiar; se bẽ vão continuando na oração, & mortificação, melhor vai Deos na consolação. A paz, & quietação da consciencia delicada que sustentão em pureza, he testemunho dos mimos interiores, com que Deos como de sua mesa os sustenta. Mas respondendo ao principal p̃to, q̃ tratamos, se algũas vezes experimẽtão o cõtrario, he pela causa q̃ ja apontamos, da parte de Deos, que pode tambem ser da parte do demonio, & seja em ordem.

Terceira causa de sentirem menos tentações principiãtes, q̃ proficientes; porque o demonio com astucia, & stratagem infernal esconde as armas, dissimula com o nouo soldado, faz tre-goas fingidas; porq̃ como no principio da conversão parte por novidade da vida, parte por mais copiosa misericordia, seja maior o auxilio diuino; teme o inimigo, q̃ logo seja lançado; antes q̃ da propria tentação tome o nouo occasião, & motivo de mais se confirmar, & roborar em seus propositos, & em a vocação. E como juntamente sabe quam difficullosa cousa he a perseverança no bem; & como o tempo traz com si fastios, tedios, & froxidão, com sagacidade se poupa pera o diante, & sofre bem, q̃ o flouico entretanto aproueite, & creça, á conta de o tomar a seu tempo descudado; & em mais certa occasião de victoria. Quanto aos termos de via purgatiua, illuminatiua, incipientes, proficientes no tratado seguinte largamente se explicarão.

Entre tanto vamos com os mais documentos prudẽciaes de S. Inacio, que são os seguintes. Se o prefeito spiritual vir, que o exercitante com o fervor dos exercicios se arremessa a fazer votos; acuda porque não faya com algum vinculo precipitado de sua alma; em sp̃cial se tem tenquidade natural; ainda que he justo incitar outros aellido de religião, sempre se ha de ter muita conta com a natureza, & condiçã da pessoa; & com os pro-ueitos, ou danos que se podem seguir; & o methor conselho he q̃

Tratado decimo do que se acha nos

em quanto durão os exercicios, não persuadir mais estado de pobreza, castidade, que de matrimonio, sacerdocio, ou religião, até que Deos inspire, & moua ao que for mais seruiço seu. Esteja o prefeito spiritual como cõ balança a ouro & fio, em materia de eleições de estado, pera que entre tanto se entenda o exercitante com Deos, & Deos com o exercitante; o qual, se com tudo vir, que se inclina ao que he menos honra de Deos, & mais comodo seu, como a alcançar dignidades, ou beneficios, ponha todos os meynos, ainda de orações, pera que incline ao contrario.

CAPITVLO XI.

Da prudencia dos exercicios pera com outros em materias corporaes, & esmòlas.

Ainda que a esmòla ao proximo, pertence á virtude da charidade, a ordem com tudo, & distribuição della, he propria da prudencia, da qual dá S. Inacio os preceitos seguintes em regras particulares, que tem no fim dos exercicios.

Primeiro preceito. Auendo de fazer esmòla a parentes, & amigos, a que naturalmente somos mais inclinados, deuemos rectificar o affecto de maneira, que mais naça do amor diuino, que do natural, mais façamos a esmòla por motiuos, & rezoões diuinas, que do sangue, & natureza. Pera o que ajudará considerar, o que aconselharamos nesta parte, aos que pretendessemos serem perfeitos, como nòs pretendemos ser, o que fizemos se nos achamos então na hora, & artigo da morte, o que folgaramos ter feito no dia do juizo, & conforme a isto, obrar.

Segundo preceito. Ainda que bẽs ecclesiasticos sem pecado se podem distribuir a pobres, com tudo se ha de ter particular aduertencia, no que se ha de deixar pera os proprios gastos, em que pode auer scrupulo de maior, ou menor excessõ. Por onde seja regra geral, & segura, que cada hum conforme a seu estado, casa, familia, & officio, tire quanto puder de seus commodos a exemplo de Christo nosso Senhor, o que particularmente conuenem a Ecclesiasticos, cuja casa, & gastos deuem ser parco, & modera-

moderados, como se assentou no terceiro Concilio Carthaginense, a que se achou presente S. Agostinho, que tambem a seu modo se entende em seculares, ainda que tenham casa, & familia, a exemplo de S. Ioaquim, & S. Anna, que repartião sua fazenda em tres partes, hũa dauão ao templo; outra a pobres; com a terceira se sustentauão.

CAPITULO XII.

Da virtude da Iustiza que se acha nos exercicios.

Iustiza como se disse em seu lugar, he virtude que dá a cada hum o que he seu; as mais nobres especies suas são, as que dão a Deos o que he seu; estas são religião, que dá culto, & honra; & penitencia, que tem a sua conta recompensar a honra de Deos violada com a malicia do pecado, como a diante se verá.

Destas especies pois de iustiza, está cheo o liuro dos exercicios de santo Inacio, como verá, quem com vagar, & deuação o ler, & meditar. Porque quanto a virtude da religião, ella em todas as quatro semanas se ocupa em formar meditações de pecados, & penas a elles devidas, da vida, payxão, & resurreição de Christo, & do amor diuino, as quaes todas começam por oração preparatoria, em que se pede, que seja tudo o que nellas se obrar pera honra, & culto de Deos. Ocupase mais em fabricar colloquios, que consistem, como diz santo Inacio, no fim da primeira meditação das tres potencias, em falar com Deos, já com acção de graças por beneficios recebidos, já accusando, & confessando as proprias culpas, já pedindo, & affectos semelhantes, como são adorações, oblações, obsecrações, louvores de Deos, o que tudo he culto, & honra de Deos, como a diãte mais largamente, se verá.

Quanto a penitencia que se diuide em interior, & exterior, em varios lugares dos exercicios está encomendada. Pera a perfeição, & execução da interior, se ordenão os exames da

Tratado decimo do que se acha nos

consciencia, que santo Inacio deixou compostos antes de entrar nas meditações da primeira semana. E são em numero tres, geral, quotidiano, & particular. O geral serue de aparelho para confissão geral. O quotidiano para emendar faltas, em que cada dia cahimos. O particular conquista o vicio Rey, que em nos costuma dominar. De cada hum delles diz S. Inacio o seguinte no liuro dos exercicios,

Exame de consciencia geral muito proveitoso para purificar a alma, & fazer confissão geral. Do pensamento.

DE dous modos se terá merecimento do pensamento em materia de pecado mortal. Primeiro, quando logo em apô-tando a tentação, com diligencia se lança. Segundo, quando sendo a tentação importuna, & tornando hũa vez & outra, sempre a elle se resiste, até que de todo se vence; & este segundo modo he auentejado ao primeiro. Então se comete somente pecado venial em semelhantes tentações, quando hum tem algũa detença, como escutando, ou quando como de passagem, ou acidentariamente sente algũa deleitação, ou se mostra negligente em a lançar de sy. Então se comete pecado mortal, quando de qualquer modo se dá consentimento ao pensamento de materia graue, ou quando se poem por obra; & este he maior pecado, porque demanda mais tempo, tem mór efficacia, scandaliza a outros.

Da palaura.

DE muitos modos se offende Deos por palauras, como sab blasfemias, juramentos. Não he licito jurar, nem por criador, nem por criaturas, saluo concorrendo tres circumstancias, verdade, necessidade, reuerencia. Necessidade não se vê em afirmar qualquer verdade; mas somente a que consigo traz algũa importancia de bem spiritual, temporal, ou corporal. Reuerência he com que pretendemos dar com juramento culto, & honra a Deos Criador, & Senhor nosso. E ainda que juramento feito por

Criador he mais graue, q̃ por criatura, com tudo he mais difficul-
toso jurar licitamente por criatura que por criador; porque
o nome da criatura não causa tanto scrupulo, nem atencão pera
jurar com verdade, & necessidade, como do Criador. O mesmo
passa na reuerencia, que sem duuida menos se esperta em nossa
alma fazendo se menção da criatura, que do Criador. Por onde
mais se permite a doutos, & perfeitos jurar por criaturas, que
a idiotas, & imperfeitos; porque perfeitos ajudados da luz que
tem de Deos por via da oração, & contemplação, conhecem
mais de perto a Deos nas criaturas, em que esta por essencia,
presença, & potencia, assi estão mais aptos pera fazerem o ju-
ramento com mór reuerencia por criatura, em que reconhe-
cem o Criador.

Hão se de enitar palauras ociosas, que são todas as que nem
ao que fala, nem ao proximo trazem proueito, nem se dizem
com essa intencão. Sõ ficão isentas de ociosidade, palauras, que
trazem proueito a alma, corpo, bẽs temporaes do proprio, ou
do proximo, ainda que não sejão da propria profissão, como he
falar o religioso de guerras, ou mercancias, quando importa; &
he grande o merecimento que se tira das boas palauras, como
tambem o contrario das que são mal ordenadas.

Peca se tambem com palauras, com mentiras, falsos testimu-
nho, & murmuracões. Peca mortalmente, o que descobre peca-
do mortal do proximo com má intencão, ou descredito graue
de sua honra, em caso, que não seja publico. Peca venialmente
quando o peccado he venial. E em descobrir pecados alheos, des-
cobrimos sem duuida falsas nossas. Auendo boa intencão em
dous casos po demos falar mal do proximo. Primeiro, quando he
publico, ou sentenciado em juizo; ou pernicioso por ser erro na
Fé, & infectiuo. Segundo, quando se diz pera se remediar, auendo
conieitura prouaue de assi ser. Poderão se acrescentar zomba-
rias, afrontas, contumelias, & palauras semelhantes, que o pre-
feito spiritual poderá mais de espaço praticar ao exercitante,
conforme a necessidade.

Da obra.

EXaminando bem os dez mandamentos da ley de Deos, &
os cinco da santa Madre Igreja, & preceitos dos superiores,

Tratado decimo do que se acha nos

se ha de julgar, que tudo o que he em contrario, he pecado mortal, ou venial, conforme a materia, & animo do que peca.

Por preceitos de superiores entendemos tambem os breues Apostolicos, que se concedem contra infieis, ou pela paz, & tranquillidade da Igreja, com condição que aja confissoes, & communhoes dos que hão de ganhar as indulgencias, que nelles se contem; porque seria grande pecado desprezar, & deixar cousa tão pia, justa & santa. Atè aqui as palavras de santo Inacio, nas quaes se offerece algũa duuida. Porque se samente dissera que era pecado desprezar breues, & indulgencias dos Sumos Pontifices, ficara a cousa clara, & sem controuersia, pois nunca desprezo em semelhantes cousas, pode ser sem pecado graue, como consta da materia em sy tomada, pois he materia de Fè, & mal se pode defender de erro na propria Fè, & ainda que o desprezo samente seja pratico da execução, & não da opinião, com tudo será pecado, pois traz consigo injuria de cousas sagradas, & he final de animo frio, & muy apartado da deuação de cousas sagradas.

Mas como santo Inacio acrecenta, que será pecado graue deixar de tomar estas bulas, & deixar de ganhar semelhantes indulgencias, leuanta duuida, & difficuldade, pois não parece materia de pecado. Com tudo auemos de ter a doutrina de santo Inacio por inteira, & verdadeira. Porque moralmente falando, se hum vendo que pode ganhar indulgencias semelhantes, deliberadamente as deixa, escaçamente se liurará de pecado; ou porque com voluntaria prodigalidade desperdica o thesouro de bês spirituaes; ou porque causa em comunidade escandalo, pois sendo membro se não conforma com a cabeça, & corpo comum dos mais; ou porque com negligencia peca-minosa, deixa de socorrer ao bem comum a que pretendem acodir as indulgencias, o qual ainda que ordinariamente não chegue a pecado mortal, ainda está em pè a doutrina de santo Inacio, que não diz que se peca mortalmente, mas que se peca não leuemente, o qual se pode entender de pecado venial, mas em seu genero grosso, & digno de ser contado de consciencias scrupulosas, & tementes

a Deos.

Forma

*Forma do exame quotidiano, que contem
sinco pontos.*

P Rimeiro ponto, he dar graças a Deos nosso Senhor por benefícios recebidos. Segundo, pedir graça pera conhecer, & lançar fôra os pecados. Terceiro, examinar, pedindo conta a nossa alma dos pecados, que no dia presente cometemos, discorrendo por todas as horas, do tempo que nos leuamos primeiramente dos pensamentos, depois de palauras, & obras. Quarto ponto, he pedir perdão dos pecados cometidos. Quinto, propor com a graça de Deos emenda, & rezar no fim de tudo hum Pater noster.

*Exame particular, que se faz em tres tempos
acomodado à composição, & puri-
ficação da alma.*

P Rimeiro tempo, he o da manhã, no qual hum em se levantando, ha de propor de se guardar diligentemente do pecado, ou vicio, de que deseja de se emendar. Segundo, depois do meyo dia, no qual ha de pedir graça a nosso Senhor, pera se lembrar das vezes que cahio neste pecado particular, & pera se emendar. Assim começando fazer este primeiro exame pedirá conta a sua alma deste vicio, ou pecado, correndo todas as partes do dia do tempo que se leuante, até aquella hora. E quantas vezes achar que cahio, tantos pontos faça na primeira linha das que abaixo se apontão; o qual acabado, torne propor de nouo de se emendar com mais diligencia o restante do dia. Terceiro tempo, he da noite, no qual depois de cea, ha de fazer o segundo exame, correndo todas as horas que ouue do primeiro exame até este segundo, & passando pella memoria quantas vezes cahio, as apontará na segunda parte das linhas que pera este effeito terá aparelhadas.

Pera

Tratado decimo do que se acha nos

Pera fazer isto com mais facilidade, guardará as regras seguintes. Primeira, todos as vezes que cahir no pecado, ou falta, de que faz exame particular, tocando com a mão no peito, faça acto de arrependimento de ter cahido, o que pode fazer sem aduertirem os presentes. Segunda, á noite, contando os pontos, & combinando as linhas apontadas, húa com outra, veja se teue algũa emenda no segundo exame, auctajada do primeiro. Terceira, compare o exame do segundo dia com o exame do primeiro, & veja da mesma maneira, se ouue emenda de hum ao outro. Quarto, compare do mesmo modo os exames de húa semana com os exames da outra, & veja se teue emenda, ou tornou a tras. Das linhas abaixo apontadas a primeira mais comprida, serue pera o primeiro dia; como pera o domingo; Segunda, mais curta, pera a segunda feira, & asy as demais. Porque conueni, que cada dia se vá diminuindo o numero das faltas, ou pecados.

_____	Domingo
_____	2.
_____	3.
_____	4.
_____	5.
_____	6.
_____	Sabbado.

Exercicio de confissão geral, & Comunhão.

TRes proueitos, entre outros se tirão da confissão geral. Primeiro, ainda que não he obrigado a fazer confissão geral, o que ao menos se confessa cada anno, com tudo fazendoa, tem mōres commodos, & mōr merecimento, por causa da contrição, que por esta via he mayor. Segundo, vendo o pecador, por via da confissão geral, melhor a natureza, & málícia dos pecados, tira da consideração dellea mayor merecimento. Terceiro, porque côfessandose com mōr cuidado ficará melhor disposto pera rceber com deuacão o santissimo Sacramento, que retira mais dos pecados, & augmenta, & conserua mais a graça diuina.

Da penitencia exterior.

NO fim da primeira semana, diz santo Inacio o seguinte, falando da penitência. Diuidese a penitencia em interior, & exterior. Interior consiste em dor dos proprios pecados, com firme proposito de emenda ao diante, assi dos que lembrão, como de quaesquer outros. Penitencia exterior he fruto da interior, & consiste em alguma penalidade, que se pode fazer de tres modos. Primeiro, acerca do comer, tirando não somente do superfluo, que he mais próprio da temperança, que da penitencia; mas ainda do necessario; & tanto será maior merecimento, quanto mais se tirar, com tanto que não se siga fraqueza notavel, ou enfermidade, & dano do corpo.

Segundo acerca do sono, & modo de dormir, tirando não somente cama branda, & deliciosa, mas ainda cousas usadas, & ordinarias, com tanto que não perigue a saude, ou se perca, & diminua a vida. Por onde do sono primeiramente não se ha de tirar o necessario, mas alguma cousa para ganhar costume.

Terceiro, acerca do mesmo corpo, de modo que finta dor, trazendo cilícios, cordas, laminas, tomando disciplinas; & usando rigores semelhantes, mas de maneira que a dor se finta na carne, & não penetre os ossos com perigo de doença. Por onde disciplinas de cordas delgadas, são mais acomodadas, pois affligem, & não penetrão, nem causão doença.

Tem a penitencia tres frutos; satisfação por pecados; vencimento de paixões, com fogueição do corpo á alma; impetração de alguma merce, que pretendemos; como he, intima contrição de pecados; abundancia de lagrimas por pecados, ou Paixão de Christo; ou resolução de alguma duvida, em que andamos. Se estes efeitos se não seguirem importa variar a penitencia em forma, que se tres dias a continuarmos, os dous dias seguintes a diminuamos. E adverte-se, que pode auer juizo errado em penitencias, & conformado não com Deos, senão com a natureza, que ordinariamente se queixa, que não pode, que tem enfermidades. Pode tambem auer excessão com demasiada confiança nas forças corporaes; por onde he justo o conselho de
variar,

Tratado decimo do que se acha

variár, & mudar, diminuir, & acrescentar, pera que o Senhor em fim dê luz, pera acertarmos com o que he côforme a sua diuina vontade.

CAPITULO XIII.

Da fortaleza & temperança do liuro dos exercicios.

Como santo Inacio foy tão animoso na milicia corporal, como sua vida testemunha, assi mudado â milicia spiritual, não deixou, mas trocou o mesmo animo, & esforço de corporal, em spiritual, de que não sô nos deixou exemplos raros de vida, mas também preceitos faudaueis em seu liuro, que se podem reduzir à doutrina seguinte.

He notauel o proueito que recebe hum exercitante, se entra em exercicios com esforço, & animo liberal, pondose todo nas mãos de Deos pera fazer delle o que quizer; & se com tudo se achar desconsolado, & desanimado; não sô não ha de mudar seus primeiros propósitos, mas acrescentar oração, & penitencia, & persuadirse, que tudo he proua de Deos, que o quer deixar lutar com suas forças naturaes, com as quaes ajudado do auxilio que Deos costuma dar, pode fazer rosto aos inimigos. Pera o que também serue muito o exercicio da virtude da paciencia; não tema as ameaças do inimigo, que tem natureza efeminada; & vendo o exercitante animado, & forte pera resistir perde o animo; & vendoo pusilanime, & acanhado como fera se embrauece.

Deixo outros lugares, que o exercitante pera sua edificação pode ver. Venho à virtude da humildade, que he especie da temperança, de que sô falarei. Della diz santo Inacio no terceiro notado da segunda somana, que ha tres graos de humildade. Primeiro chama necessario pera a saluação, & consiste na fôgeição do homem às leys humanas, & diuinas; em forma, que antes percamos o dominio do mundo, & a propria vida, que cometer pecado mortal. Segundo he mais perfeito, & tem duas cousas; a primeira, vontade de nunca cometer pecado venial.

Segun-

Anot. 7.

Reg. 6.

Segundo, indifferença pera todos os commodos, & incomodos da vida; riqueza, pobreza; honra, deshonra; vida, morte; postos sempre os olhos na mór hõra, & gloria de Deos. Terceiro modo he de humildade absoluta; porque com ella elege a alma antes deshonra, & pobreza, que riquezas, & hõras, ainda com igual hõra, & gloria de Deos, & fructo spiritual, sô por imitar mais a Christo.

Tem esta doutrina tão profunda, algũas difficuldades, a que necessariamente se ha de satisfazer. Porque primeiramente mais parecem estes graos de todas as virtudes, que sô da humildade; pois guardar mandamentos, euitar peccados, he proprio de toda a virtude; & se a algũa em particular isto pertence, he a charidade, ou penitencia. Sendo tambem doze os graos da humildade, segũdo a regra de S. Bento, recebidos de S. Bernardo, & aprouados por S. Thomas; & sete, segundo a computação de S. Anselmo; como dá S. Inacio tres somente, deixando os demais; vltimamente não se deixa bem entender como seja humildade perfeita, eleger mais pobreza, deshonra, que riquezas, honras, &c. com igual gloria de Deos. Porque penalidades, & incomodos da vida, não dita a razão natural, que se elejão, salvo por algum bem spiritual, ou gloria, & honra de Deos, q̃ neste caso cessa; pois sopoem a doutrina de S. Inacio, que he igual a gloria de Deos na riqueza, & pobreza; honra, & deshonra. Nem a imitação de Christo com que defende sua doutrina, parece bastante, pois sempre ha de ser com mór gloria de Deos, que nosso S. padre sopoem não ser mayor, mas igual.

Não obstante isto, a doutrina de santo Inacio he verdadeira, & santa, & se entenderá melhor com as aduertencias seguintes. A virtude da humildade tem por officio reprimir, & moderar o appetite da propria excellencia; & ainda que não he virtude, que respeite a outrem, mas sô aquelle em que está, com tudo por esta mesma via de moderar este appetite, se fogaitea, & abate o homẽ a Deos, & a qualquer criatura, que participe a excellencia de Deos, & assi se diz fogaitear-se o homem a Deos. E como esta fogaiteação principalmẽte se executa pella obseruancia dos preceitos diuinos, por ella mesma se declara o primeiro grao de humildade, ou a propria humildade; & assi S. Bento os principaes graos poem na obseruancia das regras, & de toda a obediencia de religião; como os graos das virtudes se possão considerar de

Tratado decimo do que se acha

de varias maneiras, & segundo varias considerações, se possa diuidir em varios membros, não he muito variarem os santos na diuisão das partes, & graos da humildade; & dando outros muitos graos, dar S. Inacio somente tres, cuja variedade toma do affeito interior, que por varios modos pode ser mais, ou menos perfeito. Porque seu intento he falar da eleição de nouo estado, que depende do affeito mais, ou menos fogueito a Deos, & separado das cousas temporaes.

E falando particularmente do terceiro grau, he sem duuida muy conforme aos exemplos, & modo de falar dos santos, que julgão, que a conformidade com Christo, he rezão bastante para amarmos toda a fogueição, & graos de humildade, conforme a authoridade de S. Pedro. *Christus passus est pro nobis, vobis relinquit exemplum, ut sequamini vestigia eius, &c.* E ainda que S. Inacio diz, que he com igual gloria de Deos, com tudo como entra motivo da imitação de Christo, não pode ser sem mór gloria de Deos, & mór fructo de perfeição, & graça diuina, pois leua consigo mór amor, & reuerencia ao mesmo Christo, & o mesmo desprezo de bñs temporaes, auendo nas demais cousas igualdade, he excessão, por ser caminho mais seguro, & mais apto para merecer, & satisfazer. Serue com tudo este termo de que vza S. Inacio no terceiro grau de humildade, de purificar mais o affeito, & intenção, pois não aduertindo aos commodos, ou incommodos da vida, se poem os olhos na conformidade, & imitação de Christo. E com isto damos fim, & remate a este tratado, deixando a consideração das mais virtudes, que no liuro dos exercicios resplandece, á meditação vagarosa do deuoto exercitante.

Mostradas as virtudes que resplandecem no liuro dos exercicios, pedia este lugar, que fizessimos grossa, & confessorio mais comprido, sobre o texto do capítulo doze, onde S. Inacio como vimos trata dos exames da consciencia, & uso da confissão, & comunhão, mas pois estas materias são moraes, & annuñciando fio que leuamos da oração, de propósito as guardamos para o fim do liuro todo, onde as poderá ver quem pretender examinar de uagança os seus peccados, & fazer principal-mente confissão geral, como se segue.

TRATADO XI.

Dos tres estados, que se achão nas virtudes, de que atequi se tratou,
& na perfeição.



Em a charidade, & mais virtudes, de q̃ tratamos, seu nacimiento, & principio, quando primeiro se infundem, nascem, & se achão na alma capaz de liure aluidrio; tem seu aumento, quando cõ actos virtuosos se exercitão, & aperfeição. Tem seu auge quando chegão ao alto da perfeição, a que moralmente nesta vida se pode chegar; de tudo diremos em particular.

CAPITULO I.

*Do estado dos incipientes, proficientes,
& perfeitos.*

Conforme a este mòr, ou menor aumento da charidade, & mais virtudes, distinguem os santos tres estados das mesmas virtudes, ou dos que as possuem, & exercitão. Primeiro estado se chama de incipientes; segundo, de proficientes; terceiro, de perfeitos. Tomase esta distincção de varios effeitos, & accões, que a charidade, & mais virtudes obrão na alma q̃ pretende perfeição. Santo Agostinho compara a charidade à virtude augmentatiua, que causa varias idades no corpo humano: *Charitas cum nata fuerit, nutritur; nutrita, roboratur; roborata, perficitur.* Tem a charidade sua infancia de incipientes, juvenitudo de proficientes; idade varonil de perfeitos; o mesmo se entende das mais virtudes. Nem se chamão estados, porque nelles se aja de parar, mas porque são graos da charidade, que he o remate da perfeição, & o grao mais alto a que nesta vida se pode

Tratado undecimo

pode chegar; & assi em nenhum destes estados he contada húa alma até que se não iustifique por graça, & charidade de Deos.

Começa pois o estado dos incipientes no ponto em que hum se poem em graça, ou ella se continua na alma do baptizado no tempo em que o uso da rezão começa: persevera, & dura em quanto dura o conflito, & batalha rigorosa com as paixões, por causa das quaes se vencem com difficuldade pecados mortaes. E em quanto se sustentão, & defendem á força de braço, os castelos, & fortes da mesma charidade, & mais virtudes, sem as quaes, nem ella pode estar, nem este nobre estado durar.

Começa o estado dos proficientes, quando começam amainar as paixões incitadoras do pecado; & com a diminuição, & moderação dellas mesmas, se aumenta, & crece; & em fim dura em quanto se vencem com difficuldade pecados veniaes, que ordinariamente se cometem, em toda nossa vida, ou na mayor parte della, por occasião dos continuos objectos de cousas temporaes, que distrahem nossos sentidos, imaginações, q̃ molestaõ a alma; & affeitos que repartem nossa vontade.

Começa, & continúa com aumentos continuos o estado dos perfeitos, quando a alma se vay afastando, & abstrahindo das cousas temporaes; & de tal maneira dá de mão a cuidados, & affeições terrenas, & corporaes, que alcança paz, & sossego, sem ordinaria perturbação de paixões; sem distração de pensamentos, & molestia de affeitos, & facilmente evita veniaes, ganhando tão alto sitio, & tão sobranceiro ao mundo, que de ordinario a tenção, & intenção está em Deos, no qual exercicio, & diminuição de pecados, ainda veniaes, consiste a perfeição desta vida.

Nunca estes tres estados se achão nesta vida tão separados, & distintos, que hum não participe do outro. Porque falando do supremo, nenhum chega a tal estado de perfeição, que não possa, & deua crescer mais. O contrario he erro condemnado no Concilio Vienense. E assi os perfeitos sempre hão de ir a diante por não tornarem a tras; que como diz São Hieronymo na vida spiritual o mesmo he não proseguir o caminho, que tornar a tras. Participão logo nesta parte do estado, & condição dos proficientes, cujo officio he sempre ir a diante, & apronei-
tar.

Ad Demet.

E se

E se S. Paulo aleuantado ao terceiro Ceo, posto no supremo estado castigaua seu corpo, que presumira de ly tal grao de perfeição, q não tenha necessidade de penitência, & mortificação, a qual quando for pera conquistar, & vencer tentações grauíssimas, q Deos ás vezes permite aos perfeitos, pera os humilhar, claro está, que então fazem pé arras, & tornão ao berço dos incipientes, aos quaes pello côtrario toma Deos muitas vezes em braços, & leua ao paraíso, & delicias dos perfeitos. *Pius Dominus noster* diz Sr. Bernardo, *pussillo corde blanditijs talibus solet allicere*. Como a perfeitos arrasa cõ tetações ao primeiro estado, pera os prouar, & humilhar, assi a imperfeitos, & incipientes aleuanta ao supremo, pera os animar. E assi passa em effeito, que leuantados com a doçura dos gostos dignos, esforçados com o suaue manjar da esperança, obrão naquelle tempo com mais pressa, & facilidade, q os exercitados, & perfeitos. Pois se os do supremo estado participão do infimo, & os do infimo do supremo, bem se deixa entender, que os do meyo, que são proficiêtes, muito mais participão dos bês, & males dos incipientes, & perfeitos, pois ficão mais vizinhos aos dous estremos.

2. Ad Cor. 12.
1. Ad Cor. 9.

Bernard.

C A P I T U L O II.

Da oração necessaria aos tres estados.

EMnacendo o principe, o infante, a primeira coisa q faz o Rey, he tratar de ama, a mais perfeita, & de melhor leite do reyno, assi nacêdo na alma a princeza charidade, as infantes, q são as mais virtudes, o primeiro cuidado nosso, q tambem he o primeiro do grãde Rey Deos, ha de ser buscar ama, cujo peito se criem, com cujo leite vão crescendo; esta he a oração: a mais perfeita ama, & de melhor leite, q ha no mundo. Sem ama, que crie, morre a criança; sem oração morre a charidade, & mais virtudes, se a ama for escaça do peito, fica a criança desmedrada; quãto mais achega ao peito, tãto melhor lograda; se a oração for escaça pera nós, ou pera melhor dizer, nós pera ella, sempre andaremos fracos, & desmedrados, quãto mais a frequerarmos, tanto mais robustos, & esforçados nos a charemos. Não passa o mingo do peito da ama dos primeiros annos, acabados elles se sustenta a criança de outros manjares; não he assi nella ama

dirigida a oração, senão q' toda a vida ha de durar o mimo de seu
peito, o pasto de seu leite, sem q' n' tão to tomarmos outro pei-
so outros sabores de manjares da terra. Seria monstro ver h' u
homem de cem annos posto ao peito da ama, sustentar-se como
criança de m'ostro da vida spiritual h' u homem cheo de cãs, &
annos viver na religião sem estar ao peito da oração, sem estar
como criança, gozando, & sustentando-se de seu leite celestial. Co-
meço assim a sustentar as crianças, primeiro cõ o doce de seu
leite, sustentando-as cõ amargozes, a cõdem cõ manjares grossei-
ros, & menos mimosos. A oração ao cõtrario, começa por mi-
jares grosseiros, & amargos, quaes são as meditações de pecc-
dos, do inferno, & mais penalidades a elles devidas; nõ fin a cõ-
deção o doce da cõtemplação, com o manã da cõsideração da
vida, & resurreiçãõ de Christo n'osso Senhor, & gloria. Cõforme
a esta doutrina, se deixa bem ver a necessidade q' ha da virtude
da oração para aumentar, & perfeiçãõ da charidade, & mais vir-
tudes. Assim como dissemos q' ellas tem tres estados de incipien-
tes, proficiẽtes, & perfeitos, assi dissemos cõ a doutrina comu-
dos santos, q' ha tres generos de oração, tomada em geral, q' cõ-
templatiua chamão de tres vias, das quaes a q' lena, & sobe ao
estado de principiantes se chama purgatiua; a dos proficientes,
iluminatiua; a dos perfeitos, virtuosa. A todos a oração he neces-
saria, pois he seminario, & fonte de santos pensamentos, & affei-
tos, & por cõ seguinte de todas as virtudes, q' ornão, & cõpoem
qualquer estado de perfeiçãõ; mas como a perfeiçãõ, & dispo-
sição para orar não he igual em todos, assi nem a oração; & por
isso cõforme aos estados, ou he mayor, ou menor; & se declara
pellos termos, que dissemos, que tomão sua distincção do fim
proximo, a que a oração se dirige.

O fim da purgatiua, he dispor a alma para se justificar, ou de-
toda no principio, ou em parte no processo; purificando-se de pe-
cados cometidos, & satisfazendo pellas penas a elles devidas, &
preferando de sigs suantos cõ vitoria de paixões, & maos habi-
tos, & fugindo q' os conuerfagões, & quaesquer seminatios de
mal. O fim da illuminatiua he, esforçar, & dar luz a alma para o
aleance das virtudes, & mayor moderação das paixões, cõ que
de furtada do impedimẽtos, tenha mais facil a fugida de pecc-
dos, nõ s'õ mores, mas vniuersaes, & mais facil o exercicio das
virtudes,

virtudes, especialmente moraes. O fim da viuidade, e leuantar a alma a tal conhecimento, & affeito, que somente se ocupe em ardente amor, & união com Deos.

Conforme a estes fins, são também diferentes os meios da oração pera os alcançar. A purgatiua joga principalmente de affeitos de dor, tristeza, cõpunctão, aborrecimẽto, temores, iras, confusão, fugidas, & contrição, que são as verdadeiras disposições pera a justificação. Os meios da illuminatiua, são em especial, desejos, esperanças, resoluções, imitação, propositos, & ouzadia pera o bem que pretende. Meios da viciua, são amor, gozo, paz, alegria, desejos inteiros, saudades amorosas do vltimo fim a que se ordena.

A materia, ou obiecto em que se ocupa a purgatiua, são peccados, morte, juizo, inferno, &c. Materia da illuminatiua são virtudes moraes, vida de Christo, santos, & também os sacramentos. Materia da viciua, gloria, attributos diuinos, criaturas, em quanto leuão a Deos, &c. Mas dos obiectos de todas em particular diremos quando tratarmos das partes da oração. Assim estas tres vias sua distincção, & nome, do quem ellas mais amita, & regularmente se exercita. Mas como com a distincção dos tres estados, ellas participam em hũs dos outros, & asias tres vias não se hão de separar de aneixa, supor em qualquer dellas se não possa exercitar, o que se pode na outra, ou o contrario.

CAPITULO III.

Autorizase esta doutrina com lugares da

Escurtura.

Reprẽtãõ dos filhos de Israel sahindo do Egypto passando o mar Roxo, o primeiro estado, e via purgatiua. Caminhando pello deserto guiados por columna de fogo, illuminatiua. Entrando na terra de promissão, que manaua mel, & manteiga, viciua. No templo aia a tribo onde se degolãõ animaes, santa onde ardia o Candelabro de ouro, & Santa sanctorum, lugar de Cherubins, mansão da dõ Testamẽto. Tres generos de metaes mããua Deos, scrussom no mesmo tẽplo, cobre, prata, & ouro. O excessõ de hũs a outros no preço, he dos estados na perfeição

santa Maria Magdalena, primeiro regou os pés de Christo com lagrimas; depois ungiu sua sagrada cabeça com o oleo, & balsamo cheiroso; em fim gozou d'elle resuscitado.

Pella altura destes estados sobranceira a todo o criado, & sobida da alma a elles pella oração, teue rezão São Bernardo liuro de *amoré Dei*, de os comparar a montes altos. *Cogitationes, intentiones, voluntates, affectiones, & omnia interiora mea venite ascendamus in montem ubi Dominus videt, & videtur.*

S. Bern. l. de amoré Dei.

Exod. 3.

Tres montes acho principalmente na Escritura a que sobio Moyses; exemplo dos que pretendem perfeição, que ao viuo representão esta materia. O primeiro he o monte Oreb, em o qual Moyses, que pouco antes sahira de Egypto, apacentando seu gado no deserto, & metendose pello mais solitario d'elle, vio a çarça, penetrada de fogo, sem se queimar, ouiu a voz que della sahia, & mandana não chegasse, & se descalçasse, por ser santa a terra, que pisaua com os pés, como em reposta do que pretendia, & dizia; iréi, & verei tão grande maravilha; como he possível a çarça arder, & não se queimar? Tudo representa o que passa na via purgativa, & estado de incipientes, que sahindo do mundo, & entrando com o gado de seus pensamentos, & affectos no interior da perfeição, começam a ser purificados por Deos de males de pena, & culpa, que trazião de Egypto, que isso denota o fogo em que appareceo; porque como diz santo Thomas. *Ignis est magis purgatiuus, & consumptiuus.* He fogo, que neste estado serve mais de queimar, & purificar, que de alumiar; ainda que purificando de males, não pode deixar de alumiar com bés.

Atease, não em flores, & rosas de boa vida, & mimo do corpo, mas em espinhos de penitência, & rigor. Arde em monte Oreb, que quer dizer espada, instrumento que serve de cortar, & ferir, com differente fim do q'ardia no montante do Serafim do paraíso terreal, pois não he pera fechar, & impedir entradas, mas pera abrir aos que se cortão, & mortificação, a porta da gloria. Pera chegar a tam mysterioso monte, & lograr visão tam admiravel, *Solue calcamenta de pedibus tuis*; o primeiro aparelho seja confissão geral, & purificação de pecados mortaes, figurados no calçado, que se faz de couros de animaes mortos, com que os pés, & affectos da alma ficão

Exod. 3.

aptos pera pisar a terra santa, sobir por força do aliuio da cõsciencia aos altos montes da perfeição.

O segundo, he o monte Sinai, que por sua mòr altura, & mais distancia do Egypto, & menos da terra da promissão representa bem, o estado dos proficientes; está todo alumiado com o resplendor, & luz do Ceo, pella qual não pode entrar, nem sobir o pouo rude, & carregado com despojos do Egypto; mas entra, & sobe Moyses purificado no monte, & com elle todos os que liures de pecados, & afeições do mundo, começam ser illustrados na via illuminatiua, principalmente com o resplendor das virtudes moraes, prudencia, justiça, fortaleza, temperança, q se comprehendem na ley, & decalogo que Deos deu, mas não as recebe em taboa de pedra dura, como Moyses, mas nas taboas brandas do coração, pera os cumprir, & executar, indo de virtude em virtude, até chegar a Deos em Sião.

Exod. 19.

O terceiro he o monte Nebo altíssimo, ao qual mãdou Deos sobir Moyses, depois de caminhar quarenta annos pello deserto, & daly lhe estene mostrando a terra de promissão, que do mais alto d'elle se descobria, a hũa parte os palmares de Cades, à outra os rosaes de Ierico, os valles ferteis, regados cõ as agoas do Jordão; os môtos plâtados de oliveiras. Cõ os olhos em tão fermosa vista, sem preceder doença, desfaleceo Moyses, & espirou. *Mortuus est ibi Moyses*, diz o texto sagrado, *seruus Domini in terra Moab iubente Domino*; morreo por mandado de Deos. Se bem representa Moyses no monte Horeb a via purgatiua dos incipientes, & no môte Sinai a illuminatiua dos proficientes, qué não vê quam clara figura he da via vnitiua dos perfeitos o monte Nebo? A grossa o diz sobre o mesmo lugar. *Per Moyssem significatur homo contemplatiuus celestis patriæ per terram promissionis significata*. O quam alevantado he o cumê a que sobem os perfeitos pella via vnitiua? quam bemaumenturadas vistas descobrem do alto da perfeição? com os olhos na verdadeira Palestina, na Ierusalem celestial, nos rosaes q nunca se murchão; sempre recendemi; nos aruoredos plantados às ribeiras do rio q sahe do trono do cordeiro, & rega os campos do Paraíso; desejando desfalecê, & desfalecendo desejo. *Concupiscit, & deficit, anima mea in atria Domini, & así iubente Domino*, por ordem diuina, ou *in ore Domini; in osculo Domini*, cõ a boca na boca

Deut. 34.

Psalm. 83.

Tratado undecimo

Cant. 8.

de Deos; com o rosto no rosto de Deos; neste suauissimo osculo do amor diuino *Mortuus est Moyses*; morrem à vida corporal, viuem à vida spiritual; nada do terreno vem, ouuem, sentem, abortos das dilicias da gloria. *Fertis est ut mors dilectio*. A força da morte chega a arrancar a alma do corpo, & meter o corpo na sepultura. Aparta sem duuida o amor diuino a alma das operações do corpo, & sobindo ella ao alto fica elle como sepultado na mortificação de seus sentidos.

Iob. cap. 5.

6. Moraliū
Cap. 24.

Perá significar este mysterio, sepultou Deos a Moyses depois de morto ao pé do monte Nebo, como se fazendo deuida reparição, dera os altos do monte a alma viua, & os baixos ao corpo morto. Desta sepultura falaua Iob, quando dizia, cap. 5. *Ingrederis in abundantia sepulchrum*. Quam pobre, & desamparada he a sepultura do corpo morto, tão abundante, & rica he a spiritual do corpo viuo. S. Gregorio ibid. *Quid sepulchri nomine nisi vita cōtēplatiua designatur, que nos quasi ab hoc mūdo mortuos sepelit, dū a terrenis desiderijs susceptos in intimis abscondit*. Igualmente se recolhe a alma no peito de Deos, & o corpo no sepulchro da mortificação.

CAPITULO III.

*Declarase o titulo do liuro dos exercicios de
nosso santo padre Inacio.*

A oração dos tres estados, q os santos declarão, pello termo de dias, chama nosso S. padre Inacio exercicios; cō tanto mayor propriedade, quāto mōr semelhāça tem, a oração, que se exercitā por actos do entendimēto, & affectos da vōtade, com o exercicio, & mouimento cō q andamos, do q tem cō o caminho por q andamos. Por onde alem de intitular o liuro, q fez da oração. *Exercitia spiritualia*, diz na primeira anotação. *Nomine spiritualiū exercitiōrū intelligitur modus quilibet examinandi propriam cōscientiam, item meditandi, contēplandi, orandi secundum mentē, & vocem*: mas como os santos repartirā a oração em purgatiua, illuminatiua, & vnitiua, respeitando aos termos, & fins das vias, a que a assemelharā; assi nosso S. padre a repartio em hebdomadas, ou somanas, tēdo respeito ao espaço, & tempo em que deuem correr, & durar os exercicios, a que a comparou, de

tal modo, q̃ a primeira somana em q̃ se contem meditações de pecados, & nouissimos responde á via purgatiua. A segunda, & terceira da vida, & paixão de Christo nosso Senhor, & dos santos, á via illuminatiua. A quarta da resurreição, & gloria, & attributos diuinos, á vñitiua. Assim o diz o nosso S. anotação decima. *Humani generis inimicus, per boni speciem eos, ut plurimum oppugnat, qui antea in via vite, quã illuminatiuam appellant, respondente exercitijs secundæ hebdomadæ fuerint potius versati, quã in altera, quæ purgatiua dici solet, atque per exercitia primæ hebdomadæ cõprehenditur.*

Nem nosso S. padre poem ao tempo destes exercicios nome de somanas, porq̃ limite cada hum delles a oito dias, em que a somana se limita. Atsi o diz elle anotação quarta. *Non ita accipiẽda sunt dictæ hebdomadæ, ut necesse sit vnamquamque cõtinere septem, vel octo dies.* Mas de industria as chamou así pera alêtar esperanças, & animar pusilanimidades, dos que acouardados cõ a altura, & difficuldade dos mōtes da perfeição se acanhãsem a não seguir o caminho, parecêdolhe, q̃ tarde, ou nũca chegarião; como prometendolhes, q̃ perseverando breue tempo, qual he de hũa somana, na oração chegarião ao alto; artificio semelhãte ao de Daniel; que pera não defanimar os que esperauão a vinda do Messias, contou os annos, que auia de tardar por hebdomadas, das quaes cada hũa com tudo tinha oito annos.

Daniel. 9o

He tal porem a difficuldade da perfeição, q̃ nem este numero de annos, a que se limitauão as somanas da vinda temporal do Messias aos altos de Belem, podemos afsinar as somanas, que demanda a vinda do mesmo Deos aos altos da perfeição. Porq̃ como diz nosso S. padre. *Cum contingat alios alijs tardiores, vel promptiores esse ad consequendum id, quod querunt, aliquos etiam plus aut minus agitari, probariq; varijs spiritibus, expedit succidi hebdomadam quamcumque, vel extendi iuxta materiam subiectam rationem;* nace esta incerteza de tenipo, & espaços indifferentes das hebdomadas, ou da parte dos homẽs, por serem hũs naturalmente mais agudos do entendimento, & affectuosos da vontade; em fim promptos pera alcançarem o que se pretende; ou da parte de Deos, que ora reparte largamente, & com mais mimo suas graças, & diuino spirito, ora encolhe a mão, & proua com tentações, & difficuldades, como Senhor das almas.

Tratado undecimo

Seja poré regra ordinaria, q'a primeira somana dos incipientes demanda mais tēpo pera nella se andar a via purgatiua, q'a dos proficientes pera a via illuminatiua, & esta que a vltima dos perfeitos pera a vñitiua; pera que na propozição q' vay crecēdo o estado da perfeição, se vā abreniando o tempo em que se alcança. Nosso santo padre anotação primeira, por mysteriosas palautas o deu a entender na semelhança do exercicio corporal de que vsa. *Sicut enim deambulare, iterfacere, & currere exercitia sunt corporalia; ita preparare, & disponere animam ad tollendas affectiones omnes male ordinatas, & ijs sublati ad querendam, & inueniendam voluntatem Dei, circa vite sue institutionem, & salutem animae, exercitia vocantur spiritualia.*

Onde quer sem duuida, que a ventaje que leua na pressa, o que anda ao que passa, & o que corre a ambos; essa leue o exercitade da segunda, & da terceira somana, ao da primeira, & o da quarta, a ambos, cada hum na via de seu estado. Vesse claro cotejada bem a semelhança. Pois ao *ambulare*, que pōs no primeiro lugar responde tambem no primeiro, *preparare animam ad tollendas affectiones male ordinatas*, que he o fim da via purgatiua; & ao *iterfacere* do segundo, responde no segundo *ad querendam voluntatem Dei*, que he o fim da via vñitiua,

obad querendam voluntatem Dei, que he o fim da via vñitiua, pello acto de amor; pois acha o sumo bem que pellas outras vias buscava, tirando os impedimentos, na primeira; a mandose de virtudes na segunda.

TRATA-
ção de virtudes na segunda.

TRATADO XII.

Da virtude da Religião.



HE tão grande a força da oração, que juntamente levanta com fé, & contemplação o entendimento a mysterios divinos, & com affectos a vontade a officios, & obrigações humanas; de modo que considerando a Deos como obiecto principal, tambem mostra o modo com que ha de ser honrado, & servido; nem merecerá nome de oração, se alumando entendimento, não inflamar a vontade; se alcançando noticia da magestade divina, não inclinara a ser de nos honrada, & venerada. Aqui se perderão Philosophos antigos, como diz S. Paulo. *cum cognovissent Deum non sicut Deum glorificaverunt, aut gratias egerunt.* Conhecendo a Deos com entendimento, não applicarão a vontade ao culto, que merecia. *Roman. 1.*

Sendo pois este o principal officio da oração contemplar, & honrar a Deos, pera tratar della em particular, necessariamente se ha de tratar primeiro da virtude da religião em geral, como genero seu, cabeça sua; pois segundo Clemente Alexand. *Religio ceteras virtutes superans, antiquissimam, & supremam causam deorum colere, & venerari.* Sendo auantejada ás mais virtudes moraes, dá regras de honrar a Deos; & porque a oração a lêm do culto de Deos, tem outras propriedades moraes particulares; conhecida primeiro a rezaõ do culto, será facil conhecer as mais, & alcançar perfeita noticia desta virtude. *2. 1. 1. 1. 1.*

CAPITULO I.

Da significação do nome da Religião.

I Vstiga, húa das quatro virtudes moraes, tem como diz S. Thomas por officio dar a cada húa, o que he seu; este exercita por varios actos, & especies suas, conforme a variedade das pessoas, inferiores, iguaes, superiores, dos quaes ao supremo que he Deos

De vera sapi.
In Amos.
de vera reli-
gion.
opuscul. 19.

dão que pode, & nelle cabe, que he culto, & honra por meyo da religião; cujo nome se deriva do vocabulo latino *religio*, que he o mesmo que tornar atar, ou atar mais, & de nouo a mesma cousa. Porque sendo nós obrigados a vnir nossas almas com Deos, como autor da natureza, com inclinação, & culto natural, se de nouo o fazemos por eleição voluntaria, & habito virtuoso he cô esta virtude, como tem Lactancio Firmian. S. Hieronymo, S. Agostinho, S. Thomas, & outros. E porque os que desta maneira se vnem com Deos, tambem naturalmente ficão vnidos entre sy, do mesmo fundamento se chamão religiosos; & seu estado religião, em especial quando ao vinculo de que falamos, se acrescenta voto, como a diante se dirá. E se a palavra religião tem outras significações, como he a de obrigação, scrupulo, cuidado demasiado, &c. todas ellas combinão com a virtude, de que tratamos; pois a principal obrigação de hũa alma he vnirse com Deos, honrar a Deos; este deue ser o môr cuidado, & deixar de o fazer o môr scrupulo.

Quando dizemos, que religião se toma por esta virtude, não sô se entende do habito interior, que está na alma, mas das acções exteriores, que della procedem, da doutrina, que a ensina; em fim das proprias criaturas, com que honramos a Deos, como consta de muitos lugares da sagrada escriptura; & se deixa ver em outras virtudes, & em especial no voto, que não sô se toma pela promessa, mas tambem pela mesma cousa, que se vota, & offerece. De qualquer modo que seja, em todas estas significações se acha fundamento, & rezoões de santidade, & conformidade com a rezão, & ley diuina, pera que as estimeinos, & exercitemos em todas as occasiões, que se offerecerem da gloria de Deos.

CAPITVLO II.

Do obiecto da Religião.

Como na arte de ouriuez concorre materia, em que lãra; & pessoa, pera quem lãra; assi na virtude da religião ha materia, em que se ocupa, & pessoa a quem a dirige, & ordena.

He

He a materia de ouriuez ouro, & prata; & a materia da religiãõ honra, & gloria. He a pessoa pera quem o ouriuez laura a peçã o Rey, o Principe, a Raynha, o senhor: he a pessoa pera quem a religiãõ grangea honra, & gloria, o supremo Rey Deos nosso Senhor; o Principe Iesu Christo seu filho; a Raynha Virgem Senhora nossa; os Santos do paraíso na forma que se deu. Dã o ouriuez prata, ouro, não toско, mas laurado em varias figuras, da cadea, do anel, da taça; offereçe a religiãõ honra a Deos por tantos modos, & formas quantas são as especies, em que se diuide, como em seu lugar se verá.

E porque toda a materia em que se ocupa hũa virtude, & todo o fim a que a ordena, se comprehende por nome de obiecto, como dizem ordinariamente os Doutores; daqui nage que o obiecto da religiãõ não he sò a gloria, & honra, que se dá a Deos, mas o proprio Deos honrado, & glorificado; com esta differença, que a honra he obiecto immediato, & proximo; Deos obiecto remoto: a honra podemos chamar obiecto material; Deos obiecto pessoal. Este obiecto material consiste em algũas operaçõs humanas, com que costumamos dar honra, & gloria a Deos, & se comprehende de baixo de nome de culto diuino, como diz S. Thomas, & Caietano; nem he inconueniente sabir como effeito da religiãõ, & ser materia em que ella propria se ocupa; pois segundo doutrina de Philosophos: fim, & effeito por respeitos diuerfos, vem ser o mesmo.

Não he limitada, nem estreita esta materia de religiãõ, em que falamos, mas comprehende todos os actos humanos, em quanto se podem aplicar, & seruir de honra, & gloria de Deos, pois de nós não pode ter outro proueito, ou interesse. E se entre os homens, gloria consiste na boa opiniãõ; honra no final exterior; o mesmo corre em Deos, & ambas as cousas pretende, & exercita a religiãõ; pois ambas pertencem ao culto diuino, nelle andão tão juntas, que se não podem separar hũa da outra. De modo que esta materia proxima comprehende assi a boa opiniãõ, & conceito que temos de Deos, como os mais actos, & finais exteriores, com que o manifestamos, não porque Deos tenha necessidade desta manifestação; mas porque em nós criaturas suas está bem o exercicio della.

Daqui

Tratado duodecimo

Daqui se deixa bem ver como Deos he obiecto remoto da virtude da religião ; porque primeiro tem o obiecto, de que fallamos, & por elle remata em Deos ; & nesta parte se differença da charidade, & virtudes Theologaes, que seus actos directamēte sem se meter cousa de por meyo vão dar em Deos : mas a religião primeiro quer a honra, & gloria de Deos, & não parando nellas, em fim vai parar em Deos, como pessoa venerada, & honrada, que por essa causa dizemos que he obiecto pessoal, o que bem mostrão estes, & semelhantes affectos, com que dizemos quero honrar a Deos, pretendo em tudo a gloria de Deos; amo a honra, & culto de Deos; pesame de não procurar com todas as forças a gloria, & honra de Deos; gozome de honrar a Deos; os quaes todos nadem da virtude da religião: não assi estes; Creio em hum sò Deos todo poderoso, Trino em pessoas, eterno, immenso, infinito: espero em meu Deos, bem meu, & gloria minha; amo a meu Deos por sua bondade, & perfeições infinitas, as quaes nadem da Fè, Esperança, & Charidade; & sem se deter em algũa outra cousa immediatamente voão a Deos; & por essa causa são mais nobres, que os da virtude da religião; & ella mais nobre que todas as mais virtudes moraes, pois em fim de qualquer modo que seja tem por obiecto a Deos em quanto, como diz S. Thomas, reconhece nelle suprema excellencia de perfeição, rezão de primeiro principio, & dominio sobre todas criaturas, em especial sobre nossas acções humanas, como adiante melhor se entenderá.

2. 2. q. 81.

CAPITULO III.

Da obrigação que temos de dar culto a Deos pela virtude da religião.

SE he verdade o que no principio dissemos, que officio da justiça he pagar diuidas, dar a cada hum o seu: sendo assi que a religião he membro da justiça, claro está, que sua obrigação he dar culto a Deos, em especial pois o respeita como primeiro principio, & senhor de tudo. Não he assi que tudo o que possue

te m,

tem, & faz o escravo, mais he de seu senhor que seu proprio? Pois sendo nós todos escravos deste grande Senhor, feitura da primeira principio, quem duvida, que tudo o que obramos em seu serviço em sua honra com religião, he pura diuida? Não tem a virtude da liberalidade lugar no escravo pera com seu senhor, menos a tem em nós pera com Deos, pois nós somos mais escravos seus, & elle mais senhor nosso. Se entre homens té lugar liberalidade, & doação, he porque nelles pode caber proveito, interesse, & comodo proprio; mas Deos que interesse pode ter de nós? que comodo pode ganhar de nossas dadiuas? Isenta he a liberalidade entre os homens de toda obrigação; o que dá he sem respeito de diuida ás pessoas a quem dá; o que não pode concorrer em Deos, pois sempre somos devedores, sempre estamos penhorados de sua divina mão. Assim o diz S. Thomas, quando chama a religião especial servidão de Deos; culto devido; obrigação divina, vinculo, & cadeia, que de novo ata a alma com seu primeiro, & perene principio, assim tem Caietano, Soto, & outros. E ainda que a religião tenha algus actos que de sy parecem liberalidade; como he fazer voto; ter oração por deuação voluntaria, & semelhantes; com tudo ainda tem rezaõ de diuida geral, posto que no particular não seja. O que se pode declarar, & entender por semelhança, do que deue em comum, sem saber a quem em particular, que quando satisfaz a hum que voluntariamente escolheo, sem diuida exercita, não liberalidade, mas obrigação, & justiça. Assim he, que como deuemos a Deos em geral tudo, ainda que algus obras em particular pareçam liures, sempre damos por intento do que deuemos, sempre he paga, sempre he obrigação.

CAPITULO III.

Dos actos interiores da Religião.

POr actos interiores entendo sò os que sahê, ou podem sahír immediatamente do habito da virtude, que está na alma; ou se ainda não ha habito, os mesmos, que o gerão, ou dispoem a alma pera o gerar, & adquirir, como acontece nas virtudes sobrenaturaes,

turças, que Deos infunde. A harmonia, que estes actos da virtude da religião guardão entre sy, descantados ao instrumento do entendimento, & vontade he esta. Primeiramente o entendimento, ou ornado do lume natural, ou juntamente da fé, & prudência, conhece o culto, & honra que se deue a Deos, & julga, que he bé que se dê ao mesmo Deos, não esta nem cõsiste ainda neste acto a virtude da religião; mas he preambulo seu; & he geral em todas as virtudes moraes, preeceder juizo do que se ha de fazer nas materias; cõ o que está, parar ainda a alma sem obrar, ou obrar em contrario do que diz o entendimento. Por onde na materia de que tratamos, pode auer juizo do culto deuido a Deos, & não auer a execução por falta do acto da vontade, que he o segundo neste theatro, & cõsiste em hum affeito grande ao culto diuino, que se chega a ser perfeito, & efficaç, moite como Rey as mais potências pera sahirem com o culto de Deos, que dissemos. Elle he o primeiro acto desta virtude, & d'elle como fonte sahem todos os mais; & ordinariamente he sobrenatural, & infuso por Deos, se como feis obramos, pois assi honramos a Deos como principio da graça, & fim sobrenatural, & como excellẽce, com perfeições, a nosso modo de entender, de diuerso grao, do que são as naturaes. E a materia com que o honramos tambem he sobrenatural, como a diante se dirá: & o mesmo acto em sy tem conformidade com o ditame da razão illustrado com lume sobrenatural, & sobido com participação da graça diuina. Ainda que esta doutrina seja ver da outra não se ha de negar, que pode auer acto com que nossa vontade governada só por razão natural quiza dar culto a Deos como autor, & principio da natureza. A razão he porque naturalmente podemos conhecer a Deos nesta forma com o entendimento, & lume natural; pode logo a vontade por affeito natural querer, & executar este culto natural; & assi será acto da religião natural, tão inferior ao sobrenatural que como feis executamos, quanto vai da natureza a graça.

CAPITVLO V.

Das actos exteriores da religião.

Posto o acto da vontade efficaç cõ qnos resolutmos honrar a Deos, tudo o mais que d'elle se segue, ou seja obra do entendimen-

alimento, ou das potências, & sentidos corporaes, se chama culto diuino; & se pode comprehendet debaixo de mais de hã exte-
rior, porq se faz por outras potências fora da vontade ainda que
mais própria, & comumente se chamão actos exteriores da reli-
gião, os q se exercitão como como, ou uso de alguma coisa cor-
poral, como he ajoelhar diante de Deos, bater nos peinos, incen-
sar altares; & outros que omfendigan se dirão; & todos elles se
chamão culto diuino; & sahão immediatamente da vontade efficaz, se
se meter de por meyo d'outro acto. Ella como Raynha os mada, &
toma como finais com que professa, & professa a excellencia de
Deos.

o. Falando particularmente destes corporaes, se cõ elles toma-
mos alguma coisa de Deos, chama se culto de sacramentos, de que
se dirã a diante; se com elles damos alguma coisa a Deos, chama-
se culto exterior, o qual ou se faz immediatamente com os mem-
bros do corpo, como he inclinar cabeças, cantar hymnos; ou cõ
outras criaturas, como são dadiuas que se offerecem, pagas de
votos, & promessas, & semelhantes que diremos.

Não ficão fora deste numero os actos, ou affectos do appetite
sensitivo, que reside no coração, como dissemos no segundo tra-
tado; os quales de duas maneiras pode a vontade dirigir a Deos,
& fazer culto diuino. Primeira de proposito, segunda, como de
volta, & companhia. De proposito será quando mandarmos, ou
applicarmos a fantasia, ou entendimeto corporal a cuidar da ma-
neira que pode em Deos, debaixo d'algũa semelhança, ou figura
corporal, como de hum fogo infinito, ou de hum resplandescente
estendido sem termo; ou coisa semelhante; & representada esta
figura, logo a vontade com acto efficaz de religião moue, direi-
tamente o appetite sensitivo pera se sôjeitar a Deos, pera honrar
a Deos com algum genero de culto a elle possiuel; qual será acto
de gozo, saudade, temor, dor, ou outro semelhante applicado a este
intento, de modo que seja obiecto da vontade resolta a honrar
a Deos; como he tambem levantar mãos; ajoelhar, inclinar
cabeça. Pois não ha maior razão pera estes membros do corpo
mouidos da vontade religiosa sahirem com estes sinais de culto
diuino, que o appetite com os seus. De modo que o ajoelhar do
appetite seja hum acto de temor, e cantar hymnos seja hum acto
de gozo; o levantar olhos seja hum acto de saudade, & esperança.

Tratado duodecimo

O Segundo modo de dirigir ao culto diuino affectos do appetite, depende da companhia, & guia d'outras potencias com que té sympathy. Ocupado pois o entendimento com meditação, & contemplação de cousas diuinas; leuada a vontade do affecto de Deos, naturalmente recunda na fantasia, ou entendimento corporal, representação das mesmas cousas contempladas; reuestidas de algũa forma, ou semelhança corporal; & no appetite sensitiuo, da mesma maneira affecto proporcionado ao affecto da vontade, como d'amor, temor, gozo corporal; o que succede muitas vezes sem disto dar fê o entendimento, sem o procurarmos com a vontade, mas sô da liança, & descante, que tem as potencias entre sy, por estarem radicadas na mesma alma vnida ao corpo. Vindo pois ao que tratamos; o primeiro genero de affectos merece nome de extrinseco por ser mandado, & executado com potencia corporal. O segundo como necessario ao principal terá nome de intrinseco; pois acompanha actos intrinsecos da vontade.

Vicimamente aduirtio, que ainda que o affecto, ou acto, com que a vontade quer honrar a Deos; não he culto diuino propriamente, mas vontade do culto diuino, com tudo se a mesma vontade fizer outro acto reflexo sobre elle offerecendo em honra de Deos, poderá ser culto diuino, como os mais, que dissemos. Como pode ser neste caso. Deseja hum de fazer sacrificio, de comungar, peregrinar, ornar templos & falta comodidade, ou possibilidade pera obrar exteriormente; sem duuida pode com outro acto da vontade offerecer este desejo, que em falta dos actos exteriores suprirá o culto, que com elles quera de dar. De modo que o primeiro desejo, & vótade destas obras já fica obiecto material do segundo que sobre elle vem, & verdadeiro culto, que esta he a força de nossa vontade, que pode por hum acto mandar outro seu proprio, como se vê també no acto do amor, que sendo seu o pode desejar por outro acto, quando se vê frio, & alheio delle; & assi nos mais.

CAPITULO VI.

Do habito da virtude da religião.

A Lem dos actos que até aqui declaramos; ha também em nós habito de religião, que he qualidade spiritual impressa & per-

& permanente na alma, correspondente aos mesmos actos. Assim fopõem S. Thomas, & os Doutores comumente, assim o n ostra a experiencia; pois sem duvida da frequencia dos actos, nos sentimos cada dia mais promptos, & faceis pera exercitar outros semelhantes. Mas como alem dos actos naturaes, ha tambem outros sobrenaturaes, que tem necessidade de graça diuina; assim tambem alem do habito natural, ha outro sobrenatural; em forma, que como os actos naturaes sahem do habito natural; assim os actos sobrenaturaes sahem do habito sobrenatural sobre o mesmo objecto, & na mesma conjunção, & tempo, o que tambem se acha em todas as virtudes moraes. Mas nós em toda esta matéria sempre falaremos dos actos, & habitos sobrenaturaes, que os Theologos chamão infusos, pois tratamos d'oração que he sobrenatural.

He o habito da religião essencialmente virtude; porque se he verdade o que diz S. Thomas. *Virtus est, quæ bonum facit habentem; & opus eius bonum reddit.* Virtude he a que faz bom a quem a possui, & boas as obras, & actos que exercita, sendo os actos da religião bõs, & santos, claro está, que o habito, donde sahem he bom, & santo; em fim virtude.

2.2.q.81.art.5

2.2.q.81.art.5

CAPITULO VII.

Das naturezas capazes da virtude da Religião.

Primera verdade. He a virtude da religião propria da natureza criada, & intellectual, ou racional. Porque como intrinsicamente diz respeito a superior, necessariamente demanda natureza criada, & não increada, qual he a de Deos; pois esta não pode ser superior, nem outro Deos sobre sy a que honre, Abaixo de sy não tem coisa, que possa honrar; de todas se pode compadecer a toda; pode bem fazer; a todas amar; pois todas vè abaixo de sy, & necessitadas de seu auxilio. E de sy diz: *Gloriam meam alteri non dabo*, que gloria, & culto seu, não he pera o dar a outro, mas pera o receber de suas criaturas.

Isai. 42o

Segunda verdade. o sujeito, ou potencia em que a virtude da religião reside, he a vontade; & así seus actos proprios sahem da

da vontade; & com ella tem grande proporção, & combinação; porque toda a vontade criada respêta a Deos como superior; está debaixo de seu dominio, & imperio; & nesta vnião, & sojeição a Deos, tem sua perfeição.

Terceira verdade. Ainda que a vontade de Christo nosso Senhor era deificada por causa da vnião da natureza humana com o Verbo diuino, com tudo foi ornada com a virtude da religião; porque sempre ficou inferior, & sojeita a Deos, & obrigada a venerar, & dar honra á suprema magestade, & excelencia.

Quarta verdade. Ainda que as vontades dos bemaventurados estão ordenadas com toda proporção, & rectificação interior, por causa da perfeita vnião com Deos, com tudo nellas se acha a virtude da religião, com ella ficão mais sojeitas a Deos, com ella perfeitamente o adorão, & venerão, ella as dirige com mór certezala este seu vltimo fim.

Quinta verdade. As almas dos danados são incapazes da virtude da religião, por rezão do estado; do qual nasce estarem sempre em odio de Deos; & em perpetuo desprezo, & blasfemias de seu santo nome. E, fêto adorão, & reuerencêa, conforme diz S. Paulo, ou he com intenção danada, ou contrangidos de Deos por ministerio, & execução dos Anjos.

Sexta verdade. O viandante neste mundo, que está em pecado mortal, mas tem fê, & esperança, pode ter actos da virtude de religião, nas vniões naturaes, mas ainda sobrenaturaes, como se verá a diante na Oração, & Sacrificio. Porque ainda que perdida a graça se perdem todas as mais virtudes infusas; & não se recuperão senão recuperada ella, com tudo a fê primeiramente gera no entendimento estima de Deos; & mostra obrigação no culto a elle devido; & logo a vontade com auxilio diuino, que sempre está aparelhado, pode liurementesahir com acto efficaç de querer honrar a Deos; ainda que não saye com perfeito amor. Pois estes dons actos de culto, & amor não estão entre si tão ligados hum com o outro; que não se possa achar culto, & honra de Deos sem amor, em especial perfeito, & levantado sobre todas as criaturas. Pode sem duvida o pecador pôr em Deos todas suas esperanças, ainda que não empregue todo seu amor; & assi pode orar, sacrificar, & fazer outros actos de religião com intenção, & affecto do culto supremo do mesmo Deos.

Ainda

Ainda que esta doutrina he verdadeira nos actos, não assi nos habitos da religião infusos, & sobrenaturaes, que sempre acompanhão a charidade, nem della se apartão; & assi todo fiel em pecando mortalmente logo com a graça perde o habito, ou habitos da religião infusos: A ainda que saya com actos sobrenaturaes da maneira, que até dito, não recupera o habito, ou habitos até não fazer sufficiente penitencia dos pecados; o que he grande argumento pera conhecer o pecador sua pobreza, & fazer tudo por se tirar della, & recuperar a riqueza das virtudes moraes sobrenaturaes, pois em todas corre a mesma razão.

CAPITULO VIII.

Da distincção que ha entre religião, & outras virtudes.

Pri-meira verdade. Religião he virtude distincta da Fè, esperança, & charidade virtudes Theologaes; porque estas tem por objecto imediato a Deos; religião, culto diuino q he coisa criada; & de mais disto ainda em quanto todas vão parar em Deos, he com diferente respeito; a Fè, de suma verdade; esperança, de sumo bem nosso; charidade de sumo bẽ em sy, & de sy amarel. Religião de suma excelencia, pela qual he digno de culto. A Fè, está no entendimento, Religião na vontade. Com esperança imos a Deos com o olho em nosso interesse, que nelle temos, como premio de nossos merecimẽtos. Com religião himos a Deos com olho no culto, & honra cõ que o pretendemos honrar. Charidade chega a Deos amandoo por sy mesmo, querendo todo bem que nelle ha intrinseco de perfeicão, & attributos diuinos. Religião, chega a Deos com vontade de bẽs extrinsecos, qual he o culto, & honra que dissemos. E ainda que charidade tambem com o amor que emprega em Deos quer bẽs extrinsecos pera o mesmo Deos; como são principalmente o proprio culto, & honra de Deos; isto mesmo faz imperada da virtude da religião; & assi mais faz nesta parte, officio de religião que seu proprio; por onde sempre nesta parte fica diuersa da propria religião.

Tratado duodecimo

Segunda verdade. Ainda que religião necessariamente há de andar acompanhada da virtude da prudencia pera della ser governada, & guiada em suas operações, como as de mais virtudes, he com tudo virtude differente; pois prudencia reside no entendimento, religião na vontade. E ainda quando a prudencia se ocupa na materia propria da religião, he com differente motiuo; a prudencia com motiuo de verdade; a religião de bondade, como se verá em particular no que a diante diremos.

Terceira verdade. He religião virtude diuersa da Fortaleza, & Temperança, & de todos seus ramos, & especies; por que estas empregão sua força, & santidade no mesmo que as porue; & por esta causa diz Santo Thomas que são virtudes de payxões; porque seu officio he conquistar, & moderar payxões, & apacites do sojeito em que se achão; mas a religião emprega sua bondade em outrem, respeita não tanto o sojeito em que está, quanto a pessoa, que quer honrar, & servir, & asy se pode chamar virtude respectiua.

Quarta verdade. Tomada justiça geralmente por virtude que respeita a outrem, & dá a cada hum o seu de qualquer modo que pode, he religião verdadeira justiça, & do modo que logo se dirá, amais perfeita especie, & membro de justiça.

Quinta verdade. Tomada justiça por virtude que dá a cada hum o que he seu, perfeita, & inteiramente, que he dando diuida verdadeira com igualdade, & inteireza, & a pessoa totalmente diuersa. Religião não he propriamente justiça; porque primeiramente não dá a pessoa totalmente diuersa; porque falando moralmete o homẽ he quasi hũa cousa cõ Deos, ao modo que o filho he hũa cousa com seu pay, & o seruo com seu senhor; & como entre filho, & pay, seruo, & senhor, não ha perfeita justiça em pagas, por falta desta distincão; asy entre homem, & Deos pela mesma causa, como notou Santo Thomas. Segunda causa; porque religião não he perfeita justiça, he porque não té igualdade da paga com a diuida. He o homem de sua natureza fraco, & limitado em comparação de Deos; tudo o que he, & tem he de Deos, como pode pois pagar igualmente, & ouro, & fio o que deue a Deos? sempre fica abaixo sem duuida dos dez mil talen-

talentos, que deue a este grande pay de familias, sempre dá menos do que deue a tão grande Senhor.

Sexta verdade. Tomada religião por respeito à diuida em que está a Deos he a mais propria, & rigorosa justiça, de todas as que se exercitão com pessoas abaixo de Deos; & assi se pode chamar justiça pera com Deos. A proua seja; porque o dominio de Deos he mais excelente, que o humano qualquer que seja; & mais graue he a injuria feita a Deos, que a homês. Em fim promessa feita a Deos traz consigo mayor obrigação, que feita a homem. Se he verdade, que a virtude da piedade, que faz dar o filho a seu pay o que deue, excede em rezão de diuida todas as mais especies de justiça entre homês, como não excederá na mesma rezão de diuida a religião toda justiça rigorosa, pois a obrigação a Deos por sua maior excellencia, & beneficencia he a maior de todas? Por mais que paguemos a pays sempre ficamos em diuida; por mais pois que paguemos a Deos, sempre ficaremos em mayor diuida; & por este titulo de diuida será religião a mais rigorosa justiça.

Setima verdade. Religião com que honramos a Deos he diuersa da virtude de dulia com que honramos os santos, & de todas as mais com que damos culto a pessoa criada. Assi tem Santo Thomas, S. Boaventura, & os Doutores comumente: a rezão he, porque a excellencia de Deos he infinitamête mayor que excellencia de criaturas por mais leuantadas, que sejam em santidade, & nobreza; & assi de necessidade ha de ser diferente a virtude, que respeita hũa, ou outra excellencia; o mesmo passa na rezão da diuida, que são os fundamentos donde tomão sua natureza, & perfeição estas virtudes. Pode a religião dar culto immediato à criatura; como he a cousas sagradas, templos, altares, sacramentos, &c. mas sempre quando o faz tem o olho, & toma por motivo a excellencia increada de Deos. Não assi a virtude de dulia, cujo culto de santos se fanda immediatamente na excellencia criada, que participão de Deos, como adiante mais claramente se verá. Mas nos (não obstante esta doutrina) em todo este tratado vsaremos sempre do nome de religião; ou se trate de culto de Deos ou de santos, sem distincções Theologicas, pois nosso intento he declarar, & persuadir oração, que mais depende do afeito da vontade, que de especula-

Tratado duodecimo

culações do entendimento. E por esta causa já no capitulo segundo começamos dar este officio geral á virtude da religião, tratando de seu obiecto sem distincção de pessoas criadas, ou incriadas.

Oitava verdade. Religião he virtude distinta da obediencia a Deos. A rezão he; porque estando nos termos de santidade, & bondade propria das virtudes; differente coisa he obedecer, & honrar. E ainda que obedecendo damos culto, & honra a Deos; desobedecendo fazemos injuria a sua diuina magestade, sem duuida quando o fazemos he por imperio, & mando da virtude da religião, como dissemos a fima da Charidade. Porque o intento da obediencia não he reuerenciar a pessoa a quem obedece por sua excellencia, mas somente conformar a vontade do que obedece com a vontade do superior, que quer, & pode obrigar. Isto diz Santo Thomas por estas palauras. *Reuerentia directe respicit personam excellentem; obedientia vero respicit preceptum personae excellentis.* Daqui nasce que a obediencia ainda quando se sojeita aos preceitos diuinos em quanto sahem de Deos, não se chega tanto a Deos, quanto á virtude da religião; porque todo seu intento he cumprir o preceito de Deos, a quem olha como autor somente do mesmo preceito; & religião não se funda em preceito, mas respeita a excellencia do mesmo Deos.

Nona verdade. Ainda que a virtude da penitencia he justiça pera com Deos, como a religião; com tudo são virtudes differentes, & membros, ou especies diuersas debaixo da mesma justiça, por causa dos diuersos modos co que respeitam a Deos. Penitencia respeita dominio diuino, religião excellencia suprema do mesmo Deos. Ao modo do Rey da terra, que pera seus vassallos tem dous generos de direito; hum como senhor de suas vidas, & acções; outro como excelente em sua dignidade real; se achão tambem em Deos dous direitos. Primeiro de jurdição, & dominio sobre tudo, & particularmente sobre vida, & morte, & acções dos homens. Segundo de excellencia, & poder. O primeiro direito está a conta da penitência, segundo, da religião. Com a penitencia defendemos o dominio de Deos sobre tudo; com religião pagamos a honra, & culto que se deue a sua diuina grande-

grandeza, & excelencia. Penitencia, he como guarda mór dos estados de Deos, & executora dos direitos reaes. Religião como Aya da camara Real do grande Rey. Pera cumprir com obrigação de seu officio a penitencia, não he necessario fazer actos reaes em effeito pera com Deos, basta com affeito deixar de fazer mal por não violar o direito de seu dominio; pera cumprir com sua obrigação a religião necessariamente ha de fahir com actos positivos, como são adorar, louvar a Deos, & semelhantes. Exemplo da penitencia seja occasião de homicidio; na qual se se retira por não quebrar o direito, & dominio que Deos tem na vida dos homês, sem duuida satisfaz a sua obrigação; & assi em pecados, & malefícios de semelhantes circumstancias: se com tudo cometemos o peccado, em que sem duuida violamos o direito diuino, então obriga a penitencia a fahirmos com actos positivos, com que se recompense a injuria que se fez a Deos quanto abrangem nossas forças; & estes actos se tem por principaes nesta materia, & delles toma a virtude da penitencia seu titulo, & nome, pois com elles nos arrependemos, & temos dor, & pena, ou penitencia da injuria que fizemos violando jurdição, & dominio de Deos. O mais que nesta materia se pode dizer, não he deste lugar.

CAPITVLO IX.

Da nobreza que tem a virtude da religião entre as mais virtudes.

Pri-meira verdade. Religião, he inferior na nobreza ás virtudes Theologaes, Fé, Esperança, Charidade, como té S. Thomas, & doutores comumente. A razão he; porque a perfeição da virtude consiste em unir húa alma cõ Deos ao menos como fim seu; pois sendo assi que as virtudes Theologaes vñem mais de perto; & mais perfeitamente a alma a Deos, que todas as mais, quem duuida, que são mais perfeitas, & nobres. E se he verdade

2.2. q. 81.

Tratado duodecimo

que o obiecto não só dá as virtudes sua particular natureza, & propriedade, mas também sua nobreza, quem não vê serem nobilíssimas as virtudes Theologaes, pois tem por obiecto proximo, & immediato em que directamente fitão os olhos, a Deos suprema nobreza, & dignidade infinita.

Segunda verdade. Religião he virtude superior a todas as virtudes moraes: a rezão he; porque sendo as virtudes Theologaes mais nobres que todas as moraes, como a sima se disse, também será a virtude da religião; porque ainda que não seja Theologal he a mais proxima as Theologaes de todas; pois abaixo dellas não ha outra que de mais perto ponha os olhos em Deos que ella. E quanto á Fortaleza, & Temperança, & suas especies está clara esta verdade pois se occupão em obiecto claramente inferior, como são payxoões do proprio, que as possue. O mesmo passa em algúas virtudes, que pertencem á justiça, que exercitão com os homês, o que a religião exercita com Deos, como são piedade, obsequencia, dulça, cujo officio he dar honra a pays, senhores, & santos, que ficão abaixo de Deos.

Terceira verdade. Justiça legal, cujo officio he dirigir, & imperar as operações das mais virtudes ao bem comum, he inferior na nobreza á virtude da religião. E se Santo Thomas diz que entre todas as moraes a legal he mais nobre; entendese como elle mesmo se declara em varios lugares, das moraes, que não tem por obiecto a Deos, mas pessoas criadas; por onde não se comprehende neste numero religião, que tem por obiecto remoto a Deos, & proximo á hõra a elle devida; & justiça legal té por obiecto remoto a republica, ou comunidade de homês, que fica abaixo de Deos; & proximo o direito, ou bẽ, que á mesma comunidade se deue. Não negamos, que pode a justiça legal imperar a virtude da religião, pera seu proprio fim, que he a paz, & tranquillidade da republica, ou comunidade fazendo leys de culto diuino, que sem duuida seruirão muito pera alcançar este mesmo fim; mas nem por esta causa fica superior a religião, pois em fim o bem, & paz da republica he inferior ao culto diuino, & comparada com elle, mais se pode chamar meyo, que fim; porque esse mesmo bem da republica, ultimamente se vay rematar na honra, & gloria de Deos, & não a gloria de Deos nelle.

Quarta verdade. Religião he virtude mais perfeita que a misericordia, que consiste na compaixão interior das misérias alheas; porque ainda que este officio seja muito encomendado, & encarecido nas sagradas Escrituras, com tudo, em quem tem superior, como todos temos a Deos, mais nobre officio he vaír-se com seu superior, que suprir defeitos de inferiores, como fupre a misericordia dos proximos. Parece que tem esta doutrina contra sy a authoridade de Christo nosso Senhor, & de Oseas.

Misericordiam volo, non sacrificium, que he o mesmo q̃ dizer; mais quero obras de misericordia, que de religião. Hase de responder com S. Ieronymo sobre Oseas, que fala Deos de sua propria misericordia, que exercita com nosco perdoando peccados; não da que nós exercitamos hús com outros, como se dissesse; meus sacrificios, & holocaustos, são a conuerção, & vida dos pecadores; & fica sendo a mesma sentença do Psalmista. *Holocaustis non delectaberis, sacrificium Deo, spiritus contribulatus cor contritum, & humiliatum Deus non despicies*. Segunda interpretação de S. Anselmo, S. Agostinho, & modernos he; não quero sacrificios sem obras de misericordia, que são todas as de charidade, nacidas do amor de Deos. Terceira interpretação do Cardeal Belarmino; declara que não tem Deos necessidade de sacrificios exteriores para seu proveito, & onde se atraueffar necessidade do proximo, mais quer obras de misericordia: & assi não se proua com este lugar que he mais nobre a misericordia, mas que algúas vezes será mais necessaria; & ainda assi he mais conforme à vontade diuina fazerse com intuito da religião para honra, & gloria do mesmo Deos: de modo, que ainda em caso que se aja de deixar a materia da religião por misericordia, nunca se deixe o culto de Deos, & honra sua.

Quinta verdade. Religião he mais perfeita, que obediencia assi o sente S. Thomas, & Caietano a rezão he, porque a religião honra a Deos que manda; obediencia faz o que elle manda; religião está mais perto das virtudes Theologaes, que são o treslado da perfeição virtuosa, que a obediencia; & entrega mais a alma toda a Deos, he logo mais perfeita; & se a Escritura auenta a obediencia ao sacrificio, *Melior est obedientia, quam victima*, he porque por sacrificio entende o externo; por obediencia

Cap. 6.

Psalm. 5.
Marth. 22.
10 de Ciuit.
cap. 5. 20.

Tom. 1. lib. 4

2. 2. q. 104.

1 Reg. 11.

Vlt. moral.
Cap. 120

diencia o interno, com que a vontade se sacrifica, como notou S. Gregorio, o qual sem duvida nasce da religião, por meyo da denação, como em seu lugar se dirá.

Sexta verdade. Penitencia tomada na forma que a sima declaramos, absolutamente, he virtude mais nobre, que a religião, porque primeiramente combina com ella no modo de chegar a Deos, pois ambas o respeitam como objecto, ao menos remoto. E entre tanto penitencia paga a Deos diuida mais rigorosa, & satisfaz a direito mais justo; porque em respeito do superior, qual he Deos, mayor he a obrigação que temos de não violar seu direito, nem fazer injuria a sua diuina Magestade, que de honrar seu nome com actos positivos de culto diuino, & demonstrações de seruidão. Acrescentase, que obrigação de recompensar injuria feita a Deos, que penitencia tem á sua conta, parece de sy mais leuantada, que obrigação de honrar sem preceder injuria com reuerencia deuida a sua diuina excellencia. Não comparamos religião com prudencia; porque esta he virtude intelectual, & não da vontade, como religião, & assi de diuersa ordem, & natureza, que nesta forma não he comparavel.

CAPITULO X.

Da diuisão da virtude da religião em seus actos, ou especies.

Doutores que tratão desta materia concordão, que tem a virtude da religião varios actos, ou especies; no modo, & forma da variedade, assi do habito, como dos actos não concordão. Santo Thomas, Caeterano, & outros modernos, querem, que religião seja hum habito simples, hua especie, hua virtude, que comprehende tudo o que entendemos debaixo de nome de culto diuino, que a tudo abraçe os actos particulares, pois em todos se achá a mesma razão de honra de Deos, o mesmo respeito á excellencia diuina. Outros querem que aja tantas especies de religião, quantas são as rezoões, & respeitos de diuida

diuida com que honramos a Deos. Quanto aos actos da mesma maneira, hús os fazem diferentes especies conforme a differença dos actos exteriores em que se occupão de culto diuino; Outros os fazem da mesma especie, & natureza, conforme a conueniencia, & conformidade, que em respeito do culto, & excellencia diuina tem os mesmos actos.

De qualquer modo que seja, a nós não conuem tratar estas questões; porque primeiramente não he facil em materia de virtudes, resolver duuidas das vltimas differenças, & propriedades intrinsecas, de que se cõpoem, & com q se distinguem hús das outras; & tambem por q pera nosso intento da oração, môtam menos a noticia, & especulação de virtudes, môtam tudo a praxe, & affeito com q se exercitão. Por onde habito de religião seja hũ ou muitos; ou os actos sejam da mesma especie, ou de diuerfas, vindo ao particular do numero delles, sem duuida serão tantos, quantos forem os modos com que podemos honrar a Deos, que falando em geral, pode ser com actos interiores, & exteriores; com palauras, & obras; com o nosso, & com o seu; cõ actos, que segundo sua substancia, & essencia, pertêcem a outras virtudes de q sahem; mas são imperados da virtude da religião pera seu fim; finalmente com actos, que de sua natureza tem ser culto proprio de Deos; nem pertêcem a outro genero de virtude, excepta a religião. E como quer que estes não são mais que dezaseis, outros tantos serão os actos, ou especies da religião, & a ellas se reduzirão as mais cabeças geraes, q apontamos. Assim em ordem; primeira especie he, meditação; segunda, petição; terceira, obsecração; quarta, insinuação, ou cõfissão feita a Deos; quinta, acção de graças; sexta, adoração; setima, louvor; oitaua, canto; nona, oblação, ou sacrificio; decima, voto, vndecima, juramêto, duodecima, adiuração; decimatercia, culto de sacramentos; decimaquarta, culto de sacramentaes; decimaquinta, deuacão; decima sexta, contemplação.

De cada hũa destas especies, ou actos, diremos em particular, & conhecidas suas propriedades, & naturezas, ficarão conhecidos os modos com q formalmente se pode dar culto, & honra a Deos; & em q consiste a verdadeira essencia da oração, em cujo alcance andamos. E ainda q os actos de todas as mais virtudes, als Theologaes, como moraes, podem pertencer a religião em quanto

quanto os pode ordenar, & dirigir a culto, & honra de Deos, como fica dito, nem por essa causa crece o numero dos modos com q̃ formalmente hōramos a Deos. E com muito fundamēto assinaamos como especies, ou actos proprios de religiāo, sō os dezaseis apontados; porque o seu fim formal, & primeiro, he sō culto de Deos, como se vê na adoraçāo, acçāo de graças, &c. & as mais virtudes tem seus fins particulares, q̃ sāo culto diuino; & assi quando a religiāo as toma pera fazerē este officio, he como emprestado, & peregrino, & ellas ficāo como alugadas pera tão alto officio; & ainda q̃ por entāo tomāo trajo de religiāo, & ficāo actos seus, nāo basta pera absolutamētese chamarēspecies, & se contarem no numero das mais, pois nāo tem este officio de sua natureza, mas por officio alheo. Por onde sō das dezaseis especies, ou actos, serā necessario dar aqui breue noticia, guardādo pera seus lugares explicaçāo mais exacta, & larga. Assi por ordem: meditaçāo he discursō do entendimento em cousas diuinas. Petiçāo he oraçāo com q̃ pedimos algũa cousa a Deos. Obsecraçāo, he oraçāo com q̃ pedimos, alegando motiuos da parte de Deos; como de sua misericordia; paixāo de seu filho. Insinuaçāo, oraçāo com q̃ pedimos, representando sō miserias, & males de nossa parte. Acçāo de graças, he oraçāo com que louuamos a Deos por beneficios recebidos. Adoraçāo, cōffiste no respeito, & reuerēcia interior, & exterior, cō q̃ nos apresentamos a Deos. Louuor, honra a Deos com palauras interiores, ou exteriores por seus proprios bēs, & grandezas. Canto hōra a Deos cō melodia de vozes humanas, ou de outros instrumētos. Oblaçāo, ou sacrificio, offerece dadiuas de criaturas a Deos. Voto, offerece, o mesmo debaixo de obrigaçāo que toma. Juramento, honra a Deos, tomando por testemunha da verdade o nome de Deos. Adiuraçāo, inuoca o nome de Deos pera induzir algũa pessoa a fazer, ou nāo fazer o que se pretende. Culto de sacramentos, consiste na deuaçāo, & reuerencia com que se ministrāo, ou recebem. Culto de sacramentaes, no respeito com que se tratao cousas que tem algũa sagraçāo, como Agnus Dei, ornamentos, &c. Deuaçāo he pīo affecto com que nos cōsagramos propriamente ao culto de Deos, em todas as cousas. Contemplaçāo, he açō simples do entendimento parado em Deos sem discursō, acompanhado de outros actos, que em seu lugar mais

mais comodamente se dirá. E ainda que em todas estas especies, não fizemos menção do culto da Virgem nossa Senhora, & mais santos; o mesmo se entende delles em sua proporção, que de Deos, em que só se pôs exemplo pella eminencia de sua excellencia diuina.

Tem estas especies todas seu assento na vontade, da qual, como de trono real, com imperio religioso mandaõ a outras potencias, assi interiores, como exteriores, que executem o culto diuino, que está á sua conta. E assi anemos de dizer que a virtude da meditação está na vontade; & por seu mando faz o entendimento o discurso em que consiste propriamente o culto diuino; & igualmente se chama meditação. E o mesmo corre nas mais especies de religião, que ellas, & seu culto com que sahẽ, tem o mesmo nome. Por onde, petição não somente he a virtude de pedir, situada na vontade, mas o culto que he a pratica interior, que por seu mandado fazemos como entendimento, declarando nosso desejo de alcançar. Da mesma maneira, adoração he o afeito de reuerenciar da vontade, & o culto he a inclinação do corpo, ajoelhar, levantar mãos, abaxar cabeça, que ella manda exercitar aos membros corporaes. O culto de ornamentos sagrados, & mais ceremonias com que se administrão sacramentos, he imperado pella virtude que está na vontade; & igualmente se chama culto de sacramentos. E assi nas demais especies, como em seu lugar se dirá.

(+)

TRATA-

TRATADO XIII.

Da definição, & diuisão da oração mental em geral.

Em oração mental, alem da rezão geral de culto diuino, propriedades, & condições particulares, pellas quaes se differença das mais virtudes, & se auenta a muitas dellas. Assim será necessario antes que tratemos em particular de cada hũa das especies da religião, em que a oração também entra, ou realmente consiste, tratar de sua definição, natureza, bondade, diuisão, & outras circumstancias, que são comũs a tudo o que se comprehende debaixo de nome de oração, a qual em todos estes Tratados, não tomamos na significação dos Latinos, ou Rhetoricos, que tudo o que he pratica composta chamão oração, mas nas significações da sagrada Escripura, que são varias, & acomodadas, assi ao culto diuino, como a perfeiçãõ da alma no seruiço de Deos.

CAPITULO I.

Da primeira significação da oração.

Algũs doutores guiados pella authoridade de Christo nosso Senhor. *Oportet semper orare, & nunquam deficere.* Importa sempre orar sem afrouxar; querem que boas obras sejam oração neste sentido, pois sempre podemos bem obrar, nẽ sempre falando cõ Deos podemos orar. Ajudamse da sentença da grossa ordinariã: *semper orat, qui semper bene agit*, sempre ora quẽ sempre bem obra. Desta doutrina mal entendida, tomarão occasião hereges do nosso tempo, pera desterrar o vso da oração mental, introduzindo em seu lugar lingoagem do bem obrar sendo assi, que entre tanto, nem pretendem bem obrar, nem, querem bem, nem mal orar. A estes imitão a seu modo religiosos froixos, & frios no seruiço de Deos, que pera encobrirem o tédio, que tem da oração, lanção bando que o bem trabalhar he bem

bem orar; & enganandose a sy, & a outros, credeão que tem satisfeito á obrigação da oração, se no tempo, que quierão de falar com Deos, se ocupão em seruico do proximo, ou trabalho corporal. E he tentação manifesta, com que o demonio tudo soffrerá, ou persuadirá com capa de boa obra, com tanto que se deixe a suprema obra de boas obras, que he oração.

Atrahemos a este engano, & peste da Igreja, & religião, nem admiramos esta significação da oração, pois he impropria, nem parece tem fundamento na escriptura; & se Christo nosso Senhor quer q sempre oremos, se ha de entender de tempos determinados, & destinados pera este effeito, ou da frequencia da oração, conforme a nossa possibilidade, não curando de difficuldades, q se arraesão; nem de dilacões da parte da Deos em conceder, o que se pede. Por onde como desta maneira podemos sempre orar, não somos confrangidos a recorrer a oração de boas obras pera defender a Escriitura; antes parecei fomos obrigados a não admitir esta significação, pois della se seguem interpretações erroneas na Fé, & ruinas da religião, que sem oração verdadeira não pode persistir; em especial, porque nos padres, & santos antigos, não se acha este genero de oração, & se a gropa ordinaria a quer attribuir a santo Agostinho, he sem fundamento, pois como diz Soares, nelle não se acha; & se por ventura se achar, será neste sentido, que o merecimento da boa obra, pôde igualar a oração, a qual em casos seruios obriga dos deixar por causa de bem obrar.

Tom. 2. de
Religion.
Cap. 1.

ad. ch. 1. di. 1.
2. 1. q. 2. ch.

CAPITULO II.

Da segunda significação da oração mental.

O Ração na segunda significação, he o mesmo, q petição de baixo da qual cõprehendemos também obsecração, & insinuação. Neste sentido disse S. Ião Damasceno. *Oratio est petitio deorum a Deo.* Oração he petição de cousas justas a Deos. Desta falou Christo quando disse. *Orate pro persequentibus, & calumniantibus vos.* Orai por inuigos q vos persegue. E ordinariamete falia a sagrada Escriitura, & santos, q tração da oração, como he S. Agostinho, S. Thomas, S. Boaventura, & outros.

Matth. 5.

Epist. 59. q. 1.
2. 2.

Petição

Petição, tomada em geral, tem efficacia de persuadir execução, não pondo obrigação, nem movendo com imperio; mas só manifestando o desejo de quem pede; & assi sempre concorrem na petição tres cousas. Pessoa que pede; pessoa a quem se pede a propria coisa que se pede. Mas pera merecer nome de oração, he necessario, que a pessoa a quem se pede seja Deos, ou santos; & isto entendemos quando dissemos, q era, *descenditum à Deo*. O mais que desta materia se podia dizer, deixamos pera seu lugar.

CAPITULO III.

Da terceira significação da oração mental.

O Ração mental tomada em geral, he todo acto interior da alma, que leua a Deos, ou seja cogitação, & consideração do entendimento, ou seja affecto da vontade. Assi comprehende uso, & exercicio de todas as virtudes; principalmente de Fé, Esperança, & Charidade, obediencia, adoração, & reuerencia a Deos; penitencia, humildade, & por consequente as mais, que a estas sempre acompañão, de modo que em effeito, não ha virtude, que não possa entrar em cora da oração, reueftida do fim que no tratado passado dissemos. Desta fala S. Ioão Damasceno, quando diz: *Oratio est, ascensio mentis in Deum*. Oração he sobida da alma a Deos. E santo Agostinho. *Quid autem est oratio, nisi ascensio anime de terrestribus ad caelestia, inquisitio superiorum, inuisibilium desiderium*. Que he oração, senão sobida interior de cousas terrenas ás celestiaes, consideração do que passa no outro mundo, esperança, & laudade das riquezas inuisueis.

Este genero de oração nos encomendou Christo nosso Senhor; não só de palavra, mas de exemplo, quando d'elle diz o Evangelho, que gastaua as noites em oração, que se apartaua aos mōtes a orar; pois não se ha de crer, que gastaua todo o tempo no segundo modo de oração, que he pedir, mas que tambem exercitava actos interiores de outras virtudes; como de charidade, & contemplação de cousas diuinas. O mesmo se ha de entender do Propheta Dauid, quando de sy confessa. *Media nocte surgebā*

Lib. 3. de fi.
de cap. 74.

Luc. 6.
Marc. 6.

ad confitendum tibi: Septies in die laudem dixi tibi; que oraua de noite, & sete vezes entre dia. Porque ainda que metia muitas petições como consta do mesmo Psalmo em que fala desta materia, com tudo não se limitaua a ellas; cátauu lououres diuinos; exercitaua a alma com santas meditações, recôtauu beneficios recebidos, sobia com actos de esperança, & se abraçaua com affeitos de charidade, como diz S. Ambrosio sobre S. Lucas.

Cap. 1.º

Assi se hão de entender vários lugares da Escritura, quando encarecem vida solitaria, ou vigílias frequentes com Deos. Como he de Ieremias. *Bonum est viro cum portauerit iugum ab adolescentia sua, sedebit solitarius, & tacebit, quia leuauit se super se.* Onde o Propheta encarece a vida contemplatiua da alma q̃ na iuuentud soube retirar-se do reboiço do mundo, & leuantar-se sobre sy mesmo; como diz São Ieronymo. Da mesma falou Christo nosso Senhor, quando da Magdalena disse. *Maria optimam partem elegit;* o que tudo cabe na jurdição da oração mental de que falamos.

Thren. 3.º

Luc. 1.º

CAPITULO III.

Como a oração mental he acto da religião.

DO que ate agora dissemos, parece se segue, q̃ oração não pertêce à virtude da religião, nê he acto, ou especie sua, mas hua mistura, ou ajuntamento de actos de varias virtudes; de modo que orar será o mesmo que exercitar ora actos de fê, de esperança, & charidade; ora de religião, & de cada hua das virtudes moraes: por onde não podemos dizer, que quando oramos exercitamos hua virtude chamada oração, mas tantas, quantos os fins santos, & honestos, q̃ pretendemos; & assi não he possiuel cõprehender com hua sô definição a natureza da oração.

Nesta difficuldade a comum resolução he, q̃ oração he acto, ou especie propria da religião; assi tem S. Thomas, Caietano, Medina. E doutores comitente. Assi o mostra o comũ vso de sentir, & falar dos homês, que poem a mór parte da religião, & culto diuino em orar a Deos nem ouue tẽ oje congregação cõsagrada ao culto, & seruiço diuino, que não vísse particulares modos de fazer oração a Deos; julgão logo todos que oração he acto de religião.

2.º 2.º 3.º 8.º

Pera que esta verdade fique clara, & as difficuldades que se propuserão manifestas, se aduirta, que como a religião tem por fim honra, & culto diuino; todas as virtudes em que este mesmo fim se achar pello mesmo caso pertencem à religião; ainda que por outra via tenham outros fins particulares. Das virtudes pois que se achão na oração ha dous generos; hũa são as dezaseis especies, que a si ma apontamos da religião; outras são as demais, assi Theologaes, como moraes. Entre ellas ha esta differença, que as dezaseis especies de sua intrinseca natureza, tẽ serem virtudes ordenadas ao culto, & honra de Deos, que he o officio da religião; de modo que o mesmo he meditar, pedir, louvar, dar graças, adorar, offerecer, &c. que querer honrar a Deos, dar culto a Deos, por estes varios, & diuersos modos. As demais virtudes ainda que de sua intrinseca natureza não tenham este fim, mas fins particulares, como a charidade, a Deos amauel por sua bondade; temperança, o comer, & beber em quantidade moderada; justiça, o direito igual dos outros, &c. Cõ tudo por imperio da virtude da religião, se podem dirigir, & ordenar ao mesmo culto, & hõra de Deos, de modo q̃ não perdẽdo o inteto de seu fim, & officio, acrecentẽ este, & por rezão d'elle pertença à religião, & sejam de seu bando, & cõtadas no numero de suas species, ou actos como em particular em cada hũa dellas se verá.

Vindo pois ao ponto da verdade q̃ pretendemos declarar; dizemos, q̃ pera auer verdadeira oração, he necessario, que a sobida da alma, q̃ com ella se faz a Deos, seja ornada, & dirigida ao culto, & honra do mesmo Deos, em forma q̃ doutra maneira não merece nome de oração, como dontamẽte diz Clitoneo, & proua Soares, & sentem doutores comumente. Donde se segue, q̃ todas as virtudes, q̃ se achão no exercicio da oração, necessariamente hão de ser ordenadas ao culto diuino; ou tenham isto de sua natureza, ou por imperio de outra virtude, & como este seja officio da religião, bem se deixa ver, q̃ oração he acto, ou especie de religião, ou a mesma religião; & ainda, q̃ por rezão de fins particulares pertença a outras virtudes, ou seja como hũ ajuntamẽto de muitas virtudes; cõ tudo por rezão deste fim sublimẽ, & leuãtado, & proprio da religião sem duvida pertence à mesma religião, ou he a mesma religião, & se pode chamar hũa virtude, & não multidão de virtudes, pois todã por este funda-

mento tem o mesmo fim, ou tenham outros particulares de sua natureza, ou não, conforme ao que dissemos.

Decendo mais em particular à praxe desta doutrina, se deixa bem ver, q̃ executando, o q̃ manda o superior exercitamos acto de obediencia; protestando diante do tyrano, que Christo nosso Senhor he verdadeiro Deos, acto de fê; comendo moderadamente, acto de temperança; dando o seu a seu dono, de justiça; vencendo a representação do obiecto torpe, de castidade; & assi nas demais virtudes; actuandonos com tudo nas mesmas, & em todas as mais diante de Deos interiormente por hõra do mesmo Deos, exercitamos oração. Pois o motiuo que nos inclina a exercitar estas virtudes orando, he honra de Deos, offerecendo nossa alma em seu seruico, & reconhecendo seu poder, bondade, & suprema excellencia, & protestando com a mesma oração nossa sujeição, & dependencia, que delle temos.

Esta verdade se vê claramete assi nas demais especies de religião, que todas, ou quasi todas formalmente são oração; como principalmete se vê na petição; a qual não fazemos pera manifestar a Deos algũa cousa, que dantes não soubesse; ou pera elle querer de nouo cousa differente, da q̃ queria abeterno; mas pera assi o honrarmos, & venerarmos. Porq̃ ainda q̃ nossa pretensão seja alcançar o q̃ pedimos, o meyo sem duuida q̃ se nos offerece pera alcançar he o culto, & sujeição, q̃ na própria petição professamos; por onde disse singularmente Guilhelmo Parisiense, q̃ esta differença ha entre petição feita a homẽs, & a Deos; q̃ a de homẽs pretende dispor os mesmos homẽs pera dar o que se lhe pede; a de Deos dispoem o mesmo q̃ pede pera alcançar o que pede. Assi passa na virtude da petição, assi nas demais. Que se pera conhecer mysterios escondidos com se, pera exercitar laudes do Ceo; por esperança; se amor de Deos, por charidade; resolução de cortar apertes torpes, por castidade; proposito de cõprr preceitos, por obediência; se cõtrição, por penitência; recorremos à oração, nos recolhemos a falar cõ Deos, professando culto, & sujeição por este meyo a sua diuina Magestade, sem duuida fazemos destas mesmas virtudes oração; de modo, q̃ conseruando seus fins particulares fazem officio de virtudes, q̃ são juntamente o de oração de que de nouo se reuestem, recebendo a alma do mesmo acto dobrado merecimento.

Nem he necessario pera que as virtudes recebão forma de oração, aplicar qualquer acto dellas com particular aduertencia ao culto, & honra de Deos; basta ter esta intenção ao principio, & fazer na primeira entrada este offerecimento; como nosso padre S. Inacio ensina no liuro dos exercicios spirituaes, de que adiante diremos; quando chama á oração preparatoria, aquella com que á entrada da oração pedimos a Deos que todas nossas operações sejam aly ordenadas a seu culto, & honra. Em caso, que não precedesse esta tenção, basta entrar húa alma na oração armada de fé verdadeira, pera se entender, q pello mesmo caso se fogeita a Deos como superior, professando culto seu, ainda que entre tanto não cude actualmente no mesmo culto, nem saiba que o acto que faz he culto diuino, como succede aos rusticos, & simples, que sem semelhantes conhecimentos recorrem a Deos; & quanto mór he o affeito, que leuão de temor, contrição, ou desejo de alcançar algũa cousa, tanto com mayor reuerencia se fogeitão na oração a Deos, que he o culto verdadeiro de que falamos.

CAPITULO V.

Declarase mais a natureza da oração mental.

Como qualquer grão de ouro em sustância he ouro, mas não basta pera dar titulo de posse de ouro, senão que he necessaria mayor quantidade; assi qualquer acto de virtude com respeito ao culto diuino por breue que seja, essencialmente he oração, mas não basta pera se dizer, & entêder, que sò por elle se tem orações necessárias sem duuida mais, & mayores circumstancias. Primeira, he apartamêto de lugar fora de cõuersação de homens, tratos, & negocios, cõforme ao preceito de Christo nosso Senhor. *Cum oraueris intra in cubiculum tuum, & clauso ostio, ora Patrem tuum*: que nos recolhemos a lugar secreto, & solitario pera este santo exercicio. Assi o fazia S. Ieronymo, q de sy confessa. *Solus deserta penetrabã sic ubi concaua nalliũ, asspera montium, rupiũ prarupta cernebam, ibi meæ orationis locus, ibi letus gaudesque cantabam. Post te in odorem tuorum unguentorum*

curre-

Matrh. 6.

Epist. 22, ad
Eusto.

curremus. Aparta-me a desertos, meti-me em lapas, & sobia-me a rochedos, ater oração solitaria, aly cantaua com alegria ao esposo de minha alma. Apos vos Senhor correrei, leuado da suauidade dos balsamos, & ynguentos preciosos, que de vos lançais. E este foy sempre, & he o estylo dos santos dados á oração, como em seu lugar diremos.

Segunda circunſtancia, he de tempo largo, & duravel, & permanente, & tomado de proposito por eſpaço, ao menos de hora, ou parte notauel della, como fazia Chriſto Senhor noſſo, que paſſaua noites inteiras em oração, de que temos tam-bem exemplo nos ſantos, aſſi do ermo, como dos que viuiaõ em pouoad, que gaſtauaõ grande parte do dia, & noite em eſte ſanto exercicio. Mas meu intento não he tratar aqui de proposito deſtas circunſtancias; fomento moſtrar, que não merece nome de oração, a que ſe não acompanha dellas.

Aſſi em reſolução, dizemos, que por oração em toda eſta obra entendemos, & comumente ſe entende, hum exercicio interior, & mental, em que concorrem todas eſtas couſas. Primeira, aão de entendimento, & afeito de vontade, que ſeja ſobida da alma a Deos. Segunda, exercicio das dezaſeis virtudes, que ſão eſpecies da religião, ou parte dellas, & formalmente ſão culto diuino. Terceira, exercicio das demais virtudes, ou ſejaõ Theologaes, ou moraes, ou em todas, ou al-gũas fomento, mas dirigidas com algum reſpeito ao meſmo culto diuino. Quarta, circunſtancia de lugar apartado, & acomodado pera falar com Deos. Quinta, circunſtancia de tempo largo, tomado de proposito pera eſte effeito.

Eſte ſem duuida he o ſentir comum dos ſantos, & ainda do vulgo, que por mais acompanhado que hum ande de boas conſiderações; por mais reſpeitado que ſeja por ſua ſantidade, & exemplo, nunca ſe julga por occupado em oração, ſe não quando ſe retira de negocios, & conuerſações de homẽs, & toma tempo largo de proposito, em lugar ſeparado pera falar com Deos, ou com os ſantos, de que em ſua proporção ſe ha de entender toda a doutrina da oração, que atéqui ſe deu, & ao diante ſe dará.

CAPITULO VI.

De dous generos de tempos da oração mental.

Pera mór declaração da doutrina passada, se aduirta, que de duas maneiras nos podemos ocupar em oração mental. A primeira, gastando tempo duravel, & permanente, como de horas, ou hora, mas de modo que entendamos, que o tempo menor que pode merecer este nome he hũ quarto de hora, em forma, que o que não chega a ter quarto, não pode dizer que gastou em oração tempo permanente; porqué em fim esta he a menor medida do relógio, he o menor espaço que se dá de ordinario em penitência mental; & que se tem por defuntos na conjunção em que morrem; & está afinado hum quarto ao menos de recolhimento a irmãos, quando comunhão; a padres quando dizem Missa em nossa Companhia. Nem em menos espaço pode hũa alma dar fê do tempo que gasta em oração, que deve ser certo, na paga que a Deos, nesta parte deuemos. E cada hũ experimentará em sy, que pera entrar a Deos, praticar, & sahir com reuerencia, & cortesia deuida, o menos que se pode dizer he hum quarto; por onde o mesmo será querer abrenhar mais, que não querer ter oração permanente.

O segundo modo de gastar tempo na oração mental, he quando entre occupaões, & negocios exteriores a alma se furtaa momentos, & faz colloquios a Deos, ou santos; ja de contrição; ja de amor, & charidade, ja de outros affectos, que ao diante se declararão, o que tudo he verdadeira oração. Nem tem difficuldade por razão das occupaões, ou falta de tempo, pois no meyo dellas, & em qualquer instante se pode exercitar, mais ou meno, conforme a capacidade, & officio do que ora; ainda que moralmente falando, nunca auerá occupação, que afogue estes folegos com Deos, breues em tempo, largos em merecimento; ainda do estudo, que he occupação de mór importunação, por jugar na mesma potencia, que he o entendimento, onde começa estas lembranças de Deos. São Boaventura. *Lectionem sepe interrumpit ratio, sicut alias actiones, ut semper mens ad Deū eleuetur*

eleuetur à quo nobis bonum profuere necesse est. Interrompa-se o estudo das letras com oração, como também as demais occupa-
ções, pera que sempre estejamos com Deos.

He este modo de orar muy proueitofo, & santifica todas as acções humanas, mas fopõem o primeiro modo de orar em tempo permanente, como as faifcas, fogo grande. Porque segü- do santo Agostinho: *Qui otiosus, & quietus non cogitat Deum, quomodo inter actus multos, & laboriosa negotia de illo poterit cogitare. Meditetur ergo quæ Dei sunt, fidelis cum vacat, & bene operandi substantiam, quæ nec in actum deficiet.* O que liure, & desocupado não cuda em Deos, como cudarà metido em trafe- gos de occupaões, & negocios exteriores? Por tão todo Chris- tãõ, & religioso, se costume a meditar em Deos, quando tem tẽ- po; & desta maneira grangearà cabedal pera o tempo de ocu- pações, pera que não se deixe vencer da tetação no meyo del- las: mas nõs das lembranças de Deos tratarẽmos em seu lugar; aqui sò foy nõsso intento tratar da perseuerança, & espaço de tempo da oração, pera se saber melhor sua natureza.

CAPITULO VII.

Do imperio da oração.

Ainda que as virtudes, de que tratãmos, tẽ ordem entre sy de dignidade, & eminencia, hũas de outras, com que as Theologaes sãõ mais nobres q̃ as moraes, ou cardeaes; & entre as Theologaes a charidade vencẽ em nobreza a fẽ, & esperãça; & das moraes a primeira he religiãõ, segunda justiça legal, & assi as demais por sua ordem; cõ tudo neste exercicio, com que todas vão marchando a Deos; neste coro em que vão dando aplausos, & fazem festa a Deos, nẽ sempre hũas sãõ capitaes, ou guias, mas cõforme às occasiões, & acẽno de Deos, se mandãõ cõ imperio hũas a outras, cõ tanta obediencia, & conformidade, q̃ as que erãõ capitaes, já se metem na soldadesca; as que erãõ guias, sãõ guiadas com tal subordinação, dependencia, & liga, que feitas em hum corpo por esta ordem combatem, & vencem o infernal exercito dos vícios, que também entre sy guar- dãõ p̃ mêmto regimento de guerra, contra as proprias vir- tudes;

Tratado decimotercio

tudes; como se vê no vicio do furto, que com ser inferior, manda outro mayor, que he homicidio, q̃ mate pera melhor roubar o alheo; a luxuria ao furto, que roube pera comprir seu appetite; & assi os demais.

Pois sendo assi, que as virtudes não são menos efficazes, & vnidas pera o bem, que os vicios pera o mal; se nestes se acha esta subordinação, & imperio circular de hús pera com outros, como não se achará com mais rezão nas virtudes? Vnido está sem duuida este celestial gouernõ sem respeito de mayor, nem menor; de mais nobreza, nem menos nobreza. Igualmente obedecem às virtudes mayores as menores, que menores a mayores: não se acha entre ellas ambição, nem pontos de honra: se oje obedece a virtude Cardeal a Theologal, a menhá obedece a Theologal a Cardeal com os olhos em Christo pay seu, q̃ sendo Deos, & toda nobreza, diz de sy. *non veni ministrari, sed ministrare.*

Matth. 20.

Assi a charidade desejosa de gozar a presença de Deos, & temerosa do perigo de o perder, manda a fê q̃ crea; a esperãça, que sospire; às mais virtudes, que cada húa saye com seu acto pera este mesmo fim. A esperança vendo a difficuldade que ha em alcançar, & possuir o sumo bem manda a oração que peça. *Sic transeamus per bona temporalia, ut non amittamus eterna.* A fê metida na occasião de professar contra o tyrano, que Christo Senhor nosso he verdadeiro Deos, manda a fortaleza faça rosto a morte, & tormentos. A charidade do proximo vendo em necessidade, manda a misericordia acuda com esmola. Vendo a justiça o fallamente oprimido em juizo, manda a virtude da religião acuda com o juramento, & defenda o inocente. A virtude da castidade vendo-se em perigo da tentação, mada a penitencia castigue o corpo com disciplina, cilicio; manda ao ieijm q̃ tire o comer. Pera q̃ he mais a propria charidade he mada pella penitencia desejosa de satisfazer a Deos a injuria, q̃ fez a sua diuina Magestade, que saye com acto de contrição proprio da mesma charidade, por cujo motivo se exercita.

Mas venhamos a virtude da oração, de que particularmente pretendemos tratar. Sem duuida ainda que está prompta, & prestes pera obedecer a qualquer virtude, por pequena q̃ seja, pois todas della tem necessidade pera pedir, & alcançar de Deos

Deos auxilio necessario, com que se conseruem, & vão adiante em seus fins, com tudo quando vem a hola de seu turno, & mandando, que sempre deue ser a primeira do dia, ô como sahe imperiosa, que acompanhento traz com si; não ha virtude moral, nem ainda theoloyal de que não entre acompanhada a Deos; pera honra, & gloria do mesmo Deos; mandando a todas, obedecendo todas como Ayas a sua Raynha, como princezas a Imperatriz sua mãy. Diante de todas vay a Fè vestida de branco, & por seu mandado corre a cortina, & dá vista da maneira que nesta vida pode ser do grande Rey. Segue a adoração vestida de roxo, & posta de joelhos com cabeça inclinada, mãos levantadas faz que todo mais acompanhamento de virtudes faça o mesmo acatamento â diuina magestade. Logo a Esperança vestida de verde com desejos de chegar, & gozar. A mesma charidade Raynha das virtudes vestida de brocado aqui obedece, & entra ao Rey da gloria, não só pera amar, & abraçar, mas pera o honrar, com culto que a oração manda. Com a mesma obediencia, & intento entra a Castidade coroadada de flores, & dizendo ao diuino Esposo. *Osculetur me osculo oris sui.* respondendo o Senhor. *Columba mea, formosa mea, ostende michi faciem tuam.* *Sonet vox tua in auribus meis; vox enim tua dulcis, & facies tua decora.* A Penitencia ainda que com rosto desfeito, descolorado, & vestida de cilicio, & sacco, alouta na obediencia da oração entra, & he tambem recebida do author de toda fermosura, que o ceo lhe faz particular aplauso, & festa. *Gaudium est Angelis Dei super vno peccatore penitentiam agente.*

Cant. 1.

Cant. 2.

Luc. 15.

He materia infinita querer esgotar a jurdição, & imperio da virtude da Oração, pois como a todas as virtudes em casos particulares obedece, assi de todas he reuerenciada, & obedecida, como verá facilmente, quem por todas quizer nesta parte discorrer: que a nós obriga a breuidade rematar aqui este tratado, & passar ao seguinte das partes da Oração, ou religião.

so os

TRATA-

TRATADO XIII.

Da Meditação.

SOMOS chegados ás especies, ou actos particula-
res da virtude da religião, ou oração, q he o me-
smo. E porque segundo axioma de Philosophos, na-
da podemos querer, ou não querer, sem primeiro
conhecer, pô mayto fundamêto damos o primeiro
lugar ao acto da meditação que se exercita com o entendimen-
to pera melhor conhecer as mais especies, que se exercitão cõ
actos da vontade guiada do mesmo entendimento; tudo se verá
mais particularmente nos capitulos seguintes.

CAPITULO I.

Da Definição da meditação.

Colligindo a definição da meditação de varios autores, co-
mo S. Bernardo, Richardo de S. Victor, Thomas de Kempis
no tratado de *meditatione*, pode ser esta: *Meditatio est studiosa,*
& sibi mens animi applicatio ad investigandam aliquam verita-
tem fructuosam. Primeira particula, *studiosa*, he o mesmo que reli-
gião; porque pera ser meditação de que tratamos, & merecer
nome de oração he necessario nacer do affeito da virtude da
religião, que consiste em ser dirigida, & ordenada immediatamê-
te a culto, gloria, & honra de Deos, ou dos santos. Não se acha
este fim & extensão nas artes, & sciencias que se aprendem nas
escolas, ou sejam humanas, como Philosophia natural; ou diui-
nas, como Theologia scolastica, em cujos obiectos por mais q
se discorra, & medite como não he com affeito de religião, de
culto de Deos não poder ter lugar a meditação, de que falamos,
ainda que por outra via se aprenda, & exercitem por amor de
Deos, como por obediencia, &c.

Disse a sima que auia de ser ordenada immediatamente a me-
ditação ao culto de Deos; porque tambem as sciencias podem
ser ordenadas a culto de Deos, como se se aprenderem pera
effeito

effeito de entrar em religião, &c. mas como he culto remoto, & mediato, & não immediato, não são oração. He pois necessario quanto a esta parte pera a meditação se chamar oração, & ser verdadeiro acto de religião, que saye de affecto de orar, com o qual se pretenda meditando dar honra, & culto a Deos: ajusta esta tenção muito com a verdadeira meditação, porque ordinariamente se exercita por actos de Fé, que são muyto aptos pera com elles a alma professar sojeição a Deos, & se outros se acrescentão, ou sejam sobrenaturaes como os de sciencia, sapiencia, & doês do Spirito Santo, ou naturaes, todos se podem ordenar ao mesmo fim. Nem he necessario que se pretenda na meditação o culto de Deos com tenção actual, basta virtual, qual tem sem duvida todo o que se apresenta como por boa entrada no conspecto de Deos considerando com Fé viva a tenção deuota, & reuerencia deuida a Deos presente, & diante del- le, começando a oração. Mas como a tenção, & applicação actual seja de mór effeito pera alcançar este fim do culto de Deos, sabiamente ordenou nosso santo Padre Inacio, que a toda meditação precedesse oração preparatoria que he com que pedimos a Deos graça pera que todas nossas forças, que são as potencias da alma, & operações das mesmas sejam dirigidas sinceramente a seu culto, & gloria.

CAPITULO II.

Da vehemencia, & efficacia da meditação.

A Segunda parte da definição da meditação, que he *vibramens*, pede grande atenção, & efficacia da alma na meditação continua, contra vagueações de pensamētos, & distração dos sentidos. Por onde Richardo de S. Victor teve razão de definir a meditação. *Est prouidus animi obtutus, in veritatis inquisitione vehementer occupatus*. A necessidade desta força, & vehemencia, nasce primeiramente da repugnancia, que a alma pela vizinhança do corpo tem de sobir ao alto conhecimento das cousas diuinas: *Non nisi cum violentia sursum leuatur*, diz Kempis. Trazer a alma leuancada a Deos, he sustentar a pe- dra em alto, sustentar a embarcação contra a vœa d'agua.

Nace

Nace secundariamente das trevas, & distancia em que as verdades que se meditação estão escondidas, & alongadas, que he o profundo poço em que Democrito dizia estauão metidas. Deuêem pois os que meditação, fazerse toda a força, & violencia no fio da meditação, pera serem companheiros dos fortes combatentes, de que diz Christo nosso Senhor. *Regnum celorum uim patitur, & violenti rapiunt illud*; & ainda que hum se retire a lugares secretos, em que priue seus sentidos de obiectos que distraem, nem por isso se dê por vencedor, que nossa imaginação he de sua natureza tão desinquieta, que com as imagens que dentro em sy tem, fechados os olhos está vendo; tapados os ouvidos está ouvindo; apartado de conuersações conuersa; pratica trata de modo, que a triste alma estado retirada, & solitaria, sem querer se acha nas praças, nas ruas, & reboição do mundo; & ainda que esta força, & efficacia seja importante em todo o tempo muito mais ao principio da meditação donde o mais successo depende. Assim o entendia a alma deuota, quando pedia luz do meyo dia do Criador pera não começar a vaguear a pos criaturas, auendo que se começasse mal, não poderia caminhar, nem acabar bem, concorda com a doutrina desta parte da meditação a seguinte.

Matt. 23.

Cant. 1.

CAPITULO III.

Da applicação necessaria na meditação.

Terceira parte da definição da meditação he *applicatio*, a qual pede consideração vagarosa, & miada do obiecto que se medita ponderando sua natureza, propriedades, & circumstancias, causas, & effeitos; & se for authoridade, ou escriptura os sentidos verdadeiros, & varios que demanda, *scrutamini scripturas* dizia Christo aos Phariseos. E Dauid, *Da mihi intellectum, & scrutabor legem tuam*. E em outro lugar. *Ego autem in toto corde meo scrutabor mandata tua*. Richardo de S. Victor. *Meditationis est perscrutari occulta*. Officio de meditação he penetrar verdades escondidas. Assim a compara às espías que Moyses mandou espiar a terra da promissão, com regimento que vissem tudo,

Ioan. 5.

Psal. 118. n.

34.

Psal. 118. n. 69

do, & trouxessem fiel informação. Esta trazem a nossa alma os pensamentos diligentes, com que a meditação espia, & descobre o que passa nos objectos em que medita, & alenta a alma a seguir a empresa spiritual, & tomar posse da terra da promissão.

CAPITULO IIII.

Do discurso da Meditação.

A Quarta parte da meditação he, *ad inuestigandam*, a qual pede que a meditação seja discursiua, & se exercite com a terceira operação do entendimento, por onde disse S. Thomas, *Meditatio pertinere videtur ad processum rationis ex principijs aliquibus pertingentibus ad veritatis alicuius contemplationem.* Exercitase a meditação por rezoës, & discursos em que de hũas verdades se deduzem outras, & conuence nosso entendimento. Exemplo seja a meditação do fundamento dos exercicios de nosso santo Padre Inacio. O homem foi criado pera este fim, q̃ he louvar, & reuerenciar a Deos Senhor seu, & seruindoo salvar-se. As mais criaturas forão criadas pera ajudarem ao mesmo homem a alcançar o fim pera que foi feito: bem se segue logo que tanto se ha de ajudar, ou resguardar dellas, quanto lhe seruem pera alcançar, ou não alcançar este fim: & assi deno de meauer com indiferença, não pretendêdo mais saude que doença; não antepondo riquezas a pobreza; honra a afrontas; vida a morte; mas sô desejando, & escolhendo o que serue pera alcançar o fim. Deixase bem ver nesta meditação a inuestigação, & discurso do entendimento que de hũas verdades infere outras, com que se cõuence tomando da verdade do fim, & meyo que pera elle ha, o remate, & conclusão doutra verdade; que he a direiçã das operações da vida ao mesmo fim.

Podem estes discursos da meditação fazerse de varios modos; ou infringindo hũa verdade sômente d'outra; como esta. Os tormentos do inferno competirão com a eternidade de Deos sem nunca se acabarem; necessario he logo pera escapar de tão espantoso mal sofrer com paciencia os breues desta vida. Podê se tambem infringir muitas de muitas, desta maneira. Criou Deos

Tratado decimo quarto

os inimigos deus dos de varios doés de natureza , & graça, imortaes, tanto intellectuaes, no ceo empyreo; forão com tudo ingratos, fazendo destes mesmos beneficios armas de odio contra Deos, o qual em justo castigo sem respeito do que erão, do ceo os lançou em fogos eternos pera sempre; pois tendo eu recebido de Deos semelhantes merces de graça, virtudes, semelhança sua, &c. Evzando de tudo contra o mesmo Deos com mayores, & mais pecados, não só de odio, mas blasfemias, iras, luxurias, roubos, &c. Que posso esperar senão mayores castigos, mais profundos infernos, & com tudo Deos me espera, dá espaço de penitencia, que não deu aos Anjos, necessario he logo que me aprõeite desta liberalidade de Deos, & ponha termo a meus pecados; outras vezes se inferem muitas de hũa, como se vê neste exemplo.

Os que voluem as costas a Deos neste mundo por criaturas, padecerão no outro a terriuel pena que chamão de dano com que ficarão desenganados, de nunca por toda a eternidade auerem de gozar da face de Deos, em que todo bem se encerra; pera que queres pois alma minhã deixar a Deos neste mundo por criaturas vis, & baixas, que te não podem dar este summo bem, nem liurar do fumo mal; bem he que se fechem meus olhos a todo o obiecto mau, que te leua apos sy, auiso será grande meter em brenhas, & em desertos, por não conuersar com homẽs, entre os quaes se grangea tanto mal; necessario he mortificar o sentido do tacto com o cilicio, & disciplina; o gosto, com o jejum, & abstinencia; & perdoar a todo gosto da vida por não perder a verdadeira vida; & voltando a face pera Deos, & costas pera as criaturas assegurar a vista do mesmo Deos. Fazemse em fim os discursos da meditação infirmando hũa coisa de muitas deste modo. A grãeza do peccado mortal he tal que destrue fazenda, & honra; tira cetros, & coroas, como fez a Saul grande, & vida com varias enfermidades, que consigo traz; tira alegria, & paz da alma, mete em seu lugar os alimbramentos, & remorsos; & o que mais he, priva

de bẽs eternos, & mortaes. Ignorancia pois será o maior peccado, de bẽs eternos, & mortaes. Ignorancia pois será o maior peccado, de bẽs eternos, & mortaes.

grande peccado fugir, não euitar o peccado. (†)

CAPITULO V.

Da verdade do objecto da meditação.

A *Liquam veritatem*, he: a penultima parte da definição a qual declara a materia dos discursos da meditação; que são verdades, & não fabulas, nem mentiras, de que estão cheas as sciencias humanas. *Meditationem*, diz S. Agostinho, *illumina: reuelatio, ut veritatem cognoscat*. Não he necessario que sempre trate de discorrer em verdades novas; primeiramente pode considerar hũa, & outra vez as mesmas repetindo os mesmos discursos, como ordena nosso santo Padre na primeira romana dos exercicios, onde as primeiras duas meditações de pecados acrescenta duas repetições: & na primeira diz estas palauras. *Repetenda erunt precedentia duo exercitia, notatis punctis, seu locis, in quibus maiorem senserimus consolationem, &c.* Na segunda, estas. *Ponitur repetitio eiusmodi, veluti quedam eorum ruminatio, que meditatus sum in exercitijs prioribus, ut ea continuè reminiscendo, discurrat facilis intellectus sine diuagatione*. Como na ley escrita sò aprouaua Deos pera a mesa carne de animaes, que remodem, assi na ley da graça as almas de que mais se paga são as que repetem, & hũa, & outra vez considerão as mesmas verdades, que meditarão, do que aponta dous proueitos. O primeiro da vontade que de nouo se torna apascentar, & saborear do que hũa vez gostou. O segundo do entendimento que se facilita, & costuma discorrer sem vagueação de pensamentos.

Pode tambem meditar nossa alma nas mesmas verdades muitas vezes descobrindo novas rezoões, circumstancias, & proueitos, & por essa causa com novos discursos da maneira que Vincencio Lyoinense pede dos pregadores que digão, não *noua, sed nouè*; não nobidades, mas o mesmo com nouo modo. E assi o deu a entender nosso santo Padre Inacio na primeira repetição das alegadas com estas palauras. *In illis diuini, diligētiusq; immorandum erit*. Pois sempre a mór detença, & diligencia nos mesmos pontos, & lugares demanda mór conhecimento, & noticia da verdade, que contem.

Tratado decimo quarto

Mas de qualquer maneira que seja, das verdades que se meditam hũa são reueladas claramente por Deos, & por consequente de Fè, como são todos os mysterios que a Igreja nos propoem pera crer. Outras são conhecidas por conhecimento natural; como quando discorremos, & cudamos nos pecados cometidos contra Deos, na fermosura, & natureza das criaturas; variedade de animaes, elementos, plantas, &c. Outras se reduzem, & tirão facilmente dos mysterios de Fè, ou quadrã, & combinã com elles, de maneira que ficão prouaueis, & aptas pera materia de meditação, ou corrã por reueladas a algum santo particular, ou não; quais são estas. Que os soldados com impeto arremeteram ao Senhor no horto; deram cõ elle em terra, & lhe atarã os pulsos com cordeis delgados, & lançará barão a garganta. Nas quaes o arremeterem, & prenderem os soldados ao Senhor são verdades de Fè; as mais se deduzem, & cõbinã com a mesma fè.

1.º Dõde se colhe, que a meditação pode fazer discursos, ou de verdades todas de Fè; ou parte de fè, & parte das mais que apõtamos, como se verá nestes exemplos. Primeiro orou o Senhor em sua payxão com brados, & lágrimas por pecadores, & foi ouuido por sua reuerencia, que he o mesmo, que pelo respeito que se deuia à infinita dignidade de sua pessoa; sendo pois eu do numero de pecadores, rezão tenho de confiar, & crer, que também por mim foi ouuido, & fiquei perdoado. Segundo, foi o Senhor acontado por mandado de Pilatos; primeiramente com varas d'espinho; a que sucederão lategos chumbados; ultimamente cadeas miudas de ferro, que penetrauião atè os ossos; & como os acontes chegarã a numero de cinco mil, & o tacto do Senhor era o mais delicado dos homẽs pouco faltou pera espirar; mas tudo leuou em silencio como cordeiro; pois sendo elle innocente tanto sofre por meus pecados, eu peccador que he bem faça? No primeiro exemplo todo o discurso se compoem de proposições, & verdades de Fè. No segundo ser o Senhor acontado, calar como cordeiro innocente, são verdades de Fè; as de mais são prouaueis, que concordão com as de Fè, & algumas correm por reueladas a Santos particulares.

CAPITULO VI.

Do fruto da Meditação.

A Última particula, que he, *fructuosè*, tem o principal lugar como fim a que tudo o mais da meditação se dirige, & consiste no fruto, & affectos da vontade gerados do conhecimento da meditação, & proporcionados a elle mesmo. *Vltimum actibus intellectus, quando discurrimus, voluntatis, quando afficimur*; diz nosso santo Padre Inacio, annotação terceira. Ambas as potencias entendimento, & vontade concorrem na meditação. Entendimento discorre, & propriamente medita. Vontade sahe com affectos, & effectos do que o entendimento medita. As verdades meditadas, & discorridas conuencem o entendimento; este conuencido, vence, & move a vontade com qualquer dos dez affectos a alguma virtude proporcionada a verdade meditada, & discorrida, de modo que podemos dizer, que o entendimento leuanta a caça, vontade empolga nella; entendimento bate a pedra do deserto, vontade logra as doces agoas, que della sahem; entendimento lança mão a fructa, vontade a come; *Aseruam in palmarum, & apprehendam fructus eius; & fructus eius dulcis gutturi meo*. Daqui se vê que ainda que o entendimento seja primeiro, a vontade he a principal na materia de meditação, cuja nobreza he muito grande, pelo que tem de sy formalmente, que he ser discurso do entendimento; mas muito mayor pelos effectos que causa na vontade, que são os affectos das virtudes, como charidade, prudencia, humildade, &c. que tem o verdadeiro merecimento pera com Deos; & enchem, & fartam a capacidade de nossa alma, quanto nesta vida pode ser. Assi o diz nosso santo Padre Annot. 2. exercit. *Non enim abundantia scientia, sed sensus, & gustus rerum, desiderium anime explere solet*. Não se farta a alma com discursos do entendimento, mas com amor, & affectos da vontade.

Por onde a meditação pera merecer nome de oração, de que tratamos, não ha de ser especulativa; quero dizer, não

ha de parar sò no conhecimento das cousas que considera, contentandose de conhecer as perfeições diuinas, as circumstancias com que se obraram os mysterios de Christo; escudrinhando curiosamente sem mais fim, em que consiste a vnião do Verbo eterno com a natureza humana, &c. he necessario que seja pratica, que he o mesmo que dirigir-se, & ordenar-se a obra, & operação da vontade, & mais potências, & ainda exteriores quando for necessario.

Desta maneira tomou David Psalm. 1. na meditação, quando disse do varão justo; *In lege eius meditabitur die, ac nocte*; o verbo *Haga*, de que vza não sòmente significa contemplar com efficácia, & perseverança, mas ainda fahir a obra, quando he necessario; & he o que acrescenta: *Et eris tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in tempore suo*. A verdadeira meditação, que he a pratica, ou operatiua, he como aruore de fruto que acode a seu tempo, faze como fruto, com affeitos virtuosos da vontade. Meditação especulatiua não merece nome de oração; he aruore infértil; tem folhagem sòmente de discursos. Por mais que lhe quadrem as partes da definição, que a fima se explicaram, faltandolhe a vltima, *fructuosè*, he meditação vã sem fruto da vontade. Tal foi a dos Philosophos, de que fala S. Paulo ad Roman. 1. *Cum cognouissent Deum, non sicut Deum glorificauerunt, aut gratias egerunt; sed euaserunt in cogitationibus suis*. Foi sua meditação especulatiua, parou no entendimento, com que as criaturas se levantarão ao conhecimento de hum criador, mas não estenderam isto ao affeito de acção de graças, ou louvor do mesmo criador, & por isso foi vã.

E daqui se vê, quam bem disse Santo Agostinho. *Meditatio parit scientiam, scientia, compunctionem; compunctio verò est, quando ex consideratione suorum malorum, cor interno dolore tangitur*. Mas o que Santo Agostinho neste lugar limitou ao affeito da contrição nacido da meditação de pecados, estende nosso santo Padre a todo genero de affeitos, conforme a variedade de meditações, que aponta nos exercicios, como se verá em seu lugar.

E porque este fruto da vontade he o principal nesta parte, e em que se ha de fazer a mór força pera o fim que se pretende,

Psalm. 1.

Ibidem.

Ad Rom. 1.
S. Paulo.

de spirit. & a
piza, c. 50.

de, entre os preambulos que nosso santo Padre Inacio aponta, antes de se entrar na meditação, o ultimo he com que pedimos graça pera sabir com estes affectos. Assim o diz medit. 1. *ad principium. Secundum erit praludium, et à Domino id postulem, quod exopto, iuxta proposita contemplationis argumentum.* E assim ajustando em proporção os affectos com as meditações diz, que se ellas forem da resurreição, & gloria de Christo, se ha de pretender alegria, & gozo; se da payxão, lagrimas, compayxão, & dor; se dos pecados, vergonha, contrição, & confusão, que são affectos da vontade. He tão importante, & sustancial este fructo, que com ser a meditação propriamente obra do entendimento, por effeito tão alto q' causa na vontade lhe chama Dauid meditação da vontade. *Meditatio cordis mei in conspectu tuo semper.* E em outra parte. *Os meum loquetur sapientiam, & meditatio cordis mei prudentiam.* Onde não somente chama meditação da vontade, ou coraçãõ; mas ainda seus discursos, & practicas interiores faz exercicio de virtudes pelo affecto que a ellas causa na vontade; mas vejamos já tudo isto em algum exemplo, & meditação particular, que pode ser da Encarnação do Filho de Deos formada desta maneira.

Psal. 18.

Psal. 47.

Vendo a santissima Trindade muitos meys pera remediar o genero humano cahido no peccado; como era perdoarlhe por pura misericordia; criar outro puro homem, que satisfizesse por elle, posto que nenhum delles o podia fazer de justiça, ou encarregar este officio a algum Seraphim. O que tomou foi, que a segunda pessoa se fizesse homem, vnindo com siço a natureza humana cõ tão estreita união, que hum mesmo fosse Deos, & homem; pera que cõ os mōres quilates de justiça que podia ser, pagasse a diuida de nosso peccado, & merecesse a gloria, que por elle perderamos.

Atẽ aqui he obra, & discurso do entendimento, que qualquer Theologo especulatiuo sem animo de orar pode formar parando no conhecimento de verdade tão admiravel. Pera que seja pois oração, & meditação verdadeira de que tratamos, ajuntemos affectos da vontade, & primeiro de acção de graças. O Deos eterno graças vos dou infinitas por esta soberana traça, que inuentastes pera meu remedio, tomando sobre vos minha baixeza, pera me communicardes vossa alteza. Petição. Concede

Tratado decimoquarto

deime Senhor, que eu me humilhe pera vo, servir, como vos humilheis pera me remediar. Resolução, da virtude da charidade. Pois aqui chegou Deos por mim, farei daqui em diante, quanto puder por chegar ao mais alto ponto de amor pera com elle. Eisme aqui dedicado a vosso serviço, terei posse de tudo, pois me destes tudo. Admiração. O Deos de infinita magestade, como acabastes com vosso amar criaturas tão baixas com tão alto amor? Como inclinastes os céos à terra, & à vossa natureza infinita ajuntastes a finita? &c.

Com estes & semelhantes affectos de virtudes (de que adiante falaremos) proporcionados à meditação, que formar o entendimento, sahindo a vontade remata o discurso, fazendoo pratico, & fructuoso, & por consequente digno de nome de oração. Isto sem duvida quer nosso santo Padre, quando traça as meditações dos exercícios, de maneira que todas se rematem com colloquio, que não he outra cousa, que affecto, ou affectos da vontade, onde em fim hão de parar os discursos do entendimento. Assim se explica medit. i. ad fin. *(Porrò colloquij proprium illud est, vbi fit sicut amici sermo ad amicum; vel serui ad dominum, nunc gratia aliquid petendo, nunc culpam aliquam meam inculpando, interdum propria qualibet communicando, &c. Onde particularmente faz menção de petição, insinuação, de que se dirá em seu lugar, & resolução. E na meditação seguinte dos peccados pondo em praxe este documento, remata com estas palauras, Terminanda erit hac meditatio per colloquium exaltanda infinitam Dei misericordiam, & gratias pro viribus agendo, quod citam ad hunc usque diem prorogauerit, unde proposita in futurum nisi emendatione, &c. Onde aponta accões de graças, & resolução de não cahir ao diante; & ainda que*

Hebdom. 1.

nosso santo Padre aponta os colloquios, como termo, & fim de toda a meditação, não se ha de entender, que o mais della sejam discursos, de modo que toda a hora, que a meditação dura, discorra o entendimento, & só no fim se dê passo de fructo, cõ o colloquio à vontade; pois elle mesmo em varios lugares ensina q se usem os affectos, & se colha o fructo dos colloquios pelo corpo da meditação; como na do nascimento, cujo primeiro ponto, que he da vista das pessoas, remata com estas palauras, *Quid ad me redire emolumenti ex tali spectaculo possit, despiciam;* que

que não passe o espectáculo do entendimento sem fructo da vontade. E no segundo diz: *Secundum conficitur ex verborum, quæ ibidem fiunt apprehensione fructuosa*, usando da mesma palavra que temos em nossa definição.

Remata pois as meditações, sempre com colloquios; primeiramente pera mostrar, que depois de varios discursos passados toda a hora, a alma mais aferuorada deve recolher mais fructo de seus affectos; & tambem pera que pelo ultimo discurso rematado de necessidade com affecto, & fructo, entendamos quaes deuem ser os mais em toda oração; & nem por succederem hús a outros, deuem ir como desatados, & desemparados do principal, que he o fructo da vontade.

Aduirtale ultimamente, que ainda que o modo ordinario da vontade que he sair na oração com fructo de affectos virtuosos, seja precedente meditação actual, como dissemos, pode muitas vezes sair, ou entrar com o mesmo só com meditação virtual, que he equivalente a discurso. Como será quando o Spirito Santo como artifice principal toca o instrumento de nossa alma cõ bom pensamento, & juntamente desejo, v.g. da gloria, ou conhecimento claro dos peccados, & penas devidas, contrição, & arrependimento, ou fructo semelhante; porque então não sofre o affecto discursos. Tambem será quando nos succede trabalho, ou tentação, que força entrar na oração com petição, voto, ou outro affecto acomodado, & outros casos semelhantes. Meditação virtual he quando a alma pelo exercicio, de meditar, ouvir, ou ler as mesmas cousas muitas vezes, sabe ja o que ha pera discorrer, & sopondo o passado logo passa ao fructo, & affectos da vontade.

CAPITULO VII.

Do objecto da meditação.

TEm todas as sciencias, & artes seu objecto, que he o mesmo que materia, em q se empregão, & exercitão. Como a philosophia, os corpos naturaes: Arithmetica, numeros: arte de ouriuez, prata, & ouro; de oleyro, barro; de lapidario, pedraria. He a meditação arte, & sciencia, pede tambem seu objecto: he arte, &

Tratado decimo quarto

sciencia diuina auentejada ás mais artes, & sciências naturaes; deue seu obiecto ser diuino, & auentejado a obiectos naturaes. Este primeiramente he Deos imenso, eterno, infinito, trino em pessoas, hum em essencia; bastante por certo, pera elle sò como total, & principal encher a capacidade da virtude da meditação; & leuantar a alma a seu vltimo fim, que he elle mesmo: mas como este Deos por sua altura, & grandeza, excede tanto a capacidade de nosso entendimento, mal se poderá sobir ao topo aleuantado da escada de Iacob, em que está assentado sobre Cherubins, cercado de luz inacessiuel, sem degraos, os quais pelo mesmo caso ficam tambem obiecto da meditação, senão principal, ao menos como meynos pera chegar ao principal, que he Deos.

Ajuntando pois meynos com fim diremos, que obiecto da meditação primeiramente he Deos; & tambem os meynos por onde alcançamos seu conhecimento, & vniação; dos quaes hús são intrinsecos ao que medita, outros extrinsecos: & destes hús sobrenaturaes, outros naturaes; outros como portas, & entradas, outros em fim como termos.

Meyos intrinsecos, que possuiue, & tem dentro de sy o que medita, são graça, virtudes Theologaes, Fè, Esperança, & Charidade: & as moraes, Prudencia, Iustiza, Fortaleza, Temperança, com suas especies, & ramos. Doês do Spirito Santo, luzes superiores; & inspirações sobrenaturaes; em fim os actos virtuosos de nossa alma, entre os quaes se podem tambem contar, por contraposição os vicios opostos, que se meditão pera se enitarem, pera o mesmo fim, que as virtudes pera se adquirirem.

Meyos extrinsecos, sobrenaturaes, são primeiramente Christo Iesu medianeiro entre Deos, & nós: & os sacramentos, que instituiu; & os santos de que consta a Igreja militante; entre os quaes podem tambem entrar os Anjos, quanto ao estado de militantes, em que podião merecer.

Meyos extrinsecos naturaes, são todas as criaturas, que Deos fez; que podemos somar por esta ordem. Criaturas racionais, que são Anjos, & homés, quanto ao ser natural. Animas aereos, terrestres, maritimos; plantas, que se diuidem em eruas, frutices, qual he a vide; arvores, como oliueiras, platanos; miltois;

mistos, como pedraria, metaes, &c. Elementos, agoa, terra, fogo, & ar. Ceos, lúas, sol, & mais planetas, & estrelas.

Meyos que são como portas por onde se entra a Deos, são morte, juizo vniuersal, & particular, & purgatorio. Meyos pera o mesmo fim, como termos são dous; inferno lugar profundo, & horrendo habitado de danados, em que Deos por toda a eternidade se perde. Paraíso, lugar de dilicias habitado de Christo Rey, resuscitado, & da Igreja triumphante composta d'Anjos, & homês gloriosos, em que Deos por toda eternidade se goza.

Este he o obiecto todo da meditação, abundante materia em que se emprega, & enriquece com ganhos, & interesses muito mayores, que todos os que se grangeão nos tratos, & mercadorias da terra; com que fica tão senhora, & liure, que húa vez entra pelo ceo; & passeando as moradas eternas ouza chegar ao trono da santissima Trindade. Outras dece ao profundo do inferno, & vendo as penas, que nelle se padecem busca remedio pera as fugir. Já corre este mudo, sobe aos montes; dece aos valles; recrease nos bosques, & prados; penetra os ares, & mares; considera os monstros que nelle nadam. Já visita a lapa de Belem; já chora no monte Caluário; já se admira no monte Oliuete do Senhor que vai sobindo; já busca myrrhas, & incensos pera o honrar; em fim se mete nas sepulturas, & reuoluêdo as caueiras, & ossos esburgados dos grandes, & pequenos, desengana o mudo; he o que disse o Sabio, Sap. 7. *Cum sit vna, omnia potest, & in se permanens omnia innouat.* Sap. 7. Sem fahir da alma corre tudo, & sendo húa, tantas formas toma, quantas são as cousas, que considera.

CAPITULO VIII.

Da Meditação purgatiua, illuminatiua,

E vniuiua.

Diftemos a fua cap. 8. §. 1. que toda oração necessaria pera o tres estados, do incipientes, & perfeitos, se diuidia em purgatiua, illuminatiua, & vniuiua. Sendo pois meditação verdadeira oração, antes húa das principaes partes suas, necessariamente azemos de dizer que tem a mesma distincção, & como a

Tratado decimo quarto

toda em geral assignamos o objecto geral, que dissemos, assi conforme ás partes principaes de que elle consta; repartiremos as partes da meditação respeitando os estados de perfeição em que se acha; & a que leua.

Meditação purgatiua toma pera considerar de todo objecto vniuersal, o seguinte. Dos meyos intrinsecos, os pecados, & a virtude da penitencia. Dos meyos extrinsecos, naturaes todas as criaturas, em quanto dellas redunda motiuo de consideração de pecado, & offensa de Deos, ou castigo d'elle. Das portas Morte, luizo, & Purgatorio. Dos termos aquelle, em que pera toda eternidade se perde Deos, que he o inferno.

Meditação illuminatiua considera como objecto seu dos meyos intrinsecos, as virtudes moraes, prudencia, justiça, onde entra tambem a virtude da religião, fortaleza, temperança. Dos meyos extrinsecos todos os sobrenaturaes, que são Igreja militante composta de santos com sua cabeça Christo, nesta vida mortal, & sacramentos, &c. E os naturaes que são todas as criaturas em quanto dão motiuo de se tirarem dellas virtudes moraes, em que a seu modo resplandecem, como da formiga, diligencia; do Sol, obediencia; da terra, paciencia, &c.

Meditação vniuersal se occupa dos meyos intrinsecos nas virtudes Theologaes, Fé, Esperança, Charidade, doês do Spirito Santo; luzes diuinas, graça sobrenatural, &c. Dos extrinsecos nas criaturas em quanto nellas resplandecem as perfeições, & attributos diuinos, como sabedoria, bondade, poder, &c. Dos termos, o ultimo que he o paraíso, lugar de delicias com a Igreja triumphante, & sua cabeça Christo. A ella em fim cabe, por sorte o objecto principal, & quasi total, a que tudo o mais se dirige, que he Deos nosso Senhor, triplo, & hum. E assi fica dando o objecto repartido reparição á meditação de maneira, que como todo responde a toda, assi partes a partes com tal proporção, & ordem que como fora do objecto geral, não ha mais que meditar; assi cada parte tem tudo o que lhe pôde pertencer, esgotado deste modo o objecto da meditação, & a meditação do objecto.

Não se ha de entender esta distincção das partes da meditação de maneira, que tomando hum pera meditar a paixão, v.g. que pertence á illuminatiua; não possa na hora que medita, meditar tambem a purgatiua de pecados que chegarão a Deos a pa-

decer

decer por nos, & vnitiva de suas altezas, diuinos attributos, tão alheos das baixezas, que padece, & materias semelhantes; antes ordinariamente andão estas partes tão trauadas entre sy, que raramete se medita em obiecto de hũa, q̃ não entrẽ em as outras como se verã em seu lugar.

CAPITULO IX.

Da forma da meditação.

Pouco montará pera effeito de seu officio ter o ourinez laminas de ouro, & prata, senão souberse laurar della o anel, a cadea, a taça; pouco ao escultor ter madeira preciosa, senão tiuesse arte pera fabricar della a estatua, a imagem: de balde toma o barro fino na mão o oleiro, que não sabe tirar d'elle em sua roda a porcelana, o pucaro. Da mesma maneira pouco montará a alma que pretende meditar, ter obiecto, & materia que a siua apontamos, senão souber aplicar a forma com que medite. Se das laminas de ouro de Christo; de prata da Virgem não souber tecer cadeas ricas, que conuênção o entendimento, & atem a vontade, se da madeira preciosa dos mais santos, não souber laurar sentidos, & formar imagens dignas de adoração, & louuor. Se tomando nas mãos do entendimento o barro de nossa humanidade, não souber correr na roda da meditação a corrupção, & caueiras, ossos, cinza em que nos auemos de tornar. O que pois pretendemos he dar preceitos, & methodo de discorrer sobre o obiecto da meditação; assentar a forma sobre a materia, que são discursos sobre cada hũ dos obiectos, que apontamos, que he o que nosso santo padre Inacio chama pontos.

Assinaremos pois hũs como thesouros da meditação, de que possamos tirar varios modos de discorrer, varias formas de meditar, & porque com sua multidão não cause mais confusão q̃ clareza, podemos reduzir estes thesouros a numero de doze: cada hum d'elles tão rico, & copioso, que nunca o meditante tenha escusa de faltar discurso com que ocupe, & encha o tempo de meditações, por mais largo que seja. E o exercicio destes discursos

Tratado decimoquarto

discursos, será de maneira, que pera cada hum dos obiectos que tomamos pera meditar; ou nos ajudemos de todos os doze thesouros, ou somente de algũs: pois hũs obiectos pedirão outros, em outros sã algũs terão lugar, como no particular se verá. Somando pois estes thesouros em breue. O primeiro será de authoridades; segundo de ethimologia de vocabulos; terceiro de bẽs, & males intrinsecos; quarto de circumstancias extrinsecas; quinto, de semelhanças. sexto de exemplos; setimo, de contrapostos; oitauo de comparação; nono, de causas; decimo, de effeitos, decimoprime de repetição; decimofegũdo, do fim.

Assentada esta doutrina, resta explicar a ordem que na entrada, & exercicio da meditação, se ha de guardar, & deixando aduertencias, q pertencem a outros lugares, quanto ao presente, deue o contemplante primeiramente da copiosa materia, & variedade de obiectos, que a si ma apresentamos, escolher o que for mais a proposito ao intento de sua deuação: No qual, ainda que se não pode dar regra certa, com tudo acomodandonos às circumstancias de tempo, lugar, & ceremonias da Igreja. Do Aduento atẽ Quaresma he obiecto proprio, a Encarnação, Nascimento, infancia de Christo nosso Senhor. Na Quaresma sua paixão. No tempo paschal, que dura da Paschoa atẽ a festa da santissima Trindade, os mysterios da Ressurreição, Ascensão, vinda do Spirito santo, gloria do paraíso, Deos em quanto Deos. No demais tempo do anno, a vida restante de Christo, virtudes, regras de religião pera os que as professão. Em celebridades, em festas occurrentes por discurso do anno, o que nellas se celebra: como morte, em dia de Cinza: Purgatorio em comemoração de defuntos: Eucharistia em dia de corpus Christi: a Virgem nossa Senhora em seus dias, & os demais santos nos seus, &c.

Querendose a deuação do contemplatino, limitar aos dias da semana; o Domingo pede Eucharistia, Ressurreição, Deos em quanto Deos. Segunda feira, hum dos tres nouissimos, da via purgatiua; terça, quarta, & quinta, mysterios de toda a vida de Christo. Sexta, paixão. Sabbado, Virgem nossa Senhora. Restão occasiões, & oportunidades particulares, que parecem de sy mesmas apresentão nouo obiecto, por mais que a alma

tiuesse feito eleição de outro; como he a morte que succedeo de nosso irmão, que obriga meditar da morte; o sonho santo, da gloria, do paraíso, que com sua memoria, ainda acordados no se está adoçando o pensamento, & affeito, & não consente meditarmos no inferno, que antes de nos deitarmos estava afinado, ou em qualquer outro; se nos vemos em bosques, jardins, recreados de armonias de aues cantoras, à vista da immensi lade do mar, da fermosura do Ceo estrelado em noite serena; em templos armados, celebrados com musica, & officios diuinos, os obiectos, que naturalmente então conuidão são as mesmas criaturas, que logramos feitas como escadas, por onde sobimos a Deos, & paraíso, ou Deos, & sua gloria representada por estas criaturas. Não he necessario correr todas as circumstancias esperadas da meditação. Baite o dito pera conhecimento do que pretendemos, & deuemos fazer.

Escolhido pois assi o obiecto, comece a alma deuota abrir os thesouros que mostramos, ou todos, ou parte delles; & vá tirando como pedras preciosas os pontos de que mais se contentar, pera illustrar, & ornar com a arte da meditação o obiecto que tomou. Ponhamos exemplo. Escolhe a alma dos obiectos a Virgem nossa Senhora, abrindo os thesouros, a pedraria de que mais se pagou, foy do thesouro de semelhanças de todas as que representa as perfeições da Virgem, escolhe a roia, a oliueira, a palma: & discorrendo com arte de meditar por cada húa dellas sobre as perfeições da Senhora; da rosa toma a fermosura do corpo, & alma, a fragrancia de seu exemplo; Da oliueira, a fecundidade do fruto que della, & seu bendito filho sahe pera nos sarar. Da palma, a constancia com que perseverou ao pé da Cruz, & como palma, quanto mais batida, & perseguida, tanto sua fortaleza mais sobida, & leuantada: & assi com estas, & semelhantes considerações, que por discurso deste Tratado se irão vendo, se exercira a arte de meditar. E advertase, que não tem estes pontos numero certo a que se aja a alma sempre de limitar; porque se podem tomar, ou doze de cada thesouro seu, ou tres de tres thesouros; ou quatro, & cinco do mesmo thesouro, conforme a disposição da alma, & affeitos, que se sentem. Deixase bem ver a verdade desta doutrina do liuro dos
exerc-

Tratado decimoquarto

exercícios de nosso padre santo Inacio, que na primeira meditação de pecados, que chama de tres potencias, do thesouro de exemplos tira tres pontos. Na do inferno de varios thesouros finco; na da cea vltima de Christo, da mesma maneira seis, &c. Nós de tudo poremos exemplos, ainda que seja cõ meditações imperfeitas, ou sumariamente apontadas, & acabadas, mas bastantes pera proua desta doutrina.

C A P I T V L O X.

Do thesouro das authoridades.

Thesouro de authoridades, he o mesmo, que de sentenças pronunciadas, ou escritas de authores, que tem credito, & authoridade pera serem cridos, & com fruito fazerem fê nas verdades que se hão de meditar. E porque sentenças, & verdades pronunciadas por Deos, merecem diferente credito dos homêes, terão o primeiro lugar as authoridades diuinas, pois sahem da boca da summa sabedoria, & bondade, que nem se pode enganar a sy, nem enganar a nós. Achamse ellas primeiramente nas sagradas Escrituras, assi do testamêto velho, como nouo, que serue mais pera as materias, que frequentemente se meditação.

Tem as sentenças da Escritura debaixo de hũas mesmas palauras muitas significações, ou sentidos. Literal, allegorico, tropologico, anagogico. Primeiro he o que as palauras immediatamente significão; os outros tres, que todos se chamão spirituaes, são significados pellas cousas, as quaes, se representam; costumes da Igreja militante, tem sentido tropologico, ou moral; se representam, não costumes, mas crença, ou fê, he allegorico. Em fim se representam cousas pertencentes ao estado da Igreja triumphante, ou de qualquer materia da outra vida, ainda que seja inferno, se chama sentido anagogico. Exêplo seja esta voz *Hierusalem*, que em sentido literal he hũa cidade principal de Palestina. Em allegorico, Igreja fundada na ley noua. Em tropologico, alma adornada de virtudes. Em anagogico, Igreja triumphante, ou paraíso.